

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
MESTRADO EM DESIGN ESTRATÉGICO

ROGÉRIO DELANHESI

BAIRRO MOINHOS DE VENTO: CONSTRUINDO IDENTIDADES

Porto Alegre

2009

ROGÉRIO DELANHESI

BAIRRO MOINHOS DE VENTO: CONSTRUINDO IDENTIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design Estratégico.

Orientação: Profa. Dra. Ione Bentz

Porto Alegre
2009

Ficha catalográfica

D337b Delanhesi, Rogério
Bairro Moinhos de Vento: construindo identidades / por
Rogério Delanhesi. – 2009.

204 f. : il.; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2009.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Ione Bentz,”.

1. Construção do imaginário. 2. Espaço urbano. 3. Produção de
identidades. 4. Design estratégico. I. Título.

CDU 316.37:711.4

Catálogo na Fonte:
Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

Rogério Delanhesi

BAIRRO MOINHOS DE VENTO: CONSTRUINDO IDENTIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design Estratégico.

BANCA EXAMINADORA

Dijon Moraes Júnior (UEMG)

Paulo Edison Belo Reyes (UNISINOS)

Ione Maria Ghislene Bentz – orientadora – (UNISINOS)

“Estar entre estranhos é livrar-se em algum lugar de sua identidade ou sua definição: a presença do *outrem* organiza uma profundidade em torno dos objetos que percebo” (CAIAFA, 2007, p.92).

RESUMO

Este estudo busca desenvolver a compreensão do processo de construção de identidades do bairro Moinhos de Vento, considerado um espaço urbano, constituído por segmentos diferenciados em uma dada ordem de interações sociais. A compreensão de território como espaço de saber solidário amplia ---o seu potencial significativo, para além de sua identificação com determinados limites físicos formais. É nesse espaço que ocorrem os processos de construção do imaginário, fundamentais para a produção das identidades. Aqui são investigados fatores determinantes e relações invisíveis que possam influenciar no crescimento e desenvolvimento de um espaço urbano identitário. A partir das descobertas por eles propiciadas, pretende-se contemplar outro objetivo do estudo, que é o de perceber o bairro não como um objeto delimitado e estático, mas como uma realidade que se dá a perceber na dinâmica dos processos interativos e questionadores, e sempre em contexto. Esse objetivo pode ser alcançado graças à escolha de uma metodologia transdisciplinar capaz de percorrer diversas áreas do conhecimento, compartilhando saberes e desafiando alguns de seus conceitos próprios, cuja síntese resultou em novos aprendizados sobre ela própria e sobre o objeto de pesquisa. É dessa forma que se desenvolverá um olhar diferenciado sobre o bairro como uma possibilidade de contribuição, pelos seus resultados, em discussões sobre políticas de desenho e gestão dos espaços urbanos.

Palavras-chave:

Construção do imaginário, Espaço urbano, Produção de identidades.

ABSTRACT

This research aims to understand how the identity building process of the Moinhos de Vento neighborhood happens, once it is recognized as an urban area constituted of differentiated segments, all into a pattern of social interactions. The comprehension of the territory as a solidary knowledge field amplifies its creative potential - achieving beyond the physical formal boundaries. It is in this field that the imaginary processes emerge, so essential for the identities constitution. The study investigated the determinants factors and invisible relationships that may take influence in the growth and development of an identity urban area. By the discoveries revealed from these investigations, the research adapts its objective of study to the one which perceives the neighborhood not as a static and inflexible object but as a reality that takes place during the interactions and criticism processes, always analyzed inside their contexts. This target could be achieved thanks to the transdisciplinary methodology chosen that allowed to visit several areas of knowledge during the research period, sharing experiences and challenging some of its own methodological concepts - which synthesis resulted in new learnings about the methodology itself and about the research object. It is by these paths and discoveries that it could be developed a new interpretation of the neighborhood as a possibility of contribution by the results of political discussions about the design and the management of urban areas.

Keywords:

Imaginary building, Urban area, Identities production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do desenvolvimento da Pesquisa.....	47
Figura 2: Esquema sistêmico de desenvolvimento do processo metaprojetual.....	53
Figura 3: Agrupamento preliminar dos <i>insights</i>	56
Figura 4: Agrupamento final dos <i>insights</i>	57
Figura 5: Modelo de “iceberg”.....	59
Figura 6: <i>Iceberg</i> Bairro Moinhos de Vento: eventos.....	61
Figura 7: <i>Iceberg</i> do Bairro Moinhos de Vento.....	62
Figura 8: Cenários identificados pelas incertezas críticas priorizadas.....	63
Figura 9: Mapa sistêmico do bairro conforme estratégias robustas.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	12
1.1 PENSAMENTO SISTÊMICO: A FORMULAÇÃO DA BASE	12
1.2 SOCIEDADE: UM ESPAÇO DE CONTRADIÇÃO	21
1.3 CIDADE: UM ESPAÇO DE CONTÁGIOS	24
1.4 BAIRRO: UM ESPAÇO DE EMERGÊNCIA	29
1.5 IDENTIDADE: UM ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO	33
1.6 IMAGEM: UM ESPAÇO DE INTERFACES	39
1.7 GESTÃO: UM ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO	43
2 O DESIGN ESTRATÉGICO COMO METODOLOGIA E INTERPRETAÇÃO	47
2.1 CONCEITO E CONTEXTO	48
2.2 ESTUDO DE CENÁRIOS	54
2.2.1 Pesquisa <i>Blue Sky</i>	54
2.2.1.1 Aplicação <i>Blue Sky</i>	55
2.2.2 Planejamento de Cenários	57
2.2.2.1 Aplicação do Planejamento de Cenários	60
2.3 ANÁLISE DO CONTEXTO	70
2.3.1 Estudo de Caso	71
2.3.1.1 Pesquisa Etnográfica	72
2.3.1.1.1 Aplicação do Ensaio Etnográfico	74
2.3.1.2 Pesquisa <i>Survey</i>	76
2.3.1.2.1 Aplicação da <i>Survey</i>	77
2.4 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

Em uma visão ampliada de design, os movimentos sociais, a gestão das instituições e os diversos lugares das falas passam a ser investigados e a ganhar importância no desenho dos produtos e dos serviços em operações de natureza estratégicas identificáveis e, portanto, analisáveis. Um tipo de operação, dentre as várias que podem ser postuladas, é aquela que correlaciona operações e práticas de cidadania, que dependem, em larga escala, das ações e do lugar que as pessoas ocupam em dado território. A compreensão de território como espaço de saber solidário amplia significativamente o seu potencial significativo, para além de sua identificação com determinados limites físicos formais.

Na condição de morador de meio século no bairro Moinhos de Vento – e que com ele possui intimidade e laços afetivos - foi possível observar neste centro urbano características que são capazes de diferenciá-lo, ao mesmo tempo em que outras, latentes e vinculadas à segurança e ao comércio, permitem compará-lo a outros centros urbanos. Além disso, pode-se salientar a importância cultural que o bairro representa para a cidade, constatada na repercussão de fatos a ele relacionados, na sua presença constante nas diversas veiculações midiáticas da cidade, na valorização de seus imóveis e na recomendação que se repassa aos visitantes da cidade para que visitem o bairro, como forma de melhor conhecerem Porto Alegre. “Um dos sinais mais evidentes do prestígio do Moinhos na atualidade, está no fato de que a propaganda da maioria dos empreendimentos imobiliários e comerciais instalados em suas ruas faz questão de ressaltar que eles estão localizados na área mais nobre da cidade” (BISSÓN, 2008, p.11).

A nobreza do Moinhos de Vento tem raízes históricas que consolidaram a sua tradição – a primeira das duas palavras-chave para o entendimento da mística aristocrática do bairro; a segunda palavra é modernidade. Modernas, e maiores responsáveis pelo sucesso da região, são as suas atrações mais populares: seus parques, seus cafés e sua diversidade.

São essas as principais razões que permitiram identificar esse território como objeto de pesquisa com bom potencial para animar uma pesquisa empírica indutiva, e que poderá trazer como consequência um olhar diferenciado sobre o bairro e uma boa contribuição, pela eventual repercussão de seus resultados, nas discussões da gestão desse e dos demais espaços da cidade. Esta pesquisa tem como tema principal: “A identidade do bairro: interação entre frequentadores: moradores e não moradores”, problematizando a

partir das seguintes indagações: Existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Como operam os fatores aparentemente insignificantes? E, ainda: Como se realizam as interfaces entre eles e quais os seus efeitos? No desenvolvimento do trabalho, outras indagações foram levantadas, relacionadas aos temas problematizados, como, por exemplo, sobre a eventual força desse espaço no processo de construção de um imaginário capaz de identificar seus moradores e circulantes. Na busca de respostas, poderão ser revelados valores e relações invisíveis que influenciam no crescimento e desenvolvimento deste território urbano específico.

Pela característica complexa das interrogações sobre o objeto de pesquisa, houve a necessidade de abordá-lo através de uma metodologia transdisciplinar capaz de percorrer as diversas áreas do conhecimento, compartilhando e desafiando alguns de seus conceitos próprios para a construção de novos aprendizados que venham a repercutir sobre o conhecimento e sobre os métodos e ferramentas que respondam a descrições interativas dinâmicas e questionadoras.

A metodologia escolhida foi a do Design Estratégico que realiza uma releitura qualificadora do design, partindo do conhecimento de suas raízes e na recomposição dos fundamentos científicos e pragmáticos que o articulam. Poderão ser constatados na descrição da investigação (pág. 50) seus princípios fundantes: o metaprojeto - fase primeira dessa metodologia, que é utilizado como seu grande instrumento de inovação, e o sistema-produto entendido como o articulador dos processos de design.

Essa metodologia, além de contemplar a complexidade do *corpus*, observa os pressupostos epistemológicos do pensamento sistêmico, quais sejam, complexidade, intersubjetividade e instabilidade, relevantes para a abordagem que se pretende fazer. Ao longo da investigação, pode-se perceber que, para pensar nos termos desses pressupostos, era preciso flexibilizar crenças práticas muito básicas que, se mantidas, poderiam inviabilizar a possibilidade de trabalhar na dinâmica de um objeto sempre em contexto¹, em contraponto à visão de um objeto bem delimitado e estático à espera de um indivíduo pesquisador que o descrevesse.

¹ “Pensar o objeto em contexto significa pensar em sistemas complexos, cujas múltiplas interações e retroações não se inscrevem numa casualidade linear – tal causa produz tal efeito – e exigem que se pense em *relações causais recursivas*. Recursividade se refere aos processos em que os efeitos e produtos são necessários ao próprio processo que os gera. O produto é produtor daquilo que o produz” (Esteves Vasconcellos, 2007, p.114).

Para proceder à contextualização do objeto ou do problema, fez-se um exercício de ampliação do foco, possibilitando ver os sistemas de forma mais ampla. As primeiras perguntas foram sempre concernentes aos objetivos, ou seja: Em que condições acontecem os fenômenos que são focos do interesse? Como é visto relacionado com outros elementos do sistema? Assim, foi possível deslocar o foco exclusivo no elemento para o foco nas relações e esclarecer que contexto não significa simplesmente ambiente, mas se refere às relações entre todos os ambientes envolvidos. Essas premissas poderão ser verificadas quando da especificação da metodologia do Design Estratégico e da aplicação de suas ferramentas, mais especificamente no exercício que aparece no item Análise do Contexto em que se insere o *corpus* e a interação do conhecimento resultante desse método com as ferramentas e dados que exercitam o Estudo dos cenários futuros para o bairro, também indicado em seção própria. Desse modo, ao interpretar os diversos dados coletados, demonstra-se o modo como a aplicação da metodologia do Design Estratégico contribuiu para que se atingissem os objetivos da investigação.

Antecedendo a apresentação e discussão sobre a metodologia utilizada, é apresentada a fundamentação teórico-metodológica que embasou todos os passos do trabalho. Durante a investigação, houve uma interação constante, processual e sistêmica entre essa fundamentação, as ferramentas propostas pela metodologia, e dessas com os dados que a partir de sua aplicação, iam sendo coletados e trabalhados. Na organização final do trabalho, optou-se por apresentar de modo integrado os principais dados coletados e as análises feitas, procurando, dessa forma, preservar um dos pressupostos norteadores dessa pesquisa: pensar o objeto em contexto.

Esta experiência de pesquisa oportunizou também que fossem feitas algumas alterações na proposta canônica da metodologia do Design Estratégico (DESSERTI, 2007). Essas modificações foram testadas e validadas durante a investigação, e o resultado desse exercício heurístico é apresentado no Anexo E, na forma de um diagrama síntese.

Complementa-se a dissertação, trazendo, também nos Anexos, informações sobre o detalhamento do *corpus*, os passos de construção da metodologia e os principais dados coletados durante toda a investigação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 PENSAMENTO SISTÊMICO: A FORMULAÇÃO DA BASE

Nos tempos modernos, as ciências empírico-positivistas passam a funcionar à parte daquelas de elaborações filosóficas. Quebra-se aquela unidade originária ciência-filosofia, com a instalação de modelos de cientificidade, que descobrem que podem se bastar sem a filosofia. Essa cisão está na base da matematização da experiência. Já nos tempos de hoje, tem-se falado muito das crises vividas pela sociedade contemporânea, muitas vezes associando-as ao fato de a sociedade ter adotado a ciência como base de sua organização.

Por um lado, a tradução tecnológica dos conhecimentos científicos ampliou significativamente a eficácia do homem para viver nos mais variados ambientes. Mas é essa mesma tradução tecnológica desenvolvida pela ciência que está trazendo novidades em velocidade intensa, presentes simultaneamente em todos os pontos do nosso planeta, operando com expressivo protagonismo, por exemplo, no que se tem chamado de globalização. Esse fato está impactando fortemente a organização e as relações sociais, e exigindo de todos nós mudanças profundas na forma de estar no mundo. Começa-se a falar de um mundo excessivamente complexo e se acusa a ciência de não dar conta de responder às novas necessidades nele instaladas.

Neste contexto, o pensamento sistêmico entra na história porque a habilidade de conceituação está ligada à necessidade de ver forças maiores em jogo na complexidade e de construir descrições coerentes da totalidade de conjuntos complexos. “O pensamento sistêmico é o arcabouço que proporciona o desenvolvimento dessa habilidade” (ANDRADE [ET al.], 2006, p.35).

No interesse específico que se desenvolve neste estudo, teorias, métodos e ferramentas são utilizados para estimular um novo modo de pensar, por se acreditar que a ampliação e o aperfeiçoamento desses aparatos teóricos está na essência da construção do conhecimento humano, e que a epistemologia, síntese e fundamento dos processos de descoberta e inventividade, é que nos permite ensaiar as perguntas e formular as respostas que conduzem o ser humano ao conhecimento.

Dessa forma, para melhor justificar a escolha do pensamento sistêmico, como fundamento epistemológico desta investigação, julgou-se oportuno, em um primeiro momento, rastrear as formulações de duas teorias, a Teoria dos Sistemas e a Cibernética,

que entrelaçadas embasam essa investigação, para posteriormente, demonstrar o formato de sua aplicabilidade a partir da Heurística Sistêmica Crítica desenvolvida por Ulrich (1987).

A teoria dos sistemas conforme Luhmann (1997) considera o meio como fonte de instabilidade não neutralizável e ao mesmo tempo, o homem como fonte permanentemente geradora de problemas e criadora de complexidade. O autor entende os sistemas como sendo os mediadores entre a extrema complexidade do mundo e a pequena capacidade do homem em assimilar as múltiplas formas de vivência. Defende a existência de três sistemas: os sistemas vivos, os sistemas psíquicos ou pessoais e os sistemas sociais.

Para melhor compreender a definição dos conceitos de sistemas sociais, Luhmann realizou uma operação de abstração transpondo conceitos desenvolvidos em outros campos científicos – especialmente a biologia – para as ciências sociais e também refletindo profundamente sobre os diversos estágios pelos quais passou a teoria dos sistemas nas últimas décadas do século XX. Classifica esses sistemas em sistemas de interação – contato entre as pessoas, sistemas organizacionais – definidos por regras de pertencimento, e sistemas societais - que são considerados um tipo de sistema especial de sociedade, é o sistema social mais abrangente de todas as ações comunicativas apreensíveis (LUHMANN, 1997). A sociedade como um espaço de contradição, descrita a seguir, não se organiza apenas por um consenso normativo, mas por sistemas sociais ou políticos mais dinâmicos.

A reviravolta da abordagem teórica centrada no objeto (sistema) para uma abordagem teórico-diferencial – o reconhecimento da diferença entre sistema e ambiente, foi o fundamento e ponto de partida que, na interpretação de Luhmann, foi capaz de transformar a teoria dos sistemas, numa teoria universalista. O sistema é a forma de uma diferença, possuindo dois lados: o sistema (como o lado interno da forma) e o ambiente (como o lado externo da forma). O limite entre sistema e ambiente marca a unidade da forma e por isso não deve ser pensado nem de um lado nem de outro.

Nesse contexto, o autor defende a tese de que a teoria dos sistemas pode apresentar um novo design teórico na análise da sociedade, a partir da compreensão dos sistemas sociais autopoieticos, auto-referenciais e operacionalmente fechados. São auto-referenciais, pois passaram a ganhar uma precisão inovadora com o conceito de *autopoiesis* que Luhmann transporta da designação dada pelo neurobiólogo Maturana (1987). Assim, *autopoiesis* é um mecanismo reflexivo do próprio sistema que lhe permite o desdobramento auto-reflexivo, de forma a poder satisfazer as necessidades de plasticidade e estabilidade

das suas estruturas num contexto altamente complexo (LUHMANN, apud NEVES e SANTOS, 1997).

No curso desta investigação esses conceitos foram tornando-se mais claros, justificando primeiramente a utilização do termo: um *corpus* complexo, para posteriormente delimitar o zoneamento do bairro como um sistema operacionalmente fechado. Quando se utiliza esse termo, não significa isolamento causal, significa sim, o fato que nenhum sistema pode operar fora de seus limites. O ambiente não fornece vida para o ambiente. O ambiente não contribui para nenhuma operação do sistema, mas pode irritar (termo transposto da perturbação de Maturana) o sistema somente quando os efeitos do ambiente aparecem no sistema como informações e podem ser processados como tal. As irritações se dão sempre a partir das diferenciações.

Ao conceito de irritação, a teoria luhmaniana adiciona o conceito de acoplamento estrutural, entendido como “uma forma para interdependências regulares entre sistemas e relações ambientais, que não estão disponíveis operacionalmente, mas que precisam ser pressupostas”. Diversos exemplos de acoplamentos estruturais se apresentarão no decorrer dessa investigação: na análise da sociedade contemporânea (pág. 21), nas práticas de articulação registradas nos estudos da identidade (pág. 33), na descrição do ser conveniente no bairro (pág. 30) e na análise dos dados (pág. 80).

Ao compreender a sociedade como um sistema que se auto-observa e se autodescreve, a teoria sistêmica defendida por Luhmann entende que toda a comunicação² sobre a sociedade está ligada aos condicionamentos da própria sociedade. Por isso, entende o autor, o conhecimento sobre o mundo somente pode se dar através de uma operação teórica da observação da observação, semelhante à chamada cibernética de segunda ordem.

Da mesma forma que a partir de Luhmann foram trazidas as raízes da teoria dos sistemas, utiliza-se as proposições de Foerster (1972), citado por Vasconcellos (2002), na apresentação dos fundamentos da Si-Cibernética ou cibernética de segunda ordem para o melhor entendimento do uso que aqui se faz do pensamento sistêmico. Ao se utilizar acima o termo observação da observação, e relacioná-lo a uma segunda ordem, evoca-se a aplicabilidade da teoria da cibernética para os sistemas antropossociais, que apesar de lhe trazer vantagens, trouxe-lhe também alguns limites. Nesse primeiro momento, a cibernética

² Comunicação são operações sociais compulsórias constituíveis somente através de uma reticulação recursiva com outras comunicações, ou seja, elas não ocorrem isoladamente. Sua realização forma sistemas através da combinação seletiva com outras comunicações, na medida em que co-produz uma diferença em relação ao ambiente (LUHMANN, apud NEVES e SANTOS, 1997, p.28).

além de não ter desenvolvido o princípio da complexidade (MORIN, apud VASCONCELLOS, 2002, p.245), subordinou a comunicação ao seu comando, tornando-se uma ciência do controle organizacional e conduzindo à práticas tecnocêntricas, tecnomórficas e tecnocráticas.

Através dos estudos de Foerster, a cibernética que já realizava pesquisas interdisciplinares sobre sistemas auto-organizadores, passou a realizar experiências nada convencionais de ensino e aprendizagem. Com a contribuição de Maturana, que enfatizou não só a organização circular do sistema nervoso, mas também o fechamento estrutural da rede neural, fez-se que a cognição ficasse identificada com a vida.

A consequência natural foi assumir que as noções cibernéticas não eram independentes dos ciberneticistas, que elas não se aplicavam somente aos sistemas cibernéticos observados (sejam sistemas triviais³ - que são artificiais, sejam sistemas não triviais - que são naturais), mas também aos próprios cientistas como observadores. Ou seja, a observação do cientista estava relacionada às características de sua estrutura. Surge aí a concepção de Foerster de sistema observante, aquele em que o observador, incluindo-se no sistema que ele observa, se observa observando. Assim, ao fazer esse giro de auto-referência, a cibernética tomou-se a si mesma como objeto e surgiu a cibernética de segunda ordem, trazendo uma conexão não trivial entre observador, linguagem e sociedade.

Apresentadas as raízes das teorias, que em seus enlaces embasam o pensamento sistêmico como fundamento epistemológico desta investigação, encaminham-se, na sequência, algumas observações sobre a sua aplicabilidade.

O pensamento sistêmico é uma nova forma de pensar em termos de contexto e em termos de padrões de interações, dentro de padrões maiores de interações (CAPRA, 1992). Segundo esse autor, “há dois grandes fios: primeiro, o pensamento sistêmico é um pensamento contextual e, segundo, o pensamento sistêmico é um pensamento processual” (1992, p.50), o que corresponde às duas primeiras dimensões de um novo paradigma epistemológico, conforme Vasconcellos.

³ De forma bem simplificada, pode-se dizer que as máquinas triviais, dispoendo de uma entrada (variável independente), de uma saída (variável dependente) e de uma função (relação funcional), têm comportamento previsível e são independentes da história. Já as máquinas não - triviais são sensíveis a modificações de seus próprios estados internos, os quais vão se tornando diferentes à medida que elas funcionam, o que acarreta que seus comportamentos sejam dependentes de seu passado e, portanto imprevisíveis (VASCONCELLOS, 2002, p.243).

Já no entender da autora, além de ser um pensamento contextual e um pensamento processual, o pensamento sistêmico novo – paradigmático é também um pensamento relacional, no sentido de estar necessariamente relacionado ao sujeito.

Então, ao se falar de um pensamento sistêmico, está se falando de uma epistemologia que implica distinções do observador nas três dimensões: de um cientista que pensa – ou distingue – a complexidade, sem tentar simplificar ou reduzir, buscando entender as conexões; de um cientista que pensa – ou distingue – a auto – organização como característica de todos os sistemas da natureza e assume as implicações de distingui-la; de um cientista que se pensa – ou se distingue – como parte de todo e qualquer sistema com que esteja trabalhando, o qual se constitui (ou se constrói) para ele, a partir de suas próprias distinções (VASCONCELLOS, 2002, p.169).

Como principais características do pensamento sistêmico são destacadas aquelas de maior pertinência em relação ao objeto de pesquisa: Bairro Moinhos de Vento e ao exercício heurístico que será desenvolvido ao longo desta investigação. São elas: da parte para o todo; de objetos para o relacionamento; de hierarquias para redes; de casualidade linear para circularidade; de estrutura para processo; de metáfora mecânica para metáfora do organismo vivo e outras não mecânicas; de conhecimento objetivo para conhecimento contextual e epistêmico; da verdade para descrições aproximadas; de quantidade para qualidade; e, da ordem a partir da flutuação⁴.

Dentre as aplicações do pensamento sistêmico nos estudos das organizações e de suas relações, destaca-se para fins deste estudo, a Heurística Sistêmica Crítica desenvolvida por Ulrich (1987) que confronta a posição técnica dos planejadores e projetistas com a posição dos grupos sociais que são afetados pelo projeto.

Este destaque contribui para desenhar as operações da epistemologia escolhida para nortear essa investigação de um território e de um exercício heurístico que se desenvolveu através da metodologia do Design Estratégico.

Nos diversos questionamentos que surgiram quando do estudo aplicado ao *corpus*, verificou-se a necessidade de utilizar os fundamentos da Heurística Sistêmica Crítica, pois se investigaram operações complexas. Entre elas, pode-se destacar: a dos moradores e não

⁴ Ordem a partir da flutuação: num sistema em que são possíveis vários regimes de funcionamento, uma flutuação surgida em uma de suas regiões poderia invadir o sistema todo, fazendo-o saltar de uma para outra forma de funcionamento. É o que se chama de morfogênese ou gênese de novas formas. Surgiria uma nova ordem a partir da instabilidade, a partir de uma desordem, transitória, o que tem sido chamado de ordem a partir da flutuação (VASCONCELLOS, 2002, p.124).

moradores, a do público com o privado, e outras, talvez não tão perceptíveis em um primeiro momento, mas fundamentais no entendimento do espaço urbano.

A Heurística Crítica do Desenho (ou Planejamento) de Sistemas Sociais, ou simplesmente Heurística Sistêmica Crítica (ULRICH, 1987), é segundo Jackson (1991), provavelmente a primeira aplicação prática das idéias críticas dentro de um arcabouço metodológico sistêmico. A abordagem focaliza em planos e projetos, em sistemas sociais. Esses, normalmente, são imposições de planejadores sociais a pessoas não envolvidas diretamente na sua elaboração, mas que arcam com as suas conseqüências. Ulrich (1987, p.277) descreve a Heurística Sistêmica Crítica nos seguintes termos:

[...] é uma nova filosofia tanto para o pensamento sistêmico como para a filosofia prática, uma abordagem que almeja ajudar o cientista aplicado quanto a esta tarefa. Não busca provar porque e como a razão prática é possível [...] mas, ao invés disso, concentra-se em prover os planejadores bem como os cidadãos afetados com um suporte heurístico necessário para praticar a razão prática, isto é, estar aberto e refletir sobre a definição de problemas ou avaliação de programas sociais.

Em termos práticos, a heurística é um método para ser usado por planejadores e pelos cidadãos, para o exame crítico de um plano ou projeto sistêmico social, com vistas a revelar o seu conteúdo normativo. A expressão conteúdo normativo, no contexto da heurística, refere-se tanto às premissas de valor subjacente aos padrões de planejamento e modelos, seus critérios de validação, como aos critérios de avaliação das conseqüências sociais e efeitos colaterais para os afetados pelos planos (ULRICH, 1987). Ou seja, a Heurística Sistêmica Crítica foi projetada para ser emancipatória, através da introdução da consciência crítica no processo de elaboração de planos que afetam os cidadãos. Segundo Jackson (1991), Ulrich, para desenvolver a sua abordagem crítica, teve que se afastar das abordagens tradicionais das “ciências sistêmicas”. Nestas, as idéias sistêmicas são usadas somente no contexto da razão instrumental, para ajudar a decidir como fazer as coisas. Basicamente, as situações são consideradas em função de algumas variáveis que devem ser controladas. Já o propósito da heurística é o desenvolvimento das idéias sistêmicas como parte da razão prática, ou seja, devem servir para a construção de acordos em torno do que deve ser feito, subordinando, como já disse acima, as decisões técnicas aos aspectos normativos. Verificam-se no Estado do Rio Grande do Sul alguns formatos de sua aplicação, conforme descrito na seção gestão - um espaço de articulação (pág. 43).

Segundo Ulrich (1987), o problema chave das ciências aplicadas, em comparação com as ciências básicas, é a dificuldade em justificar seu conteúdo normativo no contexto

da aplicação. Essa dificuldade decorre do fato de que as ciências aplicadas afetam cidadãos que “não são envolvidos na justificação científica de uma proposição” (ULRICH, 1987, p.276). Esses (os cidadãos) estão ausentes nas justificativas das proposições das ciências empíricas analíticas, onde predomina a racionalidade instrumental técnico-científico.

Para superar o problema da justificação, o mesmo autor propugna uma mudança no conteúdo do que deve ser compreendido por justificação científica quando se trata de ciência aplicada. Sustenta que justificação, no contexto da razão prática, não é um assunto que possa ser restrito somente aos *experts* diretamente envolvidos (os planejadores). Deve ser uma tarefa comum, tanto dos envolvidos como dos afetados pelas conseqüências dos planos. Enquanto a justificativa científica tradicional se apóia na lógica dedutiva e no suporte das tentativas de falsificação - via experimentação empírica -, conduzida pelos envolvidos diretos (*experts*, cientistas, planejadores), a justificativa das proposições das ciências aplicadas (modelos, planos, projetos, etc.) não pode ser meramente factual. Deve ser fundada em um discurso racional cuja lógica da explanação deve provir da busca de condições para alcançar consenso racional. Ou seja, a justificação de uma proposição dependerá da aceitabilidade ou correção do conteúdo normativo da mesma, tanto pelos envolvidos diretos como pelos cidadãos afetados (ULRICH, 1987).

Conforme esse autor, as ciências sistêmicas oferecem um conceito central para entender o significado do conteúdo normativo e do conhecimento prático, como no caso da proposição de um plano ou projeto de um sistema social. Certas suposições na forma de julgamentos de fronteira, inevitavelmente, estão presentes em qualquer plano ou projeto de um sistema social. Tais julgamentos (ou delimitações) contemplam os “pressupostos dos projetistas acerca do que pertence à parte do mundo real a ser estudada e melhorada e aquilo que é externo ao alcance desse esforço” (ULRICH, 1987, p.278). Assim, a delimitação das fronteiras de um plano ou projeto contempla os argumentos de justificação. Ou seja, julgamentos de fronteira revelam o escopo de responsabilidades aceita pelos projetistas e planejadores na justificativa dos seus planos ou projetos perante aqueles que são afetados.

Nos estudos desenvolvidos por Jackson (1991), Ulrich critica, entretanto, a forma como as ciências sistêmicas têm tratado o problema da delimitação de fronteiras. Sua crítica se dirige ao descaso na apreciação do conteúdo normativo que inevitavelmente está contido na delimitação de um sistema. Segundo o autor, ou o tema é totalmente ignorado

ou é discutido somente como critério formal de modelagem. Complementa-se o raciocínio de Ulrich (1987), pela citação:

A linha que separa o sistema e o ambiente é uma ficção e infelizmente pensamos que é concreta. Portanto, as fronteiras não são sistemicamente concebidas como barreiras, mas sim como o 'lugar de relação' ou o 'lugar das trocas' entre sistema e ambiente (WILDEN apud VASCONCELLOS, 2002, p.207).

O autor advoga uma mudança de perspectiva na determinação das fronteiras de um sistema baseado em dois critérios: a) Todos os aspectos não compreendidos devem ser considerados parte do sistema até que sua importância tenha sido elucidada; e, b) A investigação das questões de delimitação não deve ser restrita ao “é” mas precisa sempre incluir o “deve ser”.

Segundo Ulrich, a racionalidade na delimitação das fronteiras de um sistema social não está tanto ligada ao que as fronteiras atualmente são, mas sim, do que deveriam ser em razão do propósito do modelo ou plano, e das suas consequências no contexto:

O conteúdo normativo da resposta à questão sobre o que as fronteiras deveriam ser não pode ser justificado pela referência aos dados disponíveis, para as fronteiras presentemente aceitas ou ao sucesso da ação proposital-racional. O conteúdo normativo pode ser justificado somente através do consenso voluntário daqueles que podem ser afetados pelas consequências (ULRICH, 1987, p.278).

Assim, segundo Jackson (1991), os três termos que compõem a denominação da metodologia (crítica, sistêmica e heurística) têm um significado bem definido na abordagem. A primeira delas, uma abordagem crítica requer que os planejadores de sistemas sejam transparentes para com eles próprios e para com os outros, - quanto ao conteúdo normativo dos pressupostos adotados para a confecção de um plano. Qualquer plano ou projeto de plano deve ser exposto à crítica e não ser apresentado como a única possibilidade científica objetiva.

A segunda abordagem, a sistêmica, significa a totalidade das condições relevantes inter-relacionadas, das quais dependem os julgamentos teóricos e práticos (essa concepção é derivada da filosofia de Kant, conforme Ulrich, 1987). Totalidades, nessa perspectiva, envolvem aspectos metafísicos, éticos, políticos e ideológicos. Qualquer tentativa de compreensão de um 'sistema total' é sempre altamente seletiva em termos dos pressupostos adotados. Assim, as idéias sistêmicas servem para refletir criticamente acerca

da falta de compreensão e parcialidade de todos os planos, projetos ou desenho(s) de modelos de sistemas sociais.

A terceira e última abordagem, a heurística é a denominação do processo pelo qual planejadores e cidadãos preocupados podem revelar os problemas que derivam dos pressupostos e verificar sua inevitável parcialidade (JACKSON, 1991). Fica claro, portanto, que o pressuposto central da heurística é de que, quando se trata de sistemas sociais, não é possível falar em termos de uma objetividade independente de julgamentos de valor. Quer dizer que planos e modelos não podem ser justificados a partir da suposição de que sejam uma consequência inevitável da realidade objetiva. A heurística parte da distinção entre aqueles que estão envolvidos em uma decisão de planejamento (clientes, responsáveis pelas decisões, planejadores) e aqueles afetados pelas decisões, mas não envolvidos com o planejamento (testemunhas).

Doze categorias críticas compõem a heurística; elas servem para revelar o conteúdo normativo do projeto ou plano social. Segundo Ulrich (1987), seu poder é mais bem revelado quando são formuladas em dois modos, no modo “é” e no modo “deve ser”, contrastando em seguida as respostas às duas perguntas. De acordo com o autor, o modo “é” almeja determinar as implicações efetivas do projeto de um sistema, à luz da resposta “deve ser”.

As doze questões no modo “é” podem ser sumarizadas do modo como segue: elas surgem de quatro grupos de questões que se referem respectivamente ao cliente, aos responsáveis pelas decisões, aos planejadores e aos cidadãos afetados pelas decisões. As questões relacionadas ao cliente interrogam sobre a fonte de motivação que flui pelo projeto em questão. O grupo de questões que diz respeito aos responsáveis pelas decisões interroga sobre a fonte de controle construído dentro do projeto. As questões relacionadas ao projetista interrogam sobre a fonte das habilidades (*expertise*) assumida como adequada para o projeto. O último grupo interroga acerca da fonte de legitimação do projeto. Existem três questões em cada grupo, relacionadas cada uma, a uma das categorias.

A primeira pergunta diz respeito à categoria ‘papel social’ dos envolvidos ou afetados pelo projeto, a segunda se refere ao ‘papel da preocupação específica’ no projeto e a terceira ao ‘problema chave’ ou questão crucial que determina os julgamentos de fronteira acerca das duas primeiras categorias (JACKSON, 1991, p.46).

Especificados os principais fundamentos epistemológicos do pensamento sistêmico escolhida como modelo basilar da investigação, apresentar-se-ão a seguir conceitos e

recortes teóricos relacionados ao *corpus*, com os formato contextual, processual e relacional, condizentes com os aprendizados e ensinamentos ensejados por essa metodologia.

1.2 SOCIEDADE: UM ESPAÇO DE CONTRADIÇÃO

Durante a modernidade, o espírito da tradição permaneceu estabilizado em diversos grupos sociais, segmentado em divisão dos papéis sexuais que mantinham um *status*; a igreja conservava forte ascendência sobre as consciências; os partidos revolucionários prometiam outra sociedade, liberta do capitalismo e da luta de classes. Já na sociedade contemporânea, esses elementos se desinstitucionalizam e ergue-se uma nova modernidade, desregulamentadora e globalizada, que se alicerça em três axiomas: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo.

O mercado, como o primeiro dos axiomas, carrega a crise dos modelos de desenvolvimento tanto do capitalismo como do estatismo, o que os leva a se reestruturarem a partir de meados dos anos 70. O estatismo acaba mostrando sua inabilidade para manejar sua transição para a Era da Informação enquanto, nas economias capitalistas, as empresas e os governos adotam medidas e políticas que, em conjunto, levam a uma nova forma de capitalismo caracterizado pela globalização das atividades econômicas centrais, pela flexibilidade organizacional e por um maior poder para o gerenciamento nas relações de trabalho. O segundo, a eficiência técnica, a partir das tecnologias da informação, atua remodelando as bases materiais da sociedade e induzindo à emergência do informacionalismo (CASTELLS, 1999) como base material de uma nova sociedade. Nesse sentido, pode ter uma importância igual ou maior à da Revolução Industrial.

O indivíduo, como terceiro axioma, alicerça essa sociedade contemporânea, reagindo através de movimentos sociais, como o ocorrido em 1968, contra a injustiça e o uso arbitrário da autoridade. Procura a liberdade necessária para a experimentação pessoal. Em essência, a dinâmica ocorreu através de movimentos culturais e não políticos, que buscavam a mudança de sua vida e não a tomada do poder. É por isso que, contrariamente ao que se pode pensar, os movimentos sociais⁵ não foram derrotados. Eles se retiraram deixando para trás uma alta produtividade histórica. Em sua luta, questionaram as bases

⁵ Movimentos sociais: “são ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (Castells, 2007, p.20).

profundas da sociedade e rejeitaram os valores estabelecidos; levantaram-se contra o patriarcalismo e marcaram a crise da família patriarcal e dos valores que vinham organizando a sociedade durante séculos. Conforme Castells (1999), os tradicionalismos religiosos e os nacionalismos foram rejeitados preparando, assim, o cenário para uma ruptura fundamental na sociedade.

No entanto, embora esses movimentos sociais fossem em princípio culturais e independentes das transformações econômicas e tecnológicas, seu espírito libertário influenciou, de forma considerável, a mudança para os usos individualizados e descentralizados da tecnologia. Sua cultura aberta estimulou a experimentação, com a manipulação de símbolos, e seu internacionalismo e cosmopolitismo estabeleceu as bases intelectuais para um mundo interdependente. Assim, durante o último quarto do século XX, a interação desses três processos - paralelos, mas independentes - produziu uma redefinição de poder, das relações de produção e de experiência (individual e social) que acabaram produzindo uma nova sociedade.

O poder, segundo Lipovetsky (2004), é agora exercido a céu aberto, mediante técnicas de extensão que permitem controlar a pessoa. “A escalada paroxística do sempre mais prolifera em todas as esferas do conjunto coletivo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 55). Por outro lado, para Baudrillard (2007), ele teria se hiper-realizado e, com isso, se dissipado na sua própria virtualidade. Apesar de vincular poder ao controle como pregava Foucault (1987) - na estrutura disciplinar do *panóptico* (onde poucos vigiavam muitos a partir da definição de um local) -, ele se transforma em uma espécie de infinita simulação de si próprio, descontínua e virtual. Pergunta-se, então "quem está por trás disso?" - o que, no entanto, não se consegue identificar. É como se redes de poder se alastrassem por infinitas simulações de si próprias, reproduzindo uma espécie de ponto sem origem, virtual e indeciso.

Parece evidente que a sociedade contemporânea precisa tratar com igual relevância o que está aparentemente conhecido, e por isso pretensamente esgotado. Existe na sociedade hipermoderna (LIPOVETSKI, 2004) uma grande sensação de insegurança, uma forte valorização do eu, assim como uma necessidade de policiamento de condutas dos indivíduos entre si e do indivíduo em si mesmo. Pelo bem estar de todos, as moradias estão cercadas de muros e de câmeras de vídeo. E não só elas. Os locais de acesso público também são vigiados, existindo sempre uma sensação de insegurança. Os indivíduos estão constantemente vigiando um ao outro para que cada um não saia do comportamento proposto como normal. Por sua parte, nas relações de produção, o que chega é aquém do

político: é tecnologia, comunicação midiática, economia, organização dos espaços urbanos, consumo e patologias individuais. Transforma a vida numa doutrina niilista, modifica o centro de gravidade temporal do futuro para a consagração do presente; é a passagem do capitalismo de produção para o consumo de massa, completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. A prioridade do presente se instalou mais pela ausência – de sentido, de valor, de projeto histórico - do que pelo excesso de bens, de imagens ou de solicitações hedonistas.

Em seu estágio passado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores; nos dias de hoje o capital viaja, numa mala com celular. Alguns dos habitantes do mundo estão em movimento; para os demais, é o mundo que se recusa a ficar parado. Os passageiros do navio Capitalismo Pesado confiavam que os comandantes do navio os levariam a um destino. No avião Capitalismo Leve, descobrem que a cabine do avião está vazia e que não há meio de extrair da caixa preta as informações sobre a viagem, o avião e os sistemas de segurança (BAUMAN, 1999). Na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores. Mas os corredores têm músculos flácidos e pulmões muito pequenos para correr velozmente. “A lista de compras não tem fim. Porém por mais longa que seja a lista, a opção de não ir às compras não figura nela” (BAUMAN, 1999, p.72).

Já o processo de conhecimento desse complexo mundo contemporâneo somente é possível, se filtrado pela experiência (individual e social) e pelo olho clínico da teoria dos sistemas sociais, como afirma Luhmann (1997). Mesmo entendendo a sociedade contemporânea como uma sociedade complexa, fragmentada e cada vez mais diferenciada pela especialização em subsistemas autônomos, como o econômico acima descrito, o social será apenas a interpenetração de diversos subsistemas. A sociedade para o autor é um sistema⁶ que se auto-observa e se autodescreve. Por isso, para se saber o que vale e o que não vale, é preciso escolher referências para o sistema, pois a realidade só se revela ao nível da observação de segunda ordem - princípio da cibernética de segunda ordem -, ao contrário do caótico vale-tudo pós-moderno de Lipovetski e de suas elegantes imprecisões.

Ao compreender a sociedade como um sistema que se auto-observa e se autodescreve, a teoria social sistêmica defendida por Luhmann entende que toda a comunicação sobre a sociedade está ligada aos condicionamentos da própria sociedade.

⁶ Sistema é um mecanismo de seleção de equivalentes funcionais que servem para reduzir a complexidade (LUHMANN, 1997).

Possibilita, assim, uma multiplicidade de descrições do mundo e de si mesma e, por isso, só pode descrever-se ela própria de uma forma que leve isso em consideração. A sociedade é, conforme Luhmann, um sistema policontextual. Mas isso não exclui conceber a sociedade, ou suas relações de observações, como sistemas. O conceito já apresentado de sistema suporta este tipo de hipercomplexidade talvez melhor do que a lógica bivalorativa convencional da verdade. A sociedade não pode mais se unir em torno de uma única correta descrição do mundo e de si mesma, mas, em vez disso, constitui seu mundo num *modus* de observação de seu observar, estruturalmente muito mais rico. Dessa forma, a socialização comporta dois lados, o da autossocialização do sistema fechado da consciência individual e o do efeito global que se dá pelos acoplamentos estruturais⁷ necessários na conservação do viver.

Nos acoplamentos estruturais da sociedade contemporânea, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro. As pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para serem admoestadas e censuradas, caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis. Ulrich Beck (apud BAUMAN, 1990) que cunhara o termo segunda modernidade fala de categoria zumbi, instituições zumbi, sistemas e subsistemas que estão mortos e ainda vivos: a família, a classe, a cidade e o bairro. Quer dizer, passa-se de uma era de sistemas de referência pré-determinados para outra de comparação universal em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual é endêmico.

1.3 CIDADE: UM ESPAÇO DE CONTÁGIOS

Entre os grupos de referência pré-determinados que, na esfera contemporânea passam a exigir uma universalidade autoconstruída, uma dessas instituições zumbi, a cidade, acumula, no seu crescimento, bens culturais, materiais e imateriais que forjam sua história, e, ao mesmo tempo, ela sofre com a pressão dos valores genéricos produzidos pela globalização. O que se pode perceber é que um dos efeitos da globalização, ao invés de produzir o fim do local, é levar as comunidades à confrontação com uma pluralidade de interpretações diferentes sobre o significado do mundo, formuladas a partir da perspectiva de tradições nacionais/regionais e civilizatórias diversas. O que ocorre, como já descrito no item anterior, é a manifestação dos dois lados da socialização: a

⁷Acoplamento estrutural é uma forma de interdependência regular entre sistema e ambiente (LUHMANN,1997).

autossocialização e o efeito global. E a cidade, que pode ser descrita, “como uma estrutura especialmente equipada para armazenar e transmitir os produtos da civilização” (MUNFORD apud JOHNSON, 2003, p.79), transforma-se em um ambiente de importantes reflexões.

Assim, a cidade enquanto tal possui uma dimensão utópica que lhe é imanente, por situar-se além da ordem natural das coisas. O lugar da cidade é *u-topos*. De resto quanto mais utópica uma cidade deveria ser, tanto mais difícil se tornaria chegar a ela e nela ingressar. Assim a cidade genuína não seria apenas utópica, mas também antiturística. Estaria presente na formulação: isola-se do espaço e move-se no tempo. A busca da utopia força a cidade à permanente superação e destruição de si mesma, sendo assim o local preferencial das revoluções. Ocorre que, no decorrer da modernidade, esse impulso utópico, essa busca por uma cidade ideal, enfraqueceu-se cada vez mais e foi paulatinamente substituída pelo fascínio do turismo (GROYS, 2002). Hoje, o impulso utópico mudou de direção, ou seja, busca-se o reconhecimento não no tempo, mas no espaço. A globalização substituiu o futuro como lugar da utopia.

Quando do surgimento de uma cidade, ocorre a provocação para o aparecimento de um povoamento espacial e para a produção de espaços sociais e públicos. A ocupação coletiva e heterogênea estimulada por uma mistura de habitantes, além das implicações cotidianamente discutidas (trânsito, violência, lixo), também traz para as cidades um trânsito de diversas formas de comunicação, que nelas interferem e as podem caracterizar. Assim, “Nova York: cidade da época dos cinemas, Tóquio: cidade da televisão e Moscou: cidade do século da pintura” (DANEY apud CAIAFA, 2007, p.19). Estas mídias tradicionais apresentam características distintas: o cinema reserva uma potência de arte e pensamento, patamar que a televisão frequentemente não alcança. Levando-se em conta, nesta observação, as diferenças destas mídias (posição da projeção, locais de projeção...) e seus diferentes tipos de produção (estilos, nacionalidades...), essa caracterização lhes traz uma marca e explicita um contexto histórico e cultural.

Já nos tempos de hoje, com a forte influência da Internet, uma nova forma de comunicação trabalhada pelo computador pessoal e seus aplicativos torna seu trânsito internacional, sem território, muito mais amplo e segmentado. A diferenciação se dá na sociedade e não mais entre as sociedades. A cidade como um espaço⁸ de contágio sente

⁸ Espaço: “O espaço se constitui através de interações, desde o imenso do global até o ínfimo da intimidade” (MASSEY citado em RODRYGUES y ALVARENQUE 2008, apud GARZÓN; MARTINEZ, 2008, p. 97).

esta influência, que provoca um confinamento familiar, ainda maior que o provocado pela televisão. O contato dos diferentes provoca um ambiente favorável à experiência da alteridade, comum nos centros urbanos; no entanto, as mídias de comunicação acima citadas estimulam o não contato e minimizam a criatividade destes processos subjetivos.

As cidades americanas tiveram em seu desenvolvimento grande influência dessa reorganização da comunicação que, em conjunto com a circulação-transporte, possibilitam o melhor entendimento dos seus movimentos. A partir do pós-guerra, os subúrbios se tornam independentes da cidade central que se esvazia e a figura central passa a ser o *shopping center*. A conexão entre eles é realizada pelos automóveis, desestimulando os investimentos no transporte coletivo. O automóvel representa a privatização da via pública, o isolamento do indivíduo, similar à ação da televisão em sua comparação com a ação do cinema: “a televisão está presente na autonomização do subúrbio familiar” (CAIAFA, 2007, p.23). Muda-se, assim, a face do país americano, e neste contexto, a cidade de Nova York é a exceção.

No Brasil, na totalidade de seus centros urbanos, esse fenômeno não aconteceu, pois o desenvolvimento de nossas cidades é posterior à chegada dos automóveis. Mais recentemente, algumas experiências de urbanização trazem traços da característica americana, exemplificando-se pela conhecida Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, que dessa cultura importou, inclusive, nome de condomínios e monumentos, contrastando com a heterogeneidade que encontramos bairros como Leblon ou Ipanema.

Nas cidades despovoadas, os encontros tendem a ser realizados em lugares fechados e homogêneos, tornando-se previsíveis e pouco criativos. A criação do coletivo acontece no repovoamento das cidades, em processos que são chamados por Caiafa (2007) de estratégias espaciais. A partir das afirmações da autora, pergunta-se: serão elas capazes de exercerem a força necessária para nos distanciar do presente, nos trazer um olhar diferente e um novo pensar? Somente a concentração e a circulação, possibilitando os encontros e os contatos pessoais, (re) estabelecerão nossa relação ativa com a cidade? Qual o nível de interferência da gestão dos espaços nessas estratégias especiais? Quando da interpretação e análise dos dados referentes a esta investigação do bairro Moinhos de Vento, reuniram-se subsídios que contribuem para responder a essas indagações.

As formas como as cidades resolvem seus problemas de circulação e dispersão também vão inevitavelmente caracterizá-las e muito definir sua vida social, pois a “cidade

só existe em função de uma circulação e de circuitos; ela é um ponto assinalável sobre os circuitos que ela cria e que a criam” (DELEUZE; GUATTARI apud CAIAFA, 2007, p.29).

Ao retomar o exemplo americano, na primeira década do século XX, o transporte público era a maior marca de suas cidades, representados pelos *elevateds railways*, metrô e *trackless trolleys*, que buscavam transportar as pessoas por caminhos que não interferissem nas circulações normais das cidades - suas calçadas e ruas, espaços vitais do convívio urbano. Após a primeira guerra mundial, com o predomínio dos automóveis e o financiamento de casas próprias, incentivou-se a migração para os subúrbios. Ao mesmo tempo em que se esvaziavam os centros urbanos, privilegiava-se a classe média que se isolava daquilo que a incomodava - as diferenças econômicas, os preconceitos e a insegurança. Esta incomodação, ou o contágio com o diferente, passou a ser minimizada e, assim, foram criadas forças antiurbanas e de segregação; esse fenômeno é chamado por Caiafa (2007) de gentrificação.

À medida que tratamos o transporte como um negócio - visão capitalista - e não como serviço, está-se caracterizando sua relação com a cidade de tal forma que poderá influir na construção da identidade deste espaço. O transporte privado, não subsidiado, possivelmente terá tarifas, horários e traslados que não contemplarão a totalidade dos interesses da população, principalmente, a menos favorecida economicamente. Dessa forma, o capitalismo, se em alguma versão pode promover mobilidade social, poderá no mesmo golpe produzir exclusão. Ainda conforme a autora, mover-se em uma cidade é uma experiência particular que envolve a geografia das ruas, a arquitetura dos prédios, os sons, as luzes e as vozes. Uma cidade define-se em grande parte pelas possibilidades de ocupação de seus lugares e pelo acesso a eles.

Na origem de uma cidade está um movimento, um deslocamento. Ponto de atração dos estrangeiros, não apenas para hospedá-los, mas para ofertar-lhes um lugar⁹ nesta mobilização, criando um grande espaço de exterioridade, local de alta produção de diversidades e de irritações que se dão a partir de diferenciações e comparações com estruturas internas do sistema. Já nos espaços fechados, aqueles dependentes de

⁹ Lugar: etimologicamente, a palavra lugar faz referência a um espaço que pode ser ocupado por um objeto. Pode-se ampliar este conceito, a partir da seguinte consideração: o lugar não é somente um território determinado por limites geográficos, é também imaginado como parte de uma experiência vital, de onde as relações entre indivíduos, geram formas de atuar, habitar, pensar, sentir e conhecer. O lugar, então, deve levar em conta outras dimensões da vida em sociedade (cultural, econômica, política, etc.), refletidas no cotidiano, como produto de experiências individuais e coletivas. A produção do lugar pode se relacionar com o território, a identidade (sentido de pertencimento) e o cotidiano (GARZÓN; MARTINEZ, 2008).

automóveis, ou representados pelos guetos, esta variedade se torna passiva, pois possivelmente não se transforma em experiência. Nesses locais, demarcados por identidades bem definidas, o desconhecido é uma variedade muda, com pouca possibilidade de interferência. Já nos espaços heterogêneos, inflados pela existência de transportes coletivos de boa qualidade, que expõem as pessoas ao contato e efetuam um grau de dessegregação, o contato é intenso e provocativo (CAIAFA, 2007). Na reflexão que se faz sobre estes frequentadores não moradores, chamados de *outsiders*, pergunta-se se eles se deixarão afetar por essa diversidade e em que grau de intensidade. Na busca dessas respostas podem ser revelados valores e relações invisíveis ou subjacentes que influenciam no crescimento e desenvolvimento dos espaços urbanos.

Importante registrar que nas conversações ocorridas nos próprios meios de transporte coletivo, encontram-se características que participam dos “dispositivos conversacionais: regras que organizam as trocas de palavras nas diferentes sociedades” (BRAGA apud CAIAFA, 2007, p.91). Nestas conversas, a experiência de alteridade se intensifica na variedade de assuntos dos outros, no confronto do que o indivíduo conhece e expressa de outros mundos possíveis, pois estar entre estranhos é livrar-se em algum lugar de sua identidade ou sua definição: “a presença do *outrem* organiza uma profundidade em torno dos objetos que percebo” (DELEUZE apud CAIAFA, 2007, p.92).

Sobre as conversações nas cidades, Gabriel Tarde (apud CAIAFA, 2007, p.98) distingue o que ocorre nas pequenas cidades e nos grandes centros urbanos: nas primeiras, as conversas, marcadas por particularidades, viram mexericos, enquanto nos locais de heterogeneidade, encontramos a fala de coisas comuns que, repetidas em diversos momentos por segmentos diferentes da população, gerarão um força social causada por esta progressão numérica de interlocutores, resultando em declarações menos estereotipadas. Contrário a esta posição se coloca Louis Wirth, também citado pela autora que destaca o empobrecimento da comunicação nos grandes centros pela falta de profundidade e conhecimento das análises presentes nos diálogos urbanos.

Diferente das cidades, o Estado se configura com o poder localizado no topo; renuncia a algumas funções para servir a axiomática mundial do capitalismo. Necessita de circuitos fechados, heterogeneidade disciplinada e espaços demarcados e privatizados. O Estado parece não suportar a viagem das cidades, caracterizadas pela horizontalidade. A gestão da cidade, talvez por isso, deve ser pensada diferentemente da gestão do Estado. Mesmo quando as pessoas são identificadas de forma individualizada, serão encaradas como elementos que assumem o estatuto de agentes de um determinado sistema social.

A aventura das cidades só vinga se é possível produzir o coletivo. A experiência da alteridade não sobrevive apenas nos meios privatizados, controlados e orientados pelo comércio. Garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferenciação sistema e ambiente, é condição fundamental para esse espaço de contágio. Na conceituação do bairro que se apresenta a seguir, assim como, na análise da gestão dos espaços urbanos (pág. 43) será possível aprofundar essa reflexão.

1.4 BAIRRO: UM ESPAÇO DE EMERGÊNCIA

Um dos locais mais consagrados pela produção do coletivo é o bairro, que não apenas opera sobre seu entorno, mas também sobre sua própria complexidade. Também eles serão vistos como uma rede de significados recorrentes e entrelaçados, como subsistemas capazes de produzir a autorreferência.

Segundo De Certeau (2000), a organização da vida cotidiana pode se dar de duas maneiras distintas. Primeiramente, pela identificação de comportamentos cujo sistema se torna visível no espaço social da rua, através das saudações, ritmos de andar ou dos modos como se valoriza ou não este ou aquele espaço público; segundo, pelos benefícios simbólicos que o frequentador pode obter, ou seja, de que forma ele consome o espaço público, ou pelo sentido que dá ao discurso com que relata suas iniciativas. Essas múltiplas percepções ou relatos têm suas origens na tradição cultural do frequentador, e não se acham jamais totalmente presentes em sua consciência. Aparecem de maneira parcial e fragmentada, através de como consome o espaço público. “O bairro aparece como um lugar onde se manifesta um engajamento social ou uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes), que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (DE CERTEAU, 2000, p.39).

Verifica-se a existência de uma regulação articulando um ao outro, esses dois sistemas acima descritos. Esta regulação é uma das formas com que De Certeau (2000) define conveniência. O frequentador passa a ser reconhecido e considerado pela sua contribuição à caixinha de conveniências do bairro, ou seja, apropria-se dele e é por ele apropriado. Ao renunciar à anarquia de pulsões individuais, o frequentador contribui com sua cota para a vida coletiva, com o objetivo de retirar dali benefícios simbólicos necessários ou desejavelmente protelados. Assim, por saber ser conveniente, o frequentador se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que

seja possível a vida cotidiana de múltiplas interações. Trata-se de um bom exemplo de acoplamento estrutural.

Podem-se ilustrar estas considerações com diversos conceitos sobre bairro. O primeiro deles, de Henri Lefebvre (apud DE CERTEAU, 2000, p. 41), assim se expressa: “é a porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado”; outros, também do mesmo autor, definem o bairro como um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano no qual ele é reconhecido; ou como um pedaço da cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado e o espaço público; ou ainda como a privatização progressiva do espaço público. O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro (casa, espaço privado) e o fora (calçada, espaço público). Esta característica do bairro lhe atribui um alto grau de importância para o entendimento da gestão dos espaços urbanos.

O público e o privado não são remetidos um de costas para o outro, como dois elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um do outro, porque, no bairro, um não tem nenhuma identificação sem o outro. Além disso, o bairro é um espaço de uma relação com o outro como ser social (...) sair de casa é sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social, o sair de casa é efetuar de tudo um ato cultural (DE CERTEAU, 2000, p.43).

O bairro também é o lugar de passagem de um pelo outro, que são pessoas nem íntimas, nem anônimas, mas vizinhas. Nele acontecem as práticas da vizinhança. A relação que liga o bairro ao trabalho é marcada no espaço urbano pela necessidade (máxima distância em menor tempo possível). O que se quer é melhorar a relação espaço/tempo. Conforme De Certeau (2000), em termos de comunicação, pode-se dizer que o processo (eixo sintagmático) leva a vantagem sobre o sistema (eixo paradigmático). No bairro, o sistema leva a melhor sobre o processo, pois introduz a gratuidade no lugar da necessidade. Assim, o caminhar no bairro desperta vários sentidos: o encontro casual com amigos e conhecidos, o cheiro das ruas, as lembranças da infância, o perfume das árvores, os inúmeros “segmentos de sentido”, um lugar de reconhecimento, entre outros. A etologia é um conceito que reúne os sentimentos difusos de estar no próprio território. Conforme o autor, a cidade é, no sentido forte, poetizada pelo sujeito que a refabrica para seu uso próprio, desmontando as correntes do aparelho urbano.

Os laços e vínculos que se estabelecem no contexto do bairro acabam por constituir uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível para todos os usuários, através de códigos de linguagem e de comportamento de seus usuários. A linguagem serve como

acoplamento estrutural entre comunicação e consciência. A linguagem mantém separadas comunicação e consciência, assim também bairro e indivíduos. A linguagem assim se realiza de modo a salientar-se artificialmente no meio acústico dos ruídos e no meio ótico dos caracteres escritos, algumas das múltiplas linguagens e mensagens que habitam o espaço coletivo urbano. O que o usuário adquire não é contabilizado; ele é trazido pelo costume, e não é senão a melhoria da maneira de fazer, de passear, de fazer compras. A prática do bairro implica aderir a um sistema de valores e comportamentos que força cada um a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem no seu papel. E o próprio corpo é o suporte de todas as mensagens gestuais. É um quadro-negro onde se escrevem – e, portanto se fazem legíveis – o respeito aos códigos, ou ao contrário o desvio com relação ao sistema dos comportamentos. O corpo na rua vem sempre acompanhado de uma ciência de representação de si próprio, cujo código é conhecido por todos os usuários, isso De Certeau (2000, p.49) trata também desse tema e designa conveniência como “o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua”.

O bairro atualiza também outros sentidos, como, por exemplo, o de um formigueiro, e também um fenômeno chamado emergência¹⁰. Ele tem no seu interior seus próprios sistemas emergentes, identificados nas calçadas, nas vizinhanças, nas praças, nos *shoppings* nos quais interagem de modo informal e improvisadamente os cidadãos que nele habitam. A ordem e a vitalidade dos bairros se definem também, e em grande parte, nesta forma social emergente. É o mundo das interconexões locais “conduzindo à ordem global; componentes especializados criando uma inteligência não especializada; comunidades de indivíduos solucionando problemas sem que nenhum deles saiba disto” (JOHNSON, 2003). O bairro é o conjunto das múltiplas interações locais que se misturam e formam a totalidade da vida urbana, apesar de ou ao lado de todos os planejamentos centralizados tipo *top-down*. É um exemplo de autorreferência e autopoiesis que só pode ocorrer num ambiente e somente com relação a um ambiente. É possível explicar, por exemplo, a emergência como mudanças das estruturas internas daqueles componentes que são utilizados para a constituição de ordens superiores.

¹⁰ A emergência é precisamente o “movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto” (JOHNSON, 2003, p.14). As formas de emergência são, então, aquelas que têm a qualidade de se tornarem mais inteligentes, mais adaptáveis e mutantes ao longo do tempo. O comportamento emergente, segundo Johnson, é uma mistura de “ordem e anarquia”. Assim, entre as principais regras de um sistema *bottom-up*, encontra-se a incessante tarefa de prestar atenção nos vizinhos.

Segundo Johnson, o bairro como um sistema emergente é um padrão no tempo, ou seja, “a cristalização de um fenômeno *bottom-up* que se mantém no tempo”, sendo assim uma das principais leis da emergência. O bairro é um momento, um ponto de conexão ou convergência, um ponto de atração onde os circuitos se reúnem momentaneamente e ela se produz precisamente por aí. O bairro atrai antes de conter; desenvolve-se de forma horizontal.

Também é ainda possível avançar na compreensão de um sistema emergente, de tal sorte que pode ser comparado ao conceito de ordem a partir da flutuação, citado na página 16, que, entre outras semelhanças, define-se como uma flutuação que surgida em qualquer de suas regiões poderá invadir o sistema todo, fazendo-o saltar de uma para outra forma de funcionamento. Essas relações de operadores de diferenciação é que fazem o indivíduo conviver com um mundo que ele não vê, e essa exposição à diversidade pode levar o homem à subjetividade. Esta operação interativa é estimulada pela mistura urbana e pelos diversos fluxos que atravessam um bairro, lugar onde o poder central se dá pelo estabelecimento de hábitos.

Esta diversidade, conforme Jane Jacobs (2000) é gerada por quatro condições. A primeira delas é que, sem dúvida, a rua tenha o maior número possível de segmentos na sua composição. Deve atender a mais de uma função principal, como, por exemplo, a de morar ou a de fazer negócios. Estas funções devem garantir a presença de pessoas que saiam de seus escritórios e casas em horários diferentes, e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas que sejam capazes de utilizar boa parte da infra-estrutura, das circulações e dos equipamentos. A segunda das condições destacada pela autora é que deve haver alta densidade de pessoas, independente de suas intenções, incluindo obviamente um alto percentual de moradores. Escreve a autora:

Para a autogestão de um lugar funcionar, acima de qualquer flutuação da população deve haver a permanência de pessoas que forjaram a rede de relações do lugar. Essas redes são o capital social urbano insubstituível (JACOBS, 2000, p.150).

Outra condição, a terceira apontada por Jane Jacobs (2000), descreve-se por um fator físico, qual seja, a maioria das quadras deve ser curta, provocando uma circulação não linear e descontinuada. A frequência de possibilidades de contato se alia à última das condições que determinam essa diversidade exuberante capaz de referenciar um espaço público: uma combinação de edifícios com propriedades de estados de conservação variados, prédios antigos, novas construções gerando rendimento econômico variado. A

mesma diversidade que pode levar o indivíduo à subjetividade convive em uma sociedade contemporânea que sofre com as chamadas crises de identidade, como se fosse possível perpetuá-las nesta situação. Os padrões e configurações desse ambiente que se chama: sociedade, não são mais dados, e menos ainda são auto-evidentes. São múltiplos e variados e se entrecrocaram, contradizendo-se em seus comandos conflitantes. Os conceitos, assim como os bairros e as identidades, são zumbis, mortos vivos, e se modificam numa dança com as políticas da vida (HALL, 2001).

1.5 IDENTIDADE: UM ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO

Diante da complexidade que envolve o tema (substantivo) identidade, faz-se necessário estudá-lo. Tratá-lo como verbo (identificar) talvez pareça ser o melhor caminho, na presente investigação. Quando são analisadas as concepções de identidade que Hall (2001) nos apresenta - a) sujeito do iluminismo: individualista e masculino, b) sujeito sociológico: interativo e pertencente e, c) sujeito pós-moderno: móvel e descentrado, verifica-se, ao mesmo tempo, a simplificação dos conceitos e a importância da vinculação da identidade com os lugares objetivos do mundo social e cultural em que se insere, como, por exemplo, as cidades e os bairros.

As sociedades contemporâneas são diferenciadas das sociedades tradicionais pela velocidade com que as constantes mudanças acontecem. Mas, quais são os fatos que provocaram essas mudanças? Quais as formas que adquiriram após essas mudanças? A partir dessas questões, é possível constatar um universo aberto e em gestação, no qual há dificuldade em centrar o homem em um lugar/espço no mesmo espaço/tempo. Se a estrutura da identidade está permanentemente aberta, qual o corte que se precisa fazer para melhor entender esta interação? “Uma vez que a identidade muda de acordo como o sujeito é interpelado e representado, a identificação não é automática” (HALL, 2001, p.21). A descentração do sujeito pós-moderno que recria novas identidades a partir de pontos nodais particulares de articulação é uma das características da globalização. É paradoxal constatar que, no mesmo instante, este movimento provoca uma necessidade de pertencimento a uma cultura mais próxima, de sua comunidade ou de seu bairro. Mesmo quando se identificam pessoas individuais, a sua participação no processo é sempre encarada como a de elementos que assumem o estatuto de agentes de um determinado sistema social.

Têm-se agora os elementos analíticos necessários para especificar o conceito de articulação. Uma vez que toda identidade é relacional - ainda que o sistema de relações não chegue a ponto de se fixar como sistema estável de diferenças -, e que todo discurso é subvertido por um campo de discursividade que o transborda, a transição de elementos (diferenças ainda não articuladas-construídas discursivamente) nunca pode ser completa. Conforme Laclau (1990), o status dos elementos é o de serem significantes flutuantes, impossíveis de serem inteiramente articulados a uma cadeia discursiva. Mas se aceitarmos o caráter incompleto de toda fixação discursiva, o caráter ambíguo do significante - sua não-fixação a qualquer significado - só pode existir na medida em que haja uma proliferação de significados. Não é a pobreza de significados; pelo contrário, é a polissemia que desarticula uma estrutura discursiva. É isto que estabelece a dimensão sobredeterminada simbólica, de toda identidade social. "A sociedade nunca consegue ser idêntica a si, já que todo ponto nodal se constitui no interior de uma intertextualidade que o excede" (LACLAU, 1990, p.53). A prática da articulação, portanto, consiste na construção de pontos nodais que fixam parcialmente o sentido.

A construção de uma identidade exige, antes, a passagem pela identificação daquilo que lhe é exterior, que a antagoniza, símbolo do seu não-ser. Em dadas condições, essa representação simbólica do outro (que de modo algum significa que não haja um referente do antagonismo, mas sim que nem a identidade antagonizada nem a antagonizante são puramente positivas) pode ser partilhada por outras diferenças.

Caso se venha a concluir que as identidades, antes plenamente unificadas, agora se tornaram totalmente deslocadas, estamos simplificando um movimento complexo. O sujeito contemporâneo funda uma nova forma de individualidade¹¹ e de identidade. O que se apresenta na era contemporânea é um indivíduo liberto de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, características da era pré-moderna. Observa-se que, se por um lado, o sujeito moderno é indivisível, por outro lado, é também uma entidade: singular, única e distintiva.

¹¹ Individualidade: conceber indivíduos como produto de suas ações, como máquinas históricas auto-referenciais, que com cada operação própria determinam a situação de partida para novas operações e que só podem fazer isso através de suas próprias operações (LUHMANN, 1975).

Os fatos ocorridos na cultura ocidental - que constavam em uma das perguntas iniciais deste item - contribuíram para a emergência de nova concepção. São eles: a Reforma, o Protestantismo e o Humanismo Renascentista (o homem no centro do universo); Descartes e a filosofia moderna (dualismo matéria e mente - homem); John Locke - Ensaio sobre a compreensão humana (a identidade da pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir atrás). Aparece então “O homem da modernidade, assim, em dois sentidos: sujeito da razão, conhecimentos e práticas e aquele sujeito a estas práticas” (FOUCAULT apud HALL, 2001). A partir, da Revolução Industrial, o homem tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno, a que Flusser (2007) chama de homens fabris. Emergiu neste momento uma discussão sobre a identidade deste homem mais social, identificado no interior dessas grandes estruturas da sociedade moderna.

Além destes fatos citados, relações percebidas e outras a serem percebidas fizeram com que as novas identidades passassem a ter poder e provocassem ou interagissem com mobilizações sociais.

Como argumenta Anthony McGrew (2001), a globalização é a compreensão daqueles processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, transformando o mundo em realidade, em experiência, mais interconectado. Essas características temporais e espaciais são os aspectos que mais afetam as identidades culturais (CASTELLS, 1999). São identificadas três consequências deste afetamento: a desintegração das identidades nacionais, o reforçamento das identidades nacionais e regionais e o surgimento de identidades híbridas. Ao analisar os impactos da globalização, deve-se referir a compreensão do espaço-tempo, pois são as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. A moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. É o caso de geografias imaginárias - criadas, por exemplo, por imigrantes alemães, em nosso país - que reproduzem costumes, mantêm a língua alemã viva em seus diálogos e se referem ao novo lugar de morada como *Heimat*. A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar. Ilumina este comentário o texto abaixo de Magnoli (2002):

Não existe Geografia sem História: o espaço geográfico é um produto social gerado pela atividade produtiva e pelas idéias que, ao longo do tempo, se

materializaram sobre a superfície do planeta. A globalização atua sobre espaços herdados de tempos passados, remodelando-a em função das novas necessidades (MAGNOLI, 2002, p.6).

As identidades nacionais permanecem fortes, se relacionadas a questões legais e de cidadania, mas as identidades locais e comunitárias têm-se tornado mais importante. Os fluxos culturais criam a possibilidade de identidades partilhadas entre pessoas que estão distantes uma das outras no espaço e no tempo. As pessoas socializam-se e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade ou o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais se relacionam com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo parâmetro muito diversificado e dando margem a interpretações alternativas (CASTELLS, 1999).

Fica constatado o ressurgimento da comunidade basicamente estabelecida no âmbito local. O provável argumento dos autores comunitaristas é o de que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, com o passar do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal. Para que isto aconteça, Castells (1999) defende a hipótese da necessidade de um processo de mobilização social, isto é, mobilizações nas quais as pessoas precisam participar de movimentos urbanos pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, nos quais a vida é de algum modo compartilhada – e assim - um novo significado pode ser produzido.

Esses movimentos direcionam-se, conforme Castells (1999), a três tipos de metas: 1) necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; 2) afirmação de identidade cultural local e 3) conquista da autonomia política local. Combinados em diferentes proporções e caracterizados pela diversidade de suas localidades, os movimentos sociais que resultam são distintos. Produzem significados não apenas para os atores sociais, mas, também, para toda a comunidade. Esta constatação não é válida somente para a duração do movimento, mas para a memória coletiva da comunidade.

Exemplifica-se trazendo para análise, novamente, os movimentos do final dos anos 70 e início dos 80. Diante do fracasso dos movimentos políticos contra a exploração econômica, a dominação cultural e a repressão política, não restaram alternativas ao povo, senão render-se ou reagir com base na fonte mais imediata de auto-reconhecimento e organização autônoma: seu próprio território. Comenta o autor:

Assim surgiu o paradoxo das forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo estruturado por processos cada vez mais globais. Houve a produção de significado e identidade: minha vizinhança, minha comunidade, minha escola, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha capela, minha paz, meu ambiente. Contudo esta foi uma identidade defensiva, uma identidade de entrincheiramento no que se entende como conhecido contra a imprevisibilidade do desconhecido e do incontrolável (CASTELLS, 1999, p.80).

Poder-se-ia perguntar: o que aconteceu daquela época aos dias de hoje? Do ponto de vista empírico, a resposta é muito variada. Estão sendo observadas culturas distintas em diversas regiões do mundo. Castells (1999) reúne as principais trajetórias dos movimentos urbanos das décadas de 80 e 90 em quatro grandes grupos. O primeiro deles encontra-se exemplificado nos movimentos urbanos e seus discursos, atores sociais e organizações, os quais se têm integrado na estrutura e na prática do governo local, de forma direta ou indiretamente, por um sistema diversificado de participação dos cidadãos e de desenvolvimento da comunidade. Dessa forma, mesmo que liquide os movimentos urbanos como forma de transformação social, reforça-se o governo local, oferecendo a possibilidade da existência do Estado local como exemplo significativo de reconstrução do controle político e do significado social.

No segundo, as comunidades locais e suas respectivas organizações têm alimentado as bases de um movimento ambiental influente e amplamente difundido, principalmente em áreas ocupadas pela classe média, assim como nos subúrbios e em regiões interioranas urbanizadas. Na maioria das vezes, esses movimentos apresentam uma natureza defensiva e reativa, preocupando-se exclusivamente com a conservação de seu próprio espaço e ambiente imediato.

O terceiro tipo de movimento, conforme Castells (1999), é caracterizado por um grande número de comunidades de baixa renda em todo o mundo as quais se engajaram em um projeto de sobrevivência coletiva, como é o caso das cozinhas comunitárias que surgiram em países da América do Sul na década de 80, e nas áreas habitadas pelas classes operárias nas cidades asiáticas. Na base da solidariedade e reciprocidade, fundamentam-se geralmente em torno de igrejas, sustentadas por organizações não governamentais (ONGs) financiadas por recursos internacionais e, às vezes, com o auxílio de intelectuais de esquerda.

Essas comunidades locais organizadas têm desempenhado um papel fundamental na sobrevivência diária de uma parcela significativa da população urbana mundial, que se encontra no limiar da fome e da doença. Na maioria desses casos, surge efetivamente uma identidade comunal, embora essas experiências sejam comumente incorporadas a uma

crença religiosa, relacionadas à consciência de ser explorado e/ou excluído. Assim, as pessoas que se organizam em torno das comunidades de baixa renda têm a oportunidade de se sentirem revitalizadas e reconhecidas como seres humanos, mediante a salvação conquistada por meio da religião.

O quarto e último movimento dizem respeito à evolução de movimentos urbanos, desenvolvidos em áreas urbanas segregadas. As gangues surgem como uma das principais formas de associação, trabalho e identidade para centena de milhares de jovens, desempenhando um papel estrutural em diversas áreas - o que explica os sentimentos ambíguos dos moradores locais em relação a elas: por um lado, temerosos, mas, por outro, capazes de se relacionarem com a sociedade das gangues de forma mais bem-sucedida do que com instituições oficiais que se fazem presentes apenas em suas manifestações de repressão. As gangues, ou seu equivalente funcional, estão presentes e são velhas conhecidas em diversas realidades das cidades latino-americanas, asiáticas e européias. Entretanto, há algo diferente nas gangues surgidas nos anos 90, pois caracterizam a construção da identidade como o espelho distorcido da cultura informacional. Chamada de cultura da urgência em que a perspectiva do fim da própria existência é uma constante, embora não seja uma cultura de negação é de celebração, mas de celebração da vida. Com relação ao quarto e último movimento, escreve Castells:

Assim tudo tem de ser experimentado, sentido, vivenciado, conquistado, antes que seja tarde demais, pois não existe amanhã. Será que isso é tão diferente da cultura do narcisismo consumista à moda Será que os malandros da gangue, foram mais rápidos que nós na compreensão dos verdadeiros elementos construtivos da sociedade? Será que a identidade da nova gangue é a cultura do hiperindividualismo comunal? (CASTELLS, 1999, p.83).

Conclui-se que as comunidades locais, constituídas por meio de ação coletiva e preservadas por meio de ação coletiva, constituem fontes específicas de identidades. Essas identidades, entretanto, consistem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações incontrolláveis e em ritmo alucinante. “Elas constroem abrigos, mas não paraísos” (CASTELLS, 1999, p.84).

Nessas duas abordagens, as identidades conceituadas ou são imutáveis (exemplo do sujeito do iluminismo e da legitimadora), ou mutáveis, devido ao processo da globalização que promove a expansão das fronteiras físicas territoriais, as identidades passam a receber influências externas e acabam por se transformarem constantemente. Segundo Hall (2001), as interferências culturais de outras localidades (globais) proporcionam transformação da cultura local, promovendo uma nova articulação entre o

“global” e o “local”. Nesse momento, surgem novos valores e novos significados entre o novo e o antigo (HALL, 2006, p.77).

À luz dessas indagações que envolvem territórios e identidade amplia-se a discussão desses temas. E assim como o sujeito pós-moderno (mutável) de Hall (2006) - onde as mudanças e interferências do mundo atual descentralizam o eu, modificando e desestruturando a todo o momento a idéia original de identidade unificada e imutável -, os territórios se portam, segundo Kotler (2006, p.185), através de uma gestão estratégica da imagem (*GEI*). A “imagem de um lugar é identificável e muda ao longo do tempo” o que torna necessário estar capacitado para “rastrear e influenciar as imagens dos diferentes públicos-alvo”.

1.6 IMAGEM: UM ESPAÇO DE INTERFACES

Figuras de destaque no contexto da sociedade contemporânea, os territórios são mais que um conjunto de edificações e equipamentos, são também um pano de fundo de um espaço que se escolhe para viver. Como cada cidadão traz na bagagem a memória as representações e as imagens que coleciona, esses espaços resultam de uma conjunção de sequências de cenas que exploramos e sobre as quais configuramos nossa compreensão, a partir do reconhecimento e significação que selecionamos para formar uma imagem que nos serve de guia nessa estrutura não estável de sobreposições de imagens (LYNCH, 1997, p.7).

À medida que se estuda o conceito de imagem, verifica-se a necessidade de analisá-la também pelas diversas formas de percepção. O mundo das imagens se divide em dois domínios: o primeiro é o domínio das imagens como representações visuais que reúnem pinturas, gravuras, fotografias e também imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas, todo um conjunto que pertence a esse domínio. O segundo é o domínio imaterial das imagens em nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. “Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese”. (SANTAELLA E NÖTH, 1997, p.15). Com isso, entende-se que imagens são representações com aproximadamente o mesmo tipo de função que vêm e correspondem às descrições da nossa maneira de ver o mundo.

Lynch (1999) diz que é possível reconhecer qualidades visuais aparentes na paisagem das cidades as quais todos compreendem e organizam em um modelo coerente, e que resulta de inserção do sujeito nesse contexto. A legibilidade de elementos como vias, bairros, marcos e pontos nodais tornam as cidades mais agradáveis e de fácil compreensão, quando identificados. O autor ainda salienta que não são esses os únicos aspectos consideráveis para atribuir beleza à cidade, mas são atributos de suma importância para estruturar e identificar o ambiente, o que é uma necessidade básica de todos os habitantes como seres gregários por princípio, situados em ambiente urbano. A propósito, parece oportuno, aqui, retomar o conceito de imaginabilidade de Lynch, que reconhece o efeito da identidade e da estruturação notáveis nas imagens públicas que organizam e orientam a percepção do bairro pela identificação de determinada “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que lhe facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente” (LYNCH, 1997, p.11). São essas construções imaginárias que estruturam as percepções e as memórias que nos situam em dado tempo e lugar e que produzem o sentimento de pertença, fundamental para a vida em sociedade. Não se tratam, de modo algum, de formas estáticas e repetitivas, como uma seqüência de cenas cristalizadas. Uma cidade é vista sob todas as luzes, em condições atmosféricas diversas, por pessoas diferentes em ocasiões diferentes, em seqüências atravessadas, invertidas, abandonadas ou recuperadas. Em cada momento, há mais de um olho para ver, mais de que um ouvido pode perceber e mais do que uma imagem de que uma máquina fotográfica pode registrar. Cada pessoa fará variadas e amplas associações com alguma parte ou com o todo da cidade. Tais associações executam processos de autogeração sistêmica que escrevem as diferentes histórias das cidades e dos bairros. Na maioria das vezes, nossa percepção da cidade não é abrangente, mas parcial e fragmentária, executando um giro multidirecional, orientada para as diferentes percepções dos ditos fragmentos e das possíveis sínteses globais. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles. Essa imagem de cidade é uma contínua sucessão de fases e de composições possíveis, e não apenas um objeto fechado e inerte a ser desfrutado de modo passivo. Não admira, portanto, que a arte de entender as cidades seja bastante diversa para a arquitetura, a sociologia, a antropologia e o design. O observador terá sempre um papel ativo na percepção dos espaços da cidade e uma participação imaginativa no desenvolvimento de suas imagens. Ao identificar espaços ou pessoas individuais, no processo, o observador é

sempre encarado como um elemento que assume o estatuto de agente de um determinado sistema social (LUHMANN, 1997).

Da mesma forma que as similaridades dos prédios, o desenho das cidades determina que seus moradores deixem os desenhos idênticos de seus conjuntos habitacionais e dirijam-se para o espaço público em que agirão como produtores e consumidores, em busca do trabalho, de diversão e de outros tantos tipos de interação possíveis, caracterizando o modo padrão de como as sociedades funcionam, ora em tempo do trabalho/emprego, ora em tempo do entretenimento/lazer. Nesse sentido, o desenvolvimento das modernas tecnologias vêm causando um forte impacto nos modos de sociabilidade nos espaços urbanos que, neste trabalho não será o principal foco. Mas há vestígios dessas mudanças no comportamento dos indivíduos e dos grupos que produzem mudanças no espaço físico em todas as suas dimensões. Os habitantes das grandes cidades de hoje, só concebem a amizade como *social contact*, como o contato social das pessoas que não se tocam intimamente. É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, pois ela sempre foi um dos agentes centrais do processo de fragilização da sociedade (ADORNO, 1985).

Quando se fica tentado a saber onde e como se dá a formatação dessas cidades, tem-se que talvez admitir que elas já não sejam somente a arquitetura, nem as edificações ou as ruas os elementos que marcam essa circunstância. Constata-se como relevante o aparecimento de objetos mais etéreos como avisos e produtos digitais, e até invisíveis desde o ponto de vista icônico, como luzes e *bits* de ciberespaço que impregnam nossas representações cidadãs (SILVA, 2008). Assim como, a arte pública que, nas últimas décadas, vem-se desenvolvendo em outros lugares que não os tradicionais espaços (museus e galerias) - mostrando um comportamento da arte que valoriza a supremacia do pensamento sobre a matéria - os meios de comunicação representam outro elo que possibilita a ampliação do urbano para além da cidade, contribuindo para a desmaterialização de seus espaços. É como contraponto dessa provável desmaterialização que os grupos sociais atuam, estabelecendo o equilíbrio produtivo entre o ontem e o hoje, entre o familiar e o novo, entre o global e o local, entre o identificado e o difuso.

Se os meios falam, mostram e se dirigem aos cidadãos, estes cada vez levam mais seus próprios instrumentos para serem “mediados” desde o mesmo lugar onde se achem e, portanto, tenderiam a operar hoje em dia como “dismidiatizadores sociais”. Com efeito, as relações entre meios e cidadãos se personalizam cada vez mais, como se descobre no uso invasivo dos celulares, Internet, televisão a cabo, *iPods*, imprensa e, enfim, o que constituía o meio

social em massa se transforma, em boa parte, em meio pessoal ou grupal (SILVA, 2008, p.206).

Nos últimos anos, os meios aparecem para influir nessa urbanização cidadã mais do que na mediação social. Transformam, assim, a comunicação em si no lugar do intercâmbio onde se perde a diferença entre o universo do real frente ao representado, e se abona dessa forma a matéria simbólica para a construção da cidade imaginada. Os agentes de comunicação não são já os indivíduos, mas os sistemas sociais. Funciona, portanto, a comunicação como um dispositivo de auto-regulação dos sistemas (LUHMANN, 1997).

A tecnologia, já antes referida como um dos axiomas da sociedade contemporânea aparece afetando cada vez mais os ambientes. A mesma casa que antes tinha a condição do lar, hoje se transforma no lugar mais assediado pela urbanização humana, pois é ao mesmo tempo lugar de trabalho, de estudo e de conexão com o mundo através das redes de informática. Mas, se, de outro lado, examinamos o corpo como começo e fim de todo o sentido humano, pode-se ver que sua identificação, antes formulada na fotografia, agora se configura na natureza química do genoma, na descoberta do DNA, ou seja, também não mais na lógica icônica, mas na pós-simbólica. É para essa nova lógica simbólica que o progresso da ciência nos conduz. Desse modo, as novas relações, muitas delas personalizadas com o corpo, com a medicina, com a doença, com a morte, com os corpos dos demais e, claro, com a cidade e suas representações, processam como uma nova seleção artificial alimentada por saberes da ciência e da tecnologia. Incorpora-se, assim, uma visão forte de sustento imaginário, o que admite a reflexão em dupla via: “nossos imaginários urbanos não só acompanham a tecnologia, mas a inculcam dotando-se estes mesmos de capacidade instituinte” (SILVA, 2008, p.209).

Assim, tecnologia, sociedade, ambientes e imaginário são importantes operadores do espaço público das cidades e de suas representações que se materializam também em organizações e instituições. São relações a serem explicitadas cuja produção pode ser autopoieticas, mas não parecem ser necessariamente resultado de uma manifestação espontânea e gratuita. Em sociedade, não há, em princípio, qualquer gratuidade.

1.7 GESTÃO: UM ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO

Quando se utiliza como ponto de partida a diferença entre ambiente e sistema, como é o caso nesta investigação, pode-se identificar o princípio ordenador mediante o qual o ato de designar pressupõe um diferenciar e todo diferenciar pressupõe um diferenciador. Portanto, o traço especial não reside nos objetos, mas sim no corte que é produzido através de uma cadeia temporal de operações e que pressupõe o mundo como unidade do diferente. Tais considerações evocam, de pronto, a prática de formular indagações na busca de uma melhor compreensão de princípios ordenadores, das diferenças que até então foram identificadas ou dos diferenciadores que os produzem. Mesmo que tautológicas, as perguntas reinstalam os principais focos ou ensejam a abertura de novas janelas interpretativas. Pergunta-se, portanto: Como podem sistemas sociais serem concebidos como sistemas fechados operáveis por auto-referencialidade? Quais são para esta investigação os sistemas e os ambientes? Poderiam os princípios da emergência já descritos, serem utilizados como sistemas autopoieticos que funcionam de forma auto-referencial? Serão os bairros sistemas capazes de se auto-organizarem com estruturas do tipo *bottom-up*, sem os tradicionais comandos centrais? Será a emergência o modo a partir do qual os grupos sociais, as instituições e os indivíduos entenderão a si mesmos e autoconstituirão as formas de suas sociabilidades, institucionalidades e subjetividades? Entender o espaço público e o privado, seu histórico e suas relações parece ser uma reflexão importante neste contexto. A linha que separa o público do privado é a linha que separa o sistema do ambiente, e ela não é uma barreira, mas o lugar da relação, o lugar das trocas entre sistema e ambiente.

Conforme Sennett (1988), a vida pública se intensificou durante o século XVIII, à medida que as cidades cresciam e desenvolviam-se redes de sociabilidade independentes do controle real direto, aumentando os lugares onde os estranhos poderiam encontrar-se. Foi a época de construções de enormes parques urbanos, das primeiras tentativas de se abrir ruas adequadas, com a finalidade principal de passeio para pedestres como uma forma de lazer. Foi a época em que cafés, bares e mais tarde estalagens tornaram-se centros sociais. Essa difusão de comodidades urbanas ultrapassou o pequeno círculo das elites e alcançou públicos de todos os espectros que começaram a adotar hábitos de sociabilidade. No campo das necessidades, como no campo do lazer surgiram padrões de interação social adequados ao intercâmbio entre estranhos. À medida que a economia de mercado se expandiu, os negócios passaram a ser realizados numa base mais impessoal.

As modalidades de obrigação pessoal que sobreviveram a essa evolução se justapuseram a novas modalidades de interação.

Assim como no comportamento, cita Sennett (1988), os cidadãos das capitais do século XVIII tentavam definir tanto o que era vida pública quanto aquilo que não era. A linha divisória entre o público e o privado tinha como referência a família. A luta pela ordem pública na cidade, ainda neste século, constituía um elemento de uma cultura coerente e coexistiu com o equilíbrio entre o público e o privado.

Grandes mudanças iriam ocorrer nesse equilíbrio no século XIX provocadas pelo capitalismo industrial e pelo secularismo que afetou a maneira como as pessoas interpretavam o estranho e o desconhecido. Os traumas do capitalismo do novo século levaram aqueles que detinham tais meios a se protegerem de todas as maneiras possíveis contra os choques de uma ordem econômica que ainda não entendiam. A vontade de controlar e de moldar a vida pública foi-se desgastando, e as pessoas passaram a dela se proteger. Até então a família constitui-se num desses escudos. Embora, como já foi referido anteriormente, a família nos novos tempos é uma instituição zumbi, alia-se a essa característica do antigo escudo, uma sociedade individualizada e um descrédito nas instituições públicas. Dessa forma, tem-se na sociedade contemporânea um grande desnivelamento entre o público e o privado, criando um espaço a ser ocupado pela coletividade, seja por operações sociais ou por novas formas de representatividade. Essa realidade chama novas soluções e, estima-se que, nas cidades e nos pequenos centros urbanos aumentam a possibilidade que eventuais operações de gestão sejam produzidas a partir do exercício da heurística crítica (citada na pág. 17) que, em termos práticos, possibilita através de seu método, a formulação e o exame crítico de um plano ou projeto sistêmico social, elaborado por planejadores (representantes públicos) e por cidadãos (representantes do privado).

Já se notam no Estado do Rio Grande do Sul e na sua capital Porto Alegre, iniciativas de consorciar programas governamentais com experiências e ações que já vêm sendo desenvolvidas pela própria sociedade. Essas ações passam por ultrapassar o paradigma de que os orçamentos sirvam apenas como peça de controle para um conceito de que eles sirvam para materializar os interesses econômicos e sociais da coletividade. Sua composição, elaboração e execução são fundamentais para que as políticas públicas e os interesses das comunidades se tornem efetivas. Há alguns exemplos dessa apropriação do orçamento pela sociedade quais sejam as ações governamentais apresentadas nos documentos: Todo o poder emana do Povo (Pelotas: 1983); Orçamento Participativo

(Porto Alegre: 1989); Coredes, Consulta Popular (Estado do RGS: 1994,1995) e Governança Solidária (Porto Alegre: 2005) (BUSATTO, 2006).

Talvez a prioridade que deve ser dada à ação concertada entre o setor público e a sociedade seja um passo importante para que se consiga ter mais potência e qualidade na implementação de políticas públicas, melhorando seus resultados. Mas parece que, para as metas terem sucesso, há a necessidade de a sociedade se empoderar e assumir seu protagonismo nesse processo. Será preciso, talvez, avançar da mera relação contribuinte-Estado prestador de serviço para uma relação de efetiva parceria e, então, possa o poder público efetivamente alcançar essas metas. E mais, além dos fatores históricos referidos, do contexto atual das instituições públicas, acredita-se que a gestão democrática do território seja um bom caminho. Para que isso venha acontecer o cidadão deverá deixar de ser apenas um contribuinte.

Ao mesmo tempo em que se vivem esses espaços de contradição e superação de modelos culturais na relação do público com o privado, encontram-se cidadãos interessados em seus direitos que, em sua maioria, estão próximos espacialmente, o que favorece que se organizem em suas comunidades e com elas se identifiquem. Em decorrência, o desenvolvimento do lugar passou a ganhar novas dimensões. Moacir Scliar, escritor gaúcho e morador da cidade de Porto Alegre, escreveu:

A pátria tem a bandeira, tem o hino, tem os símbolos. O bairro não tem essas coisas. Mas tem outras: o colégio, a igreja, o supermercado, a pequena loja, a farmácia e a lanchonete. E estes lugares acabam se transformando em centros de convivência. A agência bancária não é só o lugar para retirar dinheiro. (quando existe dinheiro) ou para pagar contas (sempre existem contas). Na agência bancária, as pessoas se encontram, conversam, trocam idéias. Todo mundo conhece todo mundo... O bairro tem, sim, a sua lógica (SCLIAR, apud BUSATTO, 2006, p.161).

Já se constatou que o bairro é um espaço de significados, e a aliança entre suas singularidades culturais e suas vocações econômicas poderá desenvolver novos arranjos de governança entre o público, privado e a sociedade civil que ensejem formas alternativas de financiamento (mais voltadas ao capital do conhecimento do que às garantias físicas), e que inspirem inovações no formato de gestão e modelos colaborativos, no curso dos quais todos os atores e segmentos ganhem. Talvez o bairro Moinhos de Vento, por suas características, tradição e referenciabilidade, possa ser um lugar de exercício de uma nova forma de participação e representatividade.

Apresenta-se a seguir a metodologia que, embasada nos fundamentos epistemológicos expressos, norteará os caminhos para a análise dessa possibilidade, assim como das demais observações e problematizações presentes nessa investigação.

2. O DESIGN ESTRATÉGICO: COMO METODOLOGIA

Embasada pela fundamentação teórica e alicerçada nos fundamentos epistemológicos do Pensamento Sistêmico já descritos, pode-se apresentar nesse momento, de forma esquemática, como se desenvolveu a pesquisa, figura 1, e justificar a escolha da metodologia do Design Estratégico, como a metodologia que orientou a investigação.

Para melhor explicitar essa escolha, em um primeiro momento se apresenta o conceito e a contextualização onde o Design Estratégico está inserido. Posteriormente, quando da descrição dos seus métodos e ferramentas, poder-se-á verificar que algumas modificações foram agregadas ao esquema original (Fig.2, pág. 53). As modificações implementadas durante a investigação foram testadas de forma heurística, antes e durante a própria experimentação (Anexo E). Diante dos resultados obtidos, é possível prever que essas modificações possam ser validadas, e, no futuro, utilizadas em outros estudos.

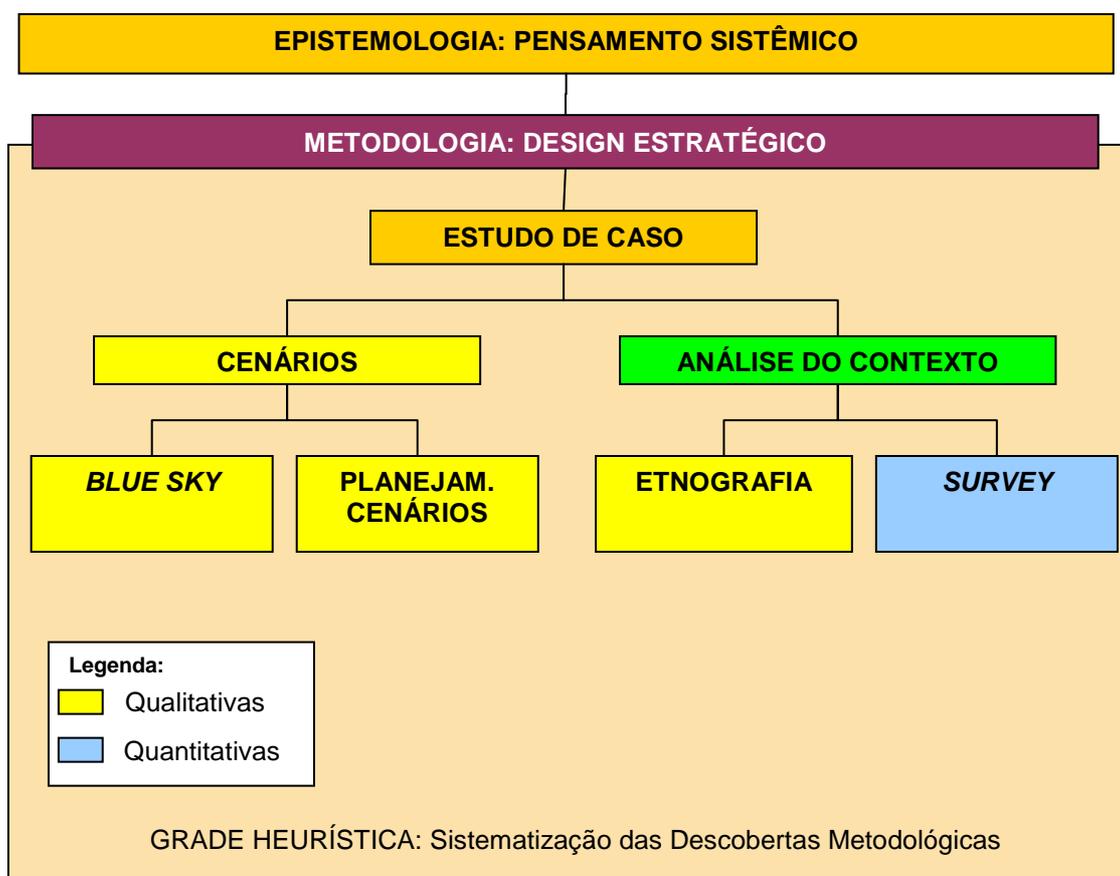


Figura 1: Esquema do desenvolvimento da Pesquisa

2.1 CONCEITO E CONTEXTO

O território, objeto dessa investigação, assim como o espaço são cada vez mais compreendidos como mercadoria e, como tal, submetidos a venda. Não se trata apenas de uma mercadoria articulada ao universo das necessidades imediatas, mas sim de uma mercadoria que é ao mesmo tempo estratégica e política, porquanto o espaço é “*locus e meio de Poder*” (LEFREBVRE apud SÁNCHEZ, 2000, p.83). Um poder exercido a céu aberto e vinculado ao controle - já descrito no item Sociedade: um espaço de contradição (pág. 22).

Desde os primórdios da sociedade pós-industrial, já se vivencia a ampliação do conceito de mercadoria, ampliando-se o conceito de um simples bem comercializado no mercado através do dinheiro, para tudo aquilo que possa se tornar instrumento de satisfação de um consumidor através de sua programada e projetável aposta (CELASCHI, 2007). Essas mercadorias possuem, assim, uma forma não acidental, e a obtenção de sua forma adequada é consequência de um complexo processo coletivo e articulado de ações, que a literatura econômica chama de cadeia de valor, em que a intensidade e a qualidade de valor são os elementos que a melhor a caracterizam. Essa cadeia de valor exige uma ação multidisciplinar que necessita de operadores pertencentes a disciplinas diversas e que respondam a diferentes ordens de racionalidade. Assim, “as zonas indeterminadas da prática profissional atual - a incerteza, a singularidade e os conflitos de valores – escapam aos cânones da racionalidade técnica” (SCHÖN, 2000, p.17).

Na perspectiva do Design Estratégico, o design assume uma nova função nessa cadeia de valor. Trazendo em suas raízes as características da cultura italiana do design - formada ao longo do tempo não nas universidades, ou pelo menos muito parcialmente nessas – ele obtém características próprias e condizentes com desenvolvimento e debate junto às comunidades profissionais e empreendedoras. Essas características possibilitam ao design tornar-se cultura de projeto¹², articulando assim, além das tradicionais ações programadas para obter solução técnica de um problema produtivo do tipo industrial, todas as áreas do conhecimento capazes de responder com o maior valor possível às necessidades da sociedade e do mercado.

¹² Cultura do projeto: definida como o conjunto de conhecimento capitalizado em torno da capacidade de intervir na transformação do sistema de produção em sistema de consumo (CELASCHI, 2007).

Conforme Celaschi (2007), deduz-se que o design é um componente, uma porção mais complexa do conhecimento, do fenômeno do conhecimento e da capacidade de transformação do sistema de produção em sistema de consumo, fenômeno articulado e que interfere em outros para provocar a inovação. Esse processo de inovação dirigido pelo design (*design driven*) apresenta quatro fases: *problem finding* – que objetiva orientar a pesquisa e isolar os problemas ; *problem setting* – que estrutura o conhecimento no âmbito do problema, organizando as informações de modo produtivo; *problem solving* – que concretiza a solução do problema, traçando um caminho conveniente; e, *spreading* – que propõe a solução ao mercado, valorizando e promovendo o negócio.

Apesar dessa coerência nas formulações, pode-se questionar esse posicionamento um tanto onipotente do design, defendido pelos princípios fundantes do Design Estratégico. Mesmo reconhecendo a necessidade de uma cultura transdisciplinar nas relações entre as diferentes áreas do conhecimento, conferir ao design essa posição hegemônica no campo da ciência seria contradizer os argumentos que o constituíram. O questionamento feito é reforçado, quando se cita Ronca (2001), em sua reflexão sobre a transdisciplinaridade:

Se cada disciplina segue uma metodologia e se cada conhecimento desvenda uma parte da verdade mais ampla, a transdisciplinaridade busca o que é comum em todos os pensares, o lugar para onde todas as ciências convergem, para que possamos entender a relação do homem com o mundo.

Da mesma forma, é justo constatar-se o quanto é oportuno o posicionamento adotado pelo Design Estratégico, no atual momento de discussão teórica sobre o design e das demais disciplinas relacionadas com a cadeia de valor; é relevante também para a reflexão sobre a necessidade de religação de saberes em contexto de valorização da complexidade. Por esse posicionamento a cultura italiana de design comprova sua competência na leitura dos cenários e tenta transformar o conceito e ampliar o escopo do design de tal modo que ele configure como uma nova área do conhecimento da era pós-industrial.

Ao analisar o esquema processual praticado no Design Estratégico fica comprovado o potencial de utilização dessa área do conhecimento como metodologia, assim como se pode perceber o deslocamento ou ampliação da função do designer tradicional, para de um profissional que ascenda a esferas estratégicas das organizações. Essa releitura qualificadora de um campo do conhecimento tem suas raízes na recomposição dos fundamentos científicos e pragmáticos que o articulam.

Um dos princípios fundantes do Design Estratégico é o sistema-produto entendido como o articulador dos processos de design. É ancorado na construção do valor, e muitas vezes se transforma na visão dessa metodologia. Sistema-produto compreende serviços, experiências e comunicação de modo simultâneo, buscando criar em todos os momentos do processo de design – construção do valor, idealização, programação, projeção, realização, comunicação e distribuição - uma cadeia de valor que seja bem assimilada pelo usuário, agora figura central e ativa dos processos. O sistema-produto pode ser conceitual – atuando na maioria das vezes no momento de definição estratégica do projeto, nas etapas de construção do valor, idealização, programação, projeção – ou ser projetual - influenciando decisivamente nos diferentes processos operacionais do projeto: realização, comunicação e distribuição. Utilizá-lo como metodologia nesta investigação lhe dá também a característica processual.

Outro diferencial e princípio fundante do Design Estratégico é o metaprojeto, fase primeira dessa metodologia, que é utilizado como seu grande instrumento de inovação. Um primeiro esquema processual da atividade metaprojetual é uma fase de pesquisa conceitual. Nessa fase é constituído um sistema de informações úteis para direcionar as escolhas que devem ser feitas. Trabalham-se: análises constituintes, análises de usuários e análises de mercado. O segundo esquema processual do metaprojeto é a pesquisa *Blue Sky*, que constrói um sistema de informações úteis para o despertar de *insights* criativos ou para controlar a criatividade, de modo a contemplar os objetivos de sustentabilidade do projeto. São realizadas nessa fase: a pesquisa de estímulos, a análise de tendências e metatendências e a construção de cenários. Esses dois esquemas vivem uma relação dialética assim caracterizados: em um deles, são colocados os estímulos para situar ou reposicionar o *briefing*¹³; no outro, está disponível um repertório de sugestões que pode antecipar um sistema de questões e relações coerentes e predecessoras.

Ao mesmo tempo que, pelo seu formato, o metaprojeto pressupõe a articulação de diferentes áreas do conhecimento, também dialoga com os pressupostos epistemológicos formulados. No caso específico dessa investigação, esse diálogo é percebido na relação das considerações anteriormente apresentadas, e o *corpus*, que interage com as diversas

¹³ *Briefing*: no desenvolvimento desse trabalho, o *corpus* adquirirá as funções que a metodologia do Design Estratégico estabelece para o *briefing*, assim como as novas atribuições que o exercício heurístico lhe determinar (Anexo E).

áreas do conhecimento (antropologia¹⁴, sociologia¹⁵, arquitetura¹⁶, design¹⁷, administração¹⁸: gestão e marketing). Quando da apresentação do design estratégico como grade heurística (Anexo E), onde se descreve a construção e a aplicação da metodologia, essa interação fica melhor explicitada.

Como resultado do processo metaprojetual descrito e motivado por um *briefing* inicial - problema que estimula o desenvolvimento do projeto - pode-se obter os seguintes resultados: a) a revisão do *briefing* inicial podendo gerar um *contrabriefing*: indicações relativas aos objetivos do projeto e à relação do *briefing* com os *stakeholders*; b) um dossiê *briefing* - sistemas de vínculos que o *briefing* deverá assumir no desenvolvimento do projeto; e c) um dossiê dos cenários de inovação - repertórios de sugestões, estímulos, tendências e trajetórias de inovação para orientar as atividades do projeto. Além de contemplar os dois primeiros resultados, o exercício que foi realizado nessa investigação, trouxe para discussão quatro cenários (pág.63), características a eles relacionados,

¹⁴ Antropologia: Ciência do homem, segundo a etimologia, estuda do ponto de vista das características biológicas e culturais dos diversos grupos em que se distribui o gênero humano, pesquisando com especial interesse exatamente as diferenças. **Nova Enciclopédia Barsa, 2002.**

¹⁵ Sociologia: É a ciência que estuda a natureza, causas e efeitos das relações que se estabelecem entre os indivíduos organizados em sociedade. Assim, o objeto da sociologia são as relações sociais, as transformações por que passam essas relações, como também as estruturas, instituições e costumes que têm origem nelas. **Ibidem.**

¹⁶ Arquitetura: Arte útil por excelência, a arquitetura é, de todas as criações do homem, a que revela de maneira mais profunda a evolução das sociedades ao longo de sua história. Refere-se à arte ou a técnica de projetar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano. Neste sentido, a arquitetura trata destacadamente da organização do espaço e de seus elementos: em última instância, a arquitetura lidaria com qualquer problema de agenciamento, organização, estética e ordenamento de componentes em qualquer situação de arranjo espacial. No entanto, normalmente a arquitetura associa-se diretamente ao problema da organização do homem no espaço e principalmente no espaço urbano. **Ibidem.**

¹⁸ Design: O debate teórico sobre o design se insere oportunamente na discussão da transformação dos territórios, da identificação e construção de suas identidades e do papel que exercem na elaboração das identidades dos seus freqüentadores. A partir deste contexto, o design se insere, entre outras, por duas razões. Em primeiro lugar, por sua própria natureza, que se situa fronteira entre atividade artística e atividade técnico-científica. Nessa perspectiva, o design deixa de ser uma simples técnica artística para se tornar uma disciplina, uma área do conhecimento, tentando adquirir o status de ciência. Em segundo lugar, o design é uma disciplina recente, pelo menos como âmbito de reflexão teórica e crítica, orientada à codificação da prática. Ela se reformula na aplicabilidade do conhecimento à vida real. Essa característica faz com que seus profissionais, formados através de uma ótica fenomenológica e sistêmica, tenham a possibilidade de se diferenciar dos profissionais formados pelas estruturas bem-delineadas, das tradicionais áreas do conhecimento (DESERTI,2007).

¹⁹ Administração: a) Gestão: é o conjunto de normas e funções elaboradas para disciplinar elementos de produção, que têm como objetivo alcançar um resultado eficaz e retorno financeiro. Administrar envolve a elaboração de planos, pareceres, relatórios projetos, arbitragens e laudos, em que é exigida a aplicação de conhecimentos inerentes às técnicas da administração. Administrar é planejar, organizar, liderar e controlar. b) Marketing é uma função organizacional e um conjunto de processos que envolvem a criação, a comunicação e a entrega de valor para os clientes, bem como a administração do relacionamento com eles, de modo que beneficie a organização e seu público interessado. (AMA - American Marketing Association - Nova definição de 2005). Marketing é um processo social por meio do qual pessoas e grupos de pessoas obtêm aquilo de que necessitam e o que desejam com a criação, oferta e livre negociação de produtos e serviços de valor com outros (KOTLER e KELLER, 2006).

indagações e estratégias, que poderão auxiliar nos estudos do desenvolvimento urbano de um território, nesse estudo, utilizado como *corpus*.

Quando se estuda a fase do processo metaprojetual, constata-se em sua proposta usual, a ausência de utilização de ferramentas quantitativas capazes de melhor alicerçar as observações advindas das pesquisas qualitativas que a metodologia sugere. Essa constatação, pode ser verificada no esquema sistêmico de desenvolvimento do processo metaprojetual (Fig.2), de Desserti (2007). Este ponto de atenção, devidamente destacado, fez com que se utilizasse a pesquisa *Survey*, uma ferramenta quantitativa, na investigação (pág. 76).

Da mesma forma, chama-se atenção para a verticalidade do esquema, definindo para cada um dos objetivos (contexto, cenários e *briefing*) ferramentas específicas e com pouca interação durante suas aplicações. Diferenciando-se desse formato, a aplicação da metodologia do Design Estratégico, durante a investigação do bairro Moinhos de Vento, apresentou uma interação entre as ferramentas definidas (Ensaio etnográfico, *survey*, pesquisa *Blue Sky*, planejamento de cenários) e os dados que delas vinham sendo coletados. Essa interação de característica processual, também permitiu que as fases de fundamentação teórica, pesquisa de campo, coleta e análise de dados, se complementassem. Mesmo perseguindo a sequência natural, o revisitar fases anteriores e até modificá-las, foi fato normal e de grande importância para os resultados alcançados.

Quando do relato do exercício heurístico e na descrição das ferramentas utilizadas, verificar-se-á além das modificações acima citadas, um novo formato de aplicabilidade do planejamento de cenários, se comparados com aqueles apresentados por Desserti (2007). Esse novo formato revelou caminhos convenientes para responder às problematizações da pesquisa (*Problem Solving*).

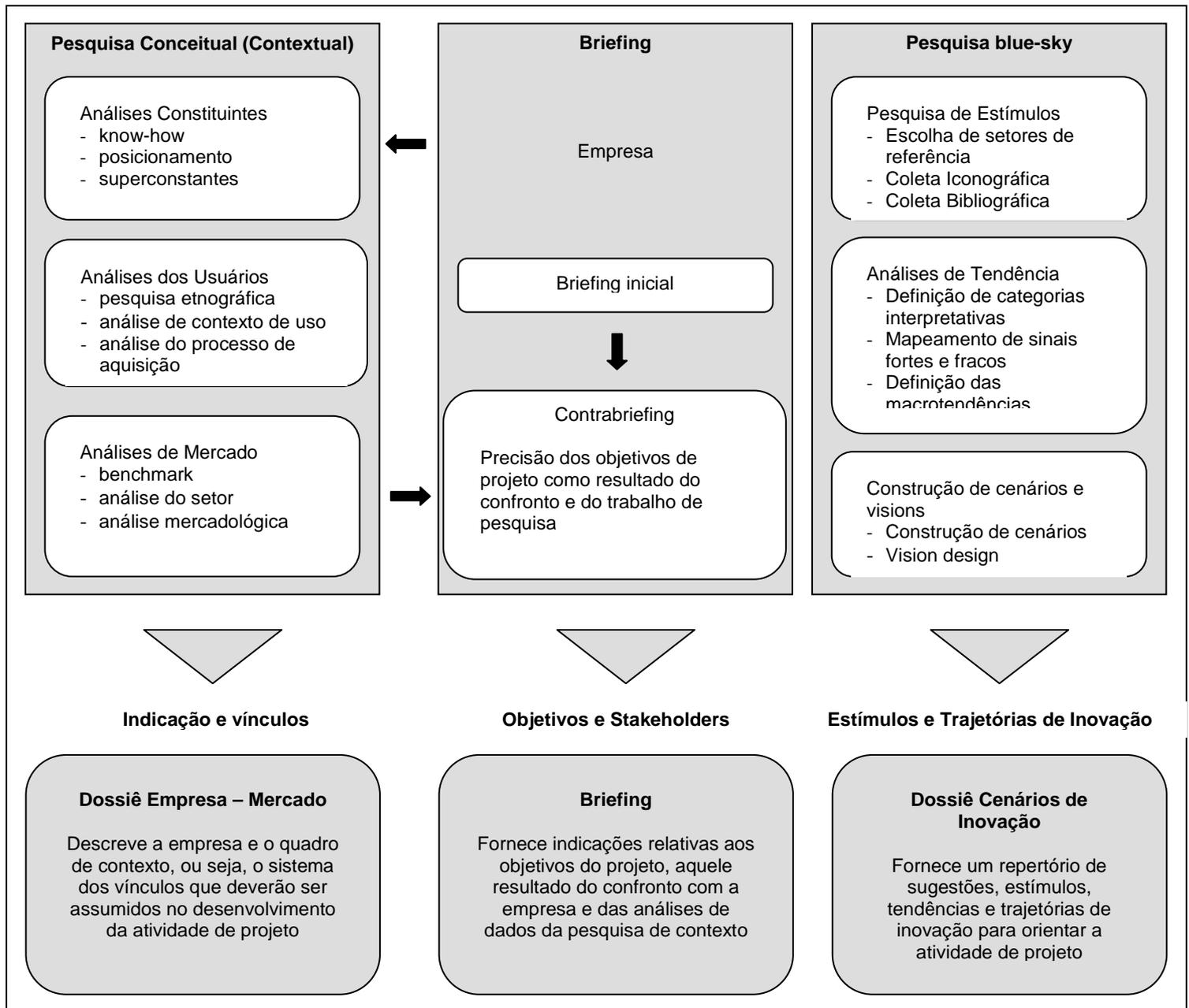


Figura 2: Esquema sistêmico de desenvolvimento do processo metaprojetual (DESSERTI, 2007)

Descritas a contextualização e a conceituação da metodologia do Design Estratégico, e, feitas as modificações propostas para sua aplicação, descrevem-se a seguir as ferramentas condizentes com esse modelo as quais foram utilizadas no desenvolvimento desta investigação. O formato da apresentação das ferramentas obedece ao esquema de desenvolvimento da pesquisa, apresentado na figura 1, página 47, do qual constam os embasamentos teóricos, as formas que foram aplicadas e os dados coletados.

2.2 ESTUDO DE CENÁRIOS

Na fase metaprojetual da metodologia do Design Estratégico, configura-se a necessidade de construção de cenários. Normalmente, são utilizados para esse fim, métodos e ferramentas qualitativas. Satisfeita essa necessidade, utilizaram-se a pesquisa *Blue Sky* e o planejamento de cenários, ferramentas que a seguir passam a ser descritas.

2.2.1 Pesquisa *Blue Sky*

Uma representação possível para o processo de criação em design divide o projeto em duas grandes fases: uma chamada metaprojetual, já referida, e, outra, projetual propriamente dita. A pesquisa *Blue Sky* e o planejamento de cenários são utilizadas na fase metaprojetual. A fase metaprojetual acontece enquanto uma “plataforma de conhecimento que sustenta e orienta a atividade projetual” (DIJON, 2006). Essa etapa, segundo o autor, não objetiva a formulação de idéias ou *outputs* concretos e precisos. A idéia de metaprojeto se insere em espaço altamente dinâmico e em constante mutação que caracteriza tanto a complexidade do ato de projetar como a complexidade da sociedade contemporânea. É o que corrobora a afirmação de Scaletsky (2008): “Todo o modelo de representação do ato projetual é, evidentemente, caracterizado pela não linearidade, pela redundância e pelos seus ciclos elípticos”. Todo o modelo utilizado nesse momento complexo de criação tende a ser impreciso, pois na origem do processo existe um problema (*briefing*) aberto – que permite várias soluções e, talvez modificações (*contrabriefing*).

A pesquisa *Blue Sky* vem sendo utilizada para recolher um conjunto de informações úteis para estimular e direcionar a criatividade e o desenvolvimento de um projeto. Tal pesquisa possui uma dimensão estratégica e uma dimensão ligada à visualização.

Dal punto di vista strategico, la ricerca Blue Sky si propone di definire alucini possibili scenari d'innovazione costruiti attraverso l'interpretazione di segnali forti e segnali deboli che derivano da traiettorie evolutive di mercati, prodotti e tendenze diffuse in settori e comparti merceologici più o meno prossimi rispetto a quelli su cui il progetto insiste (CAUTELA, 2007, p.96).

De outro modo, na dimensão visual, serve para produzir um conjunto de soluções e de *insights* derivados de vários materiais - como se poderá ver a seguir, quando da aplicação dessa ferramenta, constituindo-se por mapas conceituais, em formato gráfico,

que possam ser definidos como das espécies de “representações topográficas da inovação” (DESSERTI, 2007, p.61), e que consentem em determinar o ponto em que se está e aquele em direção a que se move. A esse mapa se adiciona sempre uma representação visual das macrotendências, de modo que o metaprojeto seja uma forma de fornecer ao designer estímulos e indicações, seja sobre a dimensão estratégica de seu objeto de pesquisa, seja sobre a dimensão material-formal.

A análise das macrotendências conforme Desserti (2007) baseia-se na coleta de dados e na sua interpretação, aos cuidados de uma equipe de pesquisadores, através do confronto sistemático seja na fase de coleta, seja na fase de re-elaboração e interpretação final. As tendências que passam a interessar no momento metaprojetual são de uma natureza transversal.

As macrotendências são elaboradas a partir da visita a outros ambientes que não aqueles que se relacionam diretamente ao objeto de pesquisa. A percepção destas macrotendências se dá na processualidade da pesquisa *Blue Sky*, identificando características comuns em ambientes diferentes. No caso específico dessa investigação, as visitas ocorreram em outros bairros da cidade.

A idéia de fundo, como se poderá constatar, nessa investigação e no novo diagrama síntese (Anexo E, Fig. 3), é a utilização da pesquisa *Blue Sky* para contaminar e fertilizar o contexto da investigação.

2.2.1.1 Aplicação da pesquisa *Blue Sky*

A aplicação que se descreve a seguir utilizou o *corpus* com a função de *briefing* e a problematização da pesquisa como motivação das interações que começaram a acontecer, como se percebe no diagrama síntese (Anexo E). Os experimentos da pesquisa *Blue Sky*, realizados em um primeiro momento, trouxeram observações relevantes para a construção dos recortes teóricos (descritos na fundamentação teórico-metadológica), em num segundo momento, alimentarem com *insights*, a massa crítica da investigação e as demais ferramentas.

Serão descritas a seguir as etapas dessa aplicação com alguns dos mapas conceituais que resultaram da aplicação da pesquisa *Blue Sky*.

1) Escreveram-se em sequência palavras-chaves que representam *insights* teóricos relacionados com o *corpus*. Utilizou-se nessa fase dois formatos. O primeiro é resultado da construção teórica desenvolvida até então, especificada nas temáticas utilizadas na

fundamentação teórica; o segundo resulta dos estímulos provocados por visitas (realizadas em outros bairros, comparadas as observações relatadas no ensaio etnográfico realizado no local, a ser descrito na análise do contexto). Essas palavras funcionaram como gavetas de imagens, textos e representações. Abaixo, a listagem dessas palavras como resultado do experimento nessa primeira etapa.

bairro, imagem, imagem técnica, cidade imaginada, cidade, identidade, identificar-se, ethus, situs, meios, cidade física, urbano, imaginário urbano, urbano cidadão, realidade percebida socialidade, mídia, sociedade, representatividade, sociabilização, inovação social, cultura, universo simbólico, estética, transparência social, poder, discurso vivenciado, controle, espaço institucional, espaço aberto, espaço de distinção, espaço fechado, equipamentos urbanos, circulação, contato social, alteridade, conexões, mobilização social, cidadania, corpo, sociabilidade urbana, máscaras, ritual, ambiente, interações sociais, cotidiano, conveniências, convivências, conversação, visualidade, comunicação, ambiente, barreira, interacionismo, circulantes, habitantes, usuários, desterritorialização, associação, aparelhos, signos, significados, lixos, desinstitucionalização.

2) Essas palavras (*insights*) foram agrupadas, filtradas, relacionadas e intertextualizadas formando conjuntos de nuvens que podem ser organizadas em mapas conceituais (SCALETSKY, 2007). Para a realização desse agrupamento, utilizaram-se diversos instrumentos: imagens da internet ou revistas que se relacionam com os *insights* relacionados, softwares específicos de elaboração de mapas e nuvens conceituais e formação de sub-grupos que, na sua relação, permitem a configuração do mapa conceitual.

A sequência das duas figuras abaixo descreve em parte o formato utilizado:



Figura 3: Agrupamento preliminar dos *insights*



Figura 4: Agrupamento final dos *insights*

As percepções e conclusões consequentes dessa primeira etapa foram utilizadas em diversas etapas no planejamento de cenários, principalmente, quando da definição das incertezas críticas. Os mapas conceituais já configuram na formação de seus dois grandes agrupamentos, não só *insights* relacionados às características físicas do espaço, mas também seu lado imaginário.

Cabe ressaltar que, assim como na utilização das outras ferramentas, o *corpus* atuou como estímulo criativo e inovador para movimentar a aplicação da pesquisa *Blue Sky*. Da mesma forma, na medida em que o processo investigativo avançava, o próprio *corpus* era observado e observava, e as novas indagações consequentes desse exercício, faziam com que a pesquisa se encaminhasse de forma processual e sistêmica. A partir dessa estimulação, o caminho estava fértil para interagir com a próxima ferramenta a ser descrita.

2.2.2 Planejamento de Cenários

O planejamento de cenários, cuja base se estabelece nas incertezas, tem um ponto de partida diferente de outras tradicionais formas de planejar, muito mais orientado para o processo. Conforme Heijden (2006, p.93):

É no futuro intermediário, no qual a incerteza e a previsibilidade são importantes, que o planejamento de cenários faz sua contribuição. Esta é uma área da estratégia. Gestão estratégica e planejamento de cenários estão intimamente ligados.

O autor identifica três tipos de incertezas: a primeira delas são os riscos, quando há precedentes históricos suficientes, na forma de eventos semelhantes que se permitam estimar probabilidades (ser provável); a segunda são as incertezas estruturais, quando a possibilidade do evento dá-se por meio de uma cadeia de raciocínio de causa e efeito, sem que se possa julgar sua probabilidade (ser possível); e, a última das incertezas são aquelas impossíveis de conhecer, quando não dispomos de indicações sobre a natureza do evento, sabemos que ele já aconteceu na história (ser possível). A única ação que se pode fazer é melhor se preparar para reagir ao inesperado, e para isso se deve desenvolver aptidões de percepção, e os cenários são úteis para isso. Nesse sentido, “Quando se apresenta um desafio desconhecido e novo, ele foi criado pelo que se pode chamar de incerteza estrutural” (HEIJDEN, 2006, p.77).

A análise de cenários é útil para analisar a incerteza estrutural em que os eventos futuros possíveis são únicos e carecem de base para uma avaliação de probabilidade. A possibilidade do evento se apresenta através de uma linha de raciocínio de causa e efeito. Os eventos constituem a matéria prima com o qual se trabalha para construir uma dada compreensão daquilo que está acontecendo. Quando se observam detalhadamente os eventos, padrões começam a ser identificados. Uma vez identificado um padrão, pergunta-se de onde ele vem, de que forma se apresenta e de que ordem ele é. Inicia-se a pensar em termos de casualidade, da existência de uma estrutura subjacente por trás dos eventos observados: constrói-se um mapa mental da realidade. Descubrem-se, então, as forças motrizes fundamentais e os níveis de incerteza, ficando mais clara as respostas aos desafios apresentados pelo ambiente contextual (elaborado nessa investigação a partir da utilização de outras ferramentas que serão descritas quando da apresentação da Análise do Contexto, pág. 70). A força da ferramenta de cenários está em organizar de maneira lógica (causal) uma grande variedade de dados e informações relevantes - algumas díspares - através do reconhecimento de elementos predeterminados, que projetam, também, a incerteza do futuro.

Reconhecem-se, por um lado, estruturas físicas estáveis – clima, geográfico/ social, crenças e culturas. Por outro lado, os elementos de futuro são reconhecidos como incertos, caso possam ser explicados de diferentes maneiras; vistos como uma estrutura possível

que provoca os eventos de diferentes maneiras. Assim, conforme Heijden (2006), diferentes futuros podem ser projetados.

Para identificar estruturas em uma gama de eventos, o autor acima citado utiliza a categorização chamada *iceberg*. Nele, divide o conhecimento em três categorias: eventos, padrão e estrutura. No topo do *iceberg*, acima da superfície, estão os eventos visíveis. Após a identificação desses eventos, procura-se descobrir padrões e estruturas subjacentes para “entender” a situação. Ao planejar cenários, parte-se da premissa de que há muito mais a ser dito que a ser criado (eventos). A suposição é que os eventos não acontecem por acaso, mas estão relacionados entre si através de uma estrutura em que causas provocam efeitos e um evento conduz a outro.

Para se chegar à estrutura subjacente, busca-se inter-relacionamento entre múltiplas tendências. Quando se observam as tendências, as idéias para a estrutura se apresentam. “Nossa percepção de causalidade se baseia em padrões que se pensa reconhecer nos eventos que nos cercam. Usam-se esses padrões como indícios para a causalidade” (EINHORN & HOGARTH apud HEIJDEN, 2006, p.87).

Descobrir indícios de causalidade situa-se no segundo nível do *iceberg*. Finalmente, com a descoberta de múltiplos indícios de causalidade, inferem-se elementos da estrutura geral subjacente que é causa dos eventos visíveis. E, assim, o modelo mental é composto; “a estrutura assumida que se constrói sob toda a causalidade que se infere sobre as tendências é o terceiro nível de compreensão do mundo”, conclui Heijden.

Pode-se representar a ferramenta do *iceberg* na figura abaixo.



Figura 5: Modelo de *iceberg* (HEIJDEN, 2006, p.86)

2.2.2.1 Aplicação do Planejamento de Cenários

Assim como no exercício anterior de aplicação da pesquisa *Blue Sky*, descreve-se a seguir a aplicação da ferramenta de planejamento de cenários, ilustrada por dados e pelos resultados obtidos. A sua utilização enquanto ferramenta da metodologia do Design Estratégico, também contribuiu para uma melhor reflexão das temáticas que envolvem o estudo de um território, pois além de auxiliar a desvendar alguns dos modelos mentais presentes, permitiu o desenho de estratégias robustas futuras (ANEXO D), que poderão ser de grande utilidade para a gestão do bairro Moinhos de Vento e de outros espaços urbanos.

1) Identificou-se a questão ou o *briefing(corpus)*:

Reafirmou-se de forma objetiva o foco de interesse: Bairro Moinhos de Vento (ANEXO A) tendo como tema: “A Identidade do bairro: interação entre frequentadores: moradores e não moradores”, a ser aprofundado a partir da seguinte problematização: existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Como operam os fatores aparentemente insignificantes? E, ainda: como se realizam as interfaces entre eles e quais os seus efeitos?

2) Identificaram-se os fatores-chave no ambiente local:

Listam-se os fatores-chaves ou os indicadores que indiquem o sucesso ou fracasso da decisão. Exemplos: Edificações e equipamentos urbanos, *stakeholders* (ANEXOS A,C,E).

3) Avaliou-se o estado atual do contexto onde se insere o *corpus*, utilizando os fundamentos epistemológicos do pensamento sistêmico. À medida que a investigação se desenvolvia suas características (processual e sistêmica) e seus principais conceitos (autopoiésis, acoplamento estrutural, diferenciação sistema/ambiente) foram-se constituindo e se esclarecendo à luz das observações e dos dados coletados.

O território de estudo, Bairro Moinhos de Vento, faz parte de um importante centro urbano: que é a cidade de Porto Alegre. Deve-se, portanto, estudá-lo como parte deste sistema maior. Em sua formação atual, o bairro Moinhos de Vento possui equipamentos urbanos e edificações definitivas e de grande valor ambiental. Essa característica leva a projetar uma pequena perspectiva de modificações estruturais e físicas no bairro na próxima; mas diferente disso, outras modificações poderão vir a acontecer. O estudo dessas modificações talvez tenha sido a maior contribuição dada pela utilização da ferramenta de Planejamento de Cenários.

4) Identificaram-se as forças motrizes (*Driving Forces*):

Listaram-se as forças motrizes capazes de influenciar os fatores-chave citados no item 2. Algumas terão uma tendência predeterminada, outras, incertezas críticas. Forças motrizes podem ser: - Tendências predeterminadas: forças sobre as quais se tem uma visão clara de como elas se desdobrarão no futuro; aquilo que podemos prever com razoável certeza porque já vimos seus primeiros estágios na atualidade, ou por que estão determinadas estruturalmente; ou, - Incetezas críticas: forças sobre as quais não temos idéia muito clara de seus desdobramentos no futuro. Esse processo de identificação levou à construção de panoramas relevantes de análise, bem como à identificação dos sinais sistêmicos de tendências predeterminadas ou de incertezas críticas. Foram utilizadas duas ferramentas para estas identificações - a primeira delas, os mapas conceituais descritos quando da aplicação da pesquisa *Blue Sky* conforme figura 4, página 57; a segunda delas, a ferramenta do *iceberg*, conforme figura 7, página 62.

Experimentou-se a ferramenta do *iceberg*, construindo um novo *iceberg*, dividindo em duas escalas os eventos: recentes e do passado¹⁹, ocorridos no bairro. O próximo passo foi descobrir indícios de causalidade, situados, então, no segundo nível do *iceberg*. Finalmente, com a descoberta de múltiplos indícios de causalidade, inferem-se elementos da estrutura geral subjacente que é causa dos eventos visíveis. E, assim, o modelo mental é composto. Ilustra-se com as figuras 6 e 7, como foi utilizada essa ferramenta.



Figura 6: Iceberg Bairro Moinhos de Vento: eventos

¹⁹ Eventos recentes: ocorridos nos últimos três anos; eventos passados: ocorridos a partir do início do séc. XX. ANEXO A 6.



Figura 7: Iceberg do Bairro Moinhos de Vento

Ao confrontar as forças motrizes acima citadas com dados coletados em fonte literária que trata do território de estudo (BISSÓN, 2008) e com os fatos citados nos encartes do jornal Zero Hora²⁰ - periodicidade semanal, relativo ao bairro (ANEXO F), identificaram-se: a) Tendências e padrões pré-determinados: segurança, negócios, padrões aristocráticos, consciência ambiental, saúde, sociabilidade e lazer; e, b) Incertezas críticas: residencial x comercial, glocalização x globalização, estagnação x crescimento acelerado, equilíbrio demográfico x super população, racionalismo econômico x liberalismo econômico, controle x autonomia (relativos à segurança), representatividade x imobilismo (relativos à participação de moradores em associações).

5) Foram hierarquizadas por grau de importância as forças motrizes e as incertezas críticas:

Nesse passo, hierarquizaram-se as forças motrizes de modo a identificar os dois fatores mais importantes ou incertos: as incertezas críticas. A partir desta identificação,

²⁰ Foram utilizadas essas referências, pois são elas que demonstram a relevância do bairro para a cidade: o suplemento, sendo a única publicação de suplemento do jornal Zero Hora (importante veículo de mídia impressa do grupo RBS) que mantém, ao longo dos dois últimos anos, a periodicidade semanal, e o livro Moinhos de Vento – *Histórias de um Bairro de Porto Alegre* - (BISSÓN, 2008) de grande repercussão no bairro e na cidade.

definiram-se os eixos dos cenários. Por serem forças incertas, elas definem uma gama de futuros possíveis. Por isso, tornam-se eixos. Então, os cenários, configurados pelo método dessa ferramenta, potencializam o valor das incertezas aplicadas ao *corpus* e a favor da investigação.

Os padrões referidos até o momento são: segurança, negócios, padrões aristocráticos, consciência ambiental, saúde, sociabilidade e lazer. Esses padrões auxiliaram a definição e priorização de duas incertezas críticas: **residencial x comercial** e **representatividade x imobilismo**. A priorização das incertezas foi uma escolha do investigador a partir dos estudos e das evidências sobre os dados até então coletados. As duas incertezas priorizadas resultam em quatro cenários, conforme figura 8.



Figura 8: Cenários identificados pelas incertezas críticas priorizadas

6) In/En//corporaram-se os Cenários (1, 2, 3, 4):

Identificou-se o que ocorre com os fatores-chaves e com as forças motrizes (padrões e incertezas críticas) em cada um dos cenários. Exercitou-se essa in/en//corporação ao tentar responder às seguintes questões:

- a) Que nome melhor identificaria o cenário?
- b) Quais são as suas características?

- c) Qual o enredo do cenário? (descrevê-lo utilizando linguagem jornalística)
- d) Quais os impactos sobre o *corpus*?
- e) Quais as estratégias robustas necessárias para que cada um dos cenários se concretize?
- f) O que deveria acontecer para que este cenário emergisse?

Descreve-se abaixo o experimento realizado para in/en//corporar os quatro cenários definidos a partir das incertezas críticas priorizadas.

CENÁRIO 1 (representativo e residencial)



www.moinhosdofuturo.com.br/vive/cenario.php

O nome: **Moinhos Vive**

O bairro mantém sua característica residencial, preservando suas tradicionais características, entre elas, a da preservação ambiental. Exemplos dessa atuação são: o tombamento de ruas e a preservação de seus parques (Parcão e José Mountary) e de outras áreas verdes como o Morro Ricaldone – cercado para a segurança dos moradores.

A **preservação ambiental utilizando a legislação dos bens culturais** é uma das estratégias robustas desse cenário. Os moradores cientes da importância de sua representatividade se organizam para esse fim. O fluxo de circulantes obedece aos padrões atuais, atraídos pelas características que os identificam: a tradição aristocrática e o ser moderno. Apesar da globalização dos costumes e tendências, a alteridade do bairro - provocada pela interação dos seus frequentadores entre eles mesmos e seus equipamentos e objetos-, traz para o bairro Moinhos de Vento características locais e distintas a ponto de torná-lo um bairro referencial para o turismo da cidade de Porto Alegre.

O poder público atua como enlace regulador (ver mapa sistêmico, figura 9, pág. 68) legislando e executando ações relacionadas à segurança e à circulação desse espaço urbano. O bairro continua atraindo negócios, aprovados pela associação de moradores, que se organizam criando o **Conselho de Moradores**, esse conselho atua de forma fiscalizadora, formando outra estratégia robusta desse cenário. A segurança é um dos temas prioritários, da atuação do Conselho de Moradores e de sua relação com os

stakeholders. O prédio do antigo Cine Coral é utilizado como sede das associações do bairro. A integração entre os parques é uma realidade no cotidiano da cidade, ampliando-se as ciclovias no bairro. Dessa forma, o bairro Moinhos de Vento mantém sua característica residencial, a partir da fiscalização exercida pela representatividade de seus moradores.

CENÁRIO 2 (imobilismo e residencial)



www.moinhosdofuturo.com.br/sempre/cenario.php

O nome: **O Moinhos de Sempre**

A crise financeira mundial de 2008 ameniza a especulação imobiliária que transformava os antigos casarões do bairro em grandes edificações residenciais ou em escritórios comerciais. O bairro mantém-se residencial. Seus moradores são individualistas - característica do mundo contemporâneo, não se envolvendo com questões relativas à coletividade.

Eles transferem para o poder legislativo a força de sua representatividade, tentando eleger o **vereador do bairro**, uma das estratégias robustas desse cenário. A grande preocupação dos moradores e frequentadores do bairro é a segurança: exigem providências do poder público e defendem a implantação de **câmaras que monitorem todo o bairro** – outra das estratégias robustas desse cenário, principalmente nos locais mais residenciais. O prédio do antigo Cine Coral é utilizado como auditório para eventos tradicionais do bairro.

Os parques públicos, apesar de bem frequentados continuam apresentando problemas de limpeza e infra-estrutura (reclamação constante dos moradores). Das áreas de preservação ambiental, o Morro Ricaldone continua sendo o que recebe menores cuidados do poder público e é visto como fator pouco importante para os moradores do bairro, que em sua maioria estão de costas para ele. Nessas circunstâncias, o bairro mantém suas características residenciais e aristocráticas, mas perde seu potencial de atratividade e referenciabilidade para a cidade de Porto Alegre.

CENÁRIO 3: (imobilismo e comercial)



www.moinhosdofuturo.com.br/adeus/cenario.php

O nome: **Adeus Moinhos de Vento**

Assim como o ocorrido com os antigos bairros de tradição aristocrática da cidade de Porto Alegre, altos da Duque de Caxias e Independência, o bairro Moinhos de Vento respira negócios e seus equipamentos e espaços são ocupados para esta atividade. Sua referência para a cidade se modifica, seus antigos e mobilizados moradores procuram adaptar-se ao novo cotidiano e aqueles com maior autonomia se mudam para o bairro Bela Vista.

Os dias de semana nas ruas do bairro lembram o centro de Porto Alegre ou a terceira perimetral: muito automóveis, ruídos, negócios e insegurança. Estabelece-se um contraste com os finais de semana, em que as únicas movimentações se concentram nos interiores dos *Shoppings Centers* do bairro (agora são mais de quatro). O prédio do antigo Cine Coral é utilizado como centro de compras (*shopping* de fábricas). Seus parques servem de local de circulação, com suas **áreas verdes e de lazer perdendo espaços para estacionamentos** e outros serviços ditados pelo mercado de negócios – estratégia criativa desse cenário. Não existem mais as associações do bairro e as decisões sobre o bairro são tomadas pelas negociações do poder público com os gestores dos *Shoppings Centers* ou com os síndicos dos grandes edifícios comerciais. A segurança é privatizada, cabendo aos circulantes se adaptarem às normas por ela determinadas. Dessa forma, o bairro perde sua característica residencial e aristocrática, possuindo pouca diversidade e sem ter uma identidade percebida.

CENÁRIO 4: (representativo e comercial)



www.moinhosdofuturo.com.br/modelo/cenario.php

O nome:

Moinhos de Vento: Um novo modelo

O crescimento econômico do país trouxe para cidade e para o bairro uma nova forma de desenvolvimento urbano. O fato de ser um bairro com forte tradição aristocrática, de grande representatividade - expressa na mobilização de seus moradores, faz com que o poder público tenha que

aperfeiçoar sua atuação na coordenação dos interesses públicos e dos interesses da iniciativa privada. Os novos investimentos realizados em comum acordo, custeados pela iniciativa privada, trazem mais conforto e conveniência aos moradores e frequentadores do Moinhos de Vento. As diversas formas de representatividade dos moradores atuam como órgãos consultores da Prefeitura Municipal para as questões do bairro. Ele continua atraindo novos negócios, aprovados por todos, e, assim, alinhados à tradição do local. **Seminários Temáticos** – uma das estratégias robustas desse cenário - são realizados anualmente, tratando dos temas de interesse global e local. A partir dessas discussões, além de decisões sobre projetos no bairro, exercitam-se novos formatos de representatividade, capazes de repensar conceitos como o da segurança e da gestão dos espaços públicos. O índice de prédios residenciais diminui de forma proporcional ao crescimento de áreas de convivência, como calçadas e espaços de lazer. Esta nova forma de organização social permite ao bairro a manutenção de sua tradição, mesmo que não representada por seus antigos equipamentos urbanos, que foram substituídos por outros mais modernos e adequados à lógica dos negócios, como, por exemplo, pode-se citar o Centro Criativo Moinhos de Vento que ocupa as antigas instalações do Cine Coral. Esse espaço conjuga o desenvolvimento artístico com o econômico, através das diversas expressões criativas (culturais e artísticas) que abriga. Serviu como modelo para o surgimento de outros centros em Porto Alegre, que se inscreve no reservado clube das cidades criativas do mundo contemporâneo. A circulação das pessoas é intensa em todos os dias da semana por motivos distintos: durante os dias úteis, pelo comércio e serviços; e nos finais de semana e à noite, pelas atividades culturais e de lazer, essas muitas vezes financiadas pela iniciativa privada. Esse conjunto de fatores é condizente com a tradição do bairro. Os negócios do bairro são aquecidos pelo turismo, e pelo desenvolvimento econômico resultante de seu Centro Criativo. O bairro também é referência para a cidade em função das inovações sociais provocadas pelos seus Seminários Temáticos.

7) Selecionaram-se as características e estratégias robustas dos cenários:

Foram identificadas as principais características dos quatro cenários e verificadas quais as estratégias de cada um deles (ANEXO D). Essas estratégias chamadas de robustas podem ser testadas por modelos computacionais (modelagem a partir de dados quantitativos: ex.: % de residências e casa comerciais, % de participação dos moradores em associações, números de câmeras de vigilância) ou pelo mapa sistêmico relativo às

estratégias robustas identificando enlaces reforçadores e moderadores. Optou-se pela formulação do mapa sistêmico, figura 9, que foi construído com base nos seguintes fatores críticos: padrões e tendências e incertezas críticas, estratégias robustas e fatores determinantes. A partir da ordem de inserção, abaixo descrita, estabeleceram-se os *links* de causa e efeito entre os fatores críticos. Para a construção do mapa sistêmico, os fatores críticos foram considerados em ordem decrescente de importância, conforme seu poder de influência nos outros fatores.

- a) negócios e segurança;
- b) frequentadores e circulação;
- c) frequentadores: moradores e circulantes;
- d) tradição do bairro, prédios e equipamentos Alinhados à Tradição (AT) e prédios e equipamentos Não Alinhados à Tradição (NAT);
- e) poder público;
- f) negócios Alinhados à Tradição (AT) e Negócios Não Alinhados (NAT);
- g) associação do bairro.

A figura a seguir apresenta o mapa sistêmico e as relações propostas entre os termos. As setas em vermelho equivalem ao menos (-): **inibidor** e as demais flechas representam (+) **reforçador**. **1** prédios e equipamentos alinhados reforçam e são reforçados pela tradição

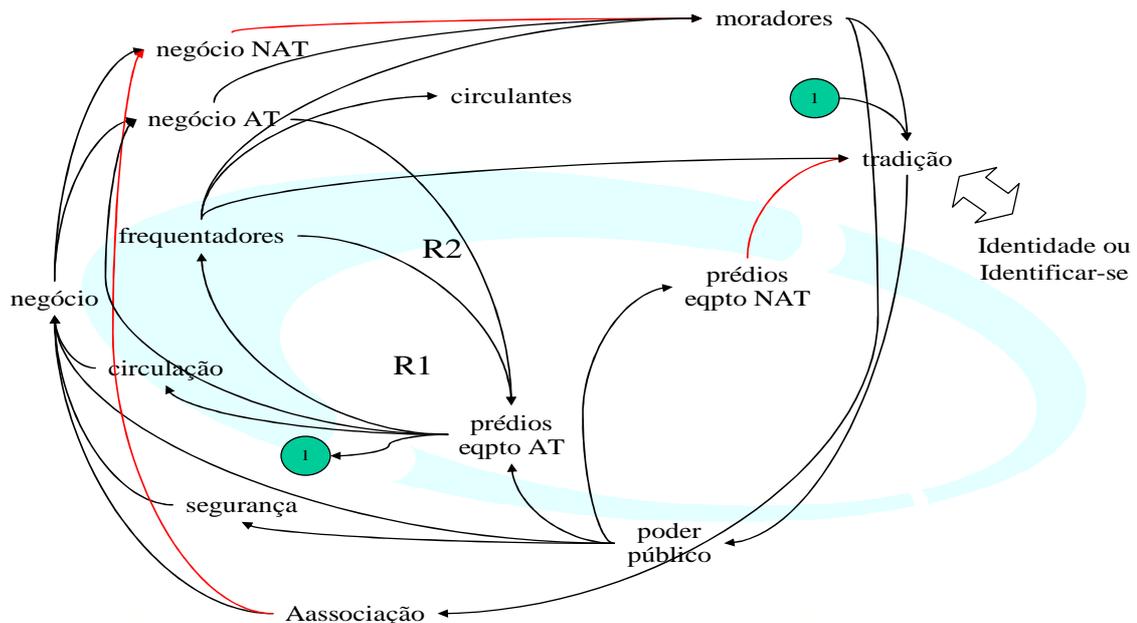


Figura 9: Mapa sistêmico do bairro conforme estratégias robustas

Após a construção do mapa sistêmico, exercitam-se os cenários a partir das perguntas abaixo. Essa fase corresponde à última etapa do planejamento de cenários.

8) Determinar Implicações, construir estratégias e decidir ações do presente:

Nesta etapa, formularam-se outras e significativas indagações: Quais decisões devem ser tomadas à luz dos cenários? Quais os modelos mentais vigentes que construíram a realidade? Que estratégias melhor preparam o objeto de estudo (*corpus*) para os cenários construídos?

Como o exemplo da aplicação da ferramenta Planejamento de Cenários, construiu-se um site: www.moinhosdofuturo.com.br. A elaboração desse site contempla vários objetivos, sendo que o primeiro deles é o de fazer-ver os cenários do bairro Moinhos de Vento, construídos pela aplicação da ferramenta. A partir das simulações construídas para cada cenário, procurou-se demonstrar as diferenças constituídas pelos acoplamentos das incertezas críticas. As principais características e estratégias robustas de cada um desses cenários são percebidas nas simulações que percorrem alguns dos lugares significativos do bairro: Parque Moinhos de Vento, Shopping Moinhos, ruas - Padre Chagas, 24 de Outubro e Luciana de Abreu – e o prédio do antigo Cine Coral.

O segundo objetivo é apresentado quando o usuário interage com o site, respondendo aos questionamentos de sua página inicial. Tem-se a intenção de mobilizar esse frequentedor para interagir com o bairro e verificar as consequências dessa interação. As questões respondidas pelo usuário - constituídas pelos temas e hipóteses da investigação – estão relacionadas com cada um dos quatro cenários. A frequência de respostas para um determinado cenário o faz emergir como cenário priorizado. Cada interação pode ser relacionada a um acoplamento ou a um ordenamento por flutuação, a cada interação pode-se tentar identificar, os modelos mentais que justificam o comportamento do usuário frente aos questionamentos que lhe são ofertados. Outro dos objetivos do site é apresentá-lo às associações do bairro, para que o utilizem como mais um instrumento de estímulo à participação de seus integrantes na tomada de posição em relação às questões do ambiente em que estão inseridos. Acredita-se que, dessa forma, se estará auxiliando a constituir, no bairro, novos experimentos de gestão de espaços públicos e de representatividade. Talvez, se possa também, contribuir para novos estudos desse território ou até mesmo para novas investigações sobre o desenvolvimento dos espaços urbanos e das operações sociais neles existentes.

O estudo de cenários que foi descrito, a partir das ferramentas *Blue Sky* e Planejamento de Cenários, permitiu além das observações já apresentadas, alimentar de dados e subsídios um ambiente de aprendizagem sobre o *corpus* que se começa a construir e se complementa com a descrição de outras duas ferramentas: Pesquisa Etnográfica e Pesquisa *Survey*, que foram aplicadas na Análise do contexto, que a seguir são apresentadas.

2.3 ANÁLISE DO CONTEXTO

Na fase metaprojetual da metodologia do Design Estratégico, assim como exercitou-se a necessidade de construção de cenários, também se impõem o estudo e a análise do contexto. Diversas análises se desenvolvem, conforme Desserti (2007): a análise constituinte, a análise dos usuários e a análise do mercado onde o objeto de investigação está inserido.

Para proceder à contextualização do objeto ou do problema, fez-se um exercício de ampliação do foco, levando-se a ver sistemas amplos. As primeiras perguntas serão sempre as seguintes: em que condições acontecem o fenômeno no qual se está interessado? Como se vê relacionado com outros elementos do sistema? Essas questões apontam para o fato de que “Assim, se está tirando o foco exclusivo no elemento e incluindo o foco nas relações. E fica claro, então, que contexto não significa simplesmente ambiente, mas se refere às relações entre todos os ambientes envolvidos” (VASCONCELLOS, 2002, p.112).

Contextualizar é, portanto, realizar operações lógicas contrárias às de disjunção e redução, contrárias às operações de simplificação que produzem uma simplicidade atomizada. As operações lógicas que constituem esse movimento contrário à disjunção e à redução são as de distinção e conjunção as quais permitirão ver uma complexidade organizada. Como diz Morin, “o pensamento complexo segrega os antídotos contra a simplificação”.

Para contemplar as observações acima citadas, apresenta-se a seguir o estudo e aplicação do método conhecido como Estudo de Caso - com especificações adequadas às características da investigação, alicerçado em duas ferramentas, a primeira delas, qualitativa: Pesquisa Etnográfica e a segunda delas, quantitativa: Pesquisa *Survey*.

2.3.1 Estudo de Caso

Um Estudo de Caso de um território, do tipo exploratório, foi precedido por afirmações sobre: o que será explorado - Bairro Moinhos de Vento, o propósito a ser explorado - A Identidade do bairro: interação entre frequentadores: moradores e não moradores, a ser aprofundado a partir da seguinte problematização: Existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Como operam os fatores aparentemente insignificantes? E, ainda: Como se realizam as interfaces entre eles e quais os seus efeitos? E, os critérios através dos quais se julgará a exploração como bem-sucedida. - metodologia e ferramentas adequadas e escolha correta do universo de pesquisa.

Como forma de responder às afirmações acima citadas, tomou-se os seguintes procedimentos: revisou-se constantemente literatura relacionada ao que se vai investigar, discutiu-se com colegas, orientadora e professores os tópicos e idéias a se estudar, aplicou-se a metodologia mais adequada aos fundamentos epistemológicos do Pensamento Sistêmico, além de experimentação realizada com as próprias ferramentas na fase de qualificação.

No Estudo de Caso em questão, conforme Kidder & Judd (1986), podem ser utilizados três testes para julgar a qualidade da pesquisa: validade do constructo, validade externa e confiabilidade. Neste caso específico, foram utilizados dois deles, como se verá a seguir. No primeiro deles, validade do constructo, se teve a certeza de cumprir duas etapas:

- a) Selecionar os tipos específicos de mudanças que devem ser estudados (em relação aos objetivos originais do estudo). As mudanças estão definidas nas hipóteses testadas na pesquisa *Survey* (página 77), elaboradas conforme a problematização da pesquisa.
- b) Demonstrar que essas medidas selecionadas dessas mudanças realmente refletem os tipos específicos de mudanças que foram selecionadas. As demonstrações estão desenvolvidas na interpretação e análise dos dados (pág. 79).

No segundo deles, o teste da confiabilidade, serviu para minimizar os erros e visões tendenciosas de um estudo. Para a realização desse teste utilizou-se o protocolo de Estudo de Caso e se desenvolveu um banco de dados da investigação. Quanto mais operacionais se tornarem as etapas do processo de pesquisa, mais confiável ela se torna, pois a condição de uma auditoria fica facilitada.

Pensa-se que o processo de construção da investigação que foi desenvolvido e o formato da sua apresentação reafirmaram positivamente a confiabilidade da investigação.

Outro teste possível, o de validade externa, consistiria em testar as hipóteses através da replicação das descobertas em um segundo ambiente, para verificar a ocorrência dos mesmos resultados, especialmente nas hipóteses relacionadas às operações sociais dos espaços urbanos. Este teste se realizou de forma parcial, quando da elaboração dos mapas conceituais (pesquisa *Blue Sky*, pág. 55), a partir de *insights* ocorridos em visitas a outros bairros. Sua utilização em relação às hipóteses foi considerada irrelevante, pois na construção metodológica proposta, a interação entre as ferramentas utilizadas e os dados colhidos fez com que essas hipóteses - algumas delas, específicas ao bairro Moinhos de Vento - fossem testadas em diversos momentos da investigação em dupla dimensão: qualitativamente, nas ferramentas já apresentadas e, quantitativamente, pela pesquisa *Survey*, descrita na pág. 76.

Em continuidade ao processo em curso - apresentação das ferramentas utilizadas - estarão, na sequência, a fundamentação teórica e o formato de aplicação da pesquisa etnográfica, a partir de um ensaio etnográfico, alicerce qualitativo do Estudo de Caso.

2.3.1.1 Pesquisa Etnográfica

Em sua fase metaprojetual a metodologia do Design Estratégico indica o estudo do contexto em que este território está inserido. Entre os diversos métodos que podem ser utilizados nessa fase da investigação, acredita-se que a etnografia assumiu um lugar importante, pois construiu referencial e subsídios para a investigação e reuniu observações relevantes que foram utilizadas em outras ferramentas. “A etnografia é um método, e talvez mais que isto, dotado de grande tradição na Antropologia e cujo desejo é realizar a descrição dos significados que um determinado grupo atribui à sua experiência de vida” (ROCHA E BARROS, 2003, p.192).

A pesquisa Etnográfica, em função de suas características, auxiliou no entendimento da inserção do bairro no contexto da cidade e no mundo contemporâneo. Uma de suas características centrais é o fato do pesquisador se incluir, de modo problematizante na pesquisa, não renunciando à história, pois ela faz compreender o presente. A pesquisa Etnográfica leva em conta toda a gama de impressões e informações que brotam nos encontros do campo. Como diz Caiafa (2007): “Quando a experiência do campo inspira a teoria, é possível que entendamos os fenômenos que pouco tem de

interpretação, é mais uma forma de experimentação, agora com o pensamento e a escritura”.

Em alguns casos, o etnógrafo vai estudar o grupo a que pertence e o distanciamento físico; neste caso, tende a zero. Mesmo assim, a pesquisa pode ser realizável e bem-sucedida. Para que se tenha esse êxito, o estranhamento deverá sobreviver mesmo tão próximo da identidade. Sobre a neutralidade em pesquisas etnográficas, a citação abaixo muito bem a problematiza:

Quando o etnólogo pretende a neutralidade absoluta, quando ele acredita ter recolhido os fatos “objetivos”, quando ele elimina dos resultados de sua pesquisa tudo o que contribuiu a alcançá-la e que ele apaga cuidadosamente os traços de sua implicação pessoal no objeto de estudo, é então que ele corre o maior risco de se distanciar do tipo de objetividade e do modo de conhecimento específico de sua disciplina, ou seja, a apreensão, ou melhor, a construção daquilo a que Marcel Mauss chamou o “fenômeno social total” que supõe a integração do observador no próprio campo da observação (LAPLANTINE, 2004, p.24).

Pode-se conceituar agenciamento como um tipo de conexão que permite o distanciamento acima citado, reunindo componentes heterogêneos, sendo multiplicidades que ligam os elementos mais diversos. “Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada uma mudança” (DELEUZE apud CAIAFA, 2007, p.152). O etnógrafo é um componente dos agenciamentos.

Outra característica importante na pesquisa Etnográfica, que está presente no ensaio etnográfico do bairro Moinhos de Vento, é a simpatia, conceituada como o afeto que permite entrar em ligação com os heterogêneos que cercam o observador e os observados, que permite agir e escrever com eles. A simpatia difere da distância (olhar científico asséptico) e da identificação (contágio) permitindo a obtenção da alteridade.

O trabalho de campo também possibilitou a migração exterior, pois nele se perdem os limites da identidade, volta-se para fora e, assim, é realizada a ligação com o outro. “Outrem dizem Deleuze e Tourner, me mostra outros mundos possíveis e não realizados, e que me escapariam se não fosse a sua presença” (CAIAFA, 2007, p.155). Por isso, quanto mais o etnógrafo se deixar afetar pelos agenciamentos, mais interessante para os objetivos da pesquisa, pois sua produção subjetiva poderá ser maior.

2.3.1.1.1 Aplicação do Ensaio Etnográfico

1) Estabeleceu-se o Protocolo de ida ao campo:

O *corpus* e o formato do ensaio etnográfico permitiram a observação da experiência da alteridade (e a elaboração desse ensaio), de modo a observar o que nem se quer poderia se imaginar. Por isso, a fase do Protocolo não foi estabelecida com uma rigidez de ações e de observações, mas sim, a partir de parâmetros flexíveis, para que o pesquisador não abandonasse o problema e nem o objeto da pesquisa.

Os locais, frequência e horários da ida ao campo obedeceram ao cronograma estabelecido na fase do Protocolo, conforme os quadros abaixo:

Cronograma geral do Ensaio Etnográfico

Atividades	Turnos	Dias /mês
Observação de espaços abertos: Rua Padre Chagas, 24 de Outubro.	Manhã Tarde Noite	Seg a sex e final de semana. NOVEMBRO 2008, ABRIL 2009
Observação de espaços abertos: Parques: Moinhos de Vento, José Montaury, Hidráulica e Morro Ricaldone.	Manhã Tarde Noite	Seg a sex e final de semana. JANEIRO, JULHO, SETEMBRO 2009
Observação de espaços fechados: Shopping Moinhos de Vento e Hospital Moinhos de Vento.	Manhã Tarde Noite	Seg a sex e final de semana. DEZEMBRO 2008, MAIO 2009
Observação de espaços fechados: Clubes.	Manhã Tarde Noite	Seg a sex e final de semana. MARÇO e SETEMBRO 2009
Observação de espaços fechados: Escritórios, Associação de Moradores e Associação Comercial.	Manhã Tarde	Seg a sex . ABRIL 2009

Cronograma do Ensaio Etnográfico preliminar, desenvolvido como experimento na fase do trabalho de qualificação

Atividades	Turnos	Dias /mês
Observação de espaços abertos: Rua 24 de Outubro e Rua Padre Chagas	Manhã Tarde Noite	DIA DE SEMANA e final de semana. JANEIRO, ABRIL
Observação de espaços abertos: Parque Moinhos de Vento	Manhã Tarde Noite	DIA DE SEMANA e final de semana. FEVEREIRO, MARÇO
Observação de espaços fechados: Shopping Moinhos de Vento	Tarde Noite	DIA DE SEMANA e final de semana. FEVEREIRO, MARÇO
Observação de espaços fechados: Clubes – Grêmio Náutico União e Leopoldina Juvenil	Manhã Tarde Noite	DIA DE SEMANA e final de semana. JANEIRO e ABRIL
Observação de espaços fechados: Escritórios e Associações de Moradores	Manhã Tarde	DIA DE SEMANA FEVEREIRO, MARÇO

- 2) Foi-se ao campo
- 3) Relatou-se a experiência
- 4) Comunicaram-se os resultados

Ao efetuar a comunicação dos resultados, a pesquisa continuou, pois o texto etnográfico se torna inseparável do trabalho do campo. A postura do etnógrafo não vinga se imbuída de uma postura de construção de autoridade e autoria, mas ganha destaque, quando se torna guardião de agenciamentos; em um processo que não é do pesquisador em que se insere na elaboração de uma escritura que constantemente é uma enunciação coletiva.

Nessa etapa, foi o momento de construir, organizar e relatar dados e subsídios (frutos das observações e entrevistas em profundidade realizadas, conforme ANEXO C) necessários para a elaboração da pesquisa *Survey*, que a seguir será descrita. As entrevistas em profundidade além de complementarem as observações que se realizavam, reafirmaram os conteúdos apresentados na fundamentação teórico-metodológica, trazendo dados de muita relevância tanto para essa etapa de análise do contexto, como para a construção dos cenários e análise dos dados.

Essas entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecido (ANEXO C), sendo realizadas em lugares significativos do bairro Moinhos de Vento. Permitiram além da revisitação das tematizações, a observação dos comportamentos dos seus frequentadores, com a intenção de testá-los e entendê-los. A realização do ensaio etnográfico e as entrevistas em profundidade contribuíram em todos seus momentos para validar sua utilização junto à metodologia do Design Estratégico. Também nessa fase da investigação reafirmou-se de forma consistente a grade heurística proposta e a possibilidade de novas descobertas metodológicas, pois algumas observações realizadas modificaram alguns dos procedimentos que estavam programados para a investigação. Exemplos disso foram a alteração do período da realização da *Survey* e a inclusão do tema da gestão pública na fundamentação teórico-metodológica.

As entrevistas foram realizadas, conforme já mencionado, durante o ensaio etnográfico e procuraram abordar, personagens do bairro e outras pessoas que representassem os diferentes tipos de frequentadores do Moinhos de Vento (pág. 111). As principais observações do relato de campo estão apresentadas em uma tabela comparativa que, assim como os roteiros das entrevistas e seus principais trechos, estão descritos no Anexo C.

O Ensaio Etnográfico realizado, além das contribuições já relatadas, foi decisivo para a construção da Imagem de Escala (ANEXO B), que será referida logo a seguir, na apresentação da pesquisa *Survey*, ferramenta quantitativa utilizada na complementação da análise do contexto.

2.3.1.2. Pesquisa *Survey*

A utilização da pesquisa *Survey* contempla uma das modificações definidas para essa investigação, que é a de qualificar a aplicação da metodologia do Design Estratégico, acrescentando em sua fase metaprojetual, uma ferramenta quantitativa.

As pesquisas do tipo *surveys* são muito semelhantes a censos, mas deles se diferenciam porque examinam somente uma amostra da população, enquanto o censo geralmente implica uma enumeração da população toda. Conforme Babbie (2001), a pesquisa *Survey* apresenta como características gerais: a) Seus dados facilitam a aplicação cuidadosa do pensamento lógico; b) Sua postura deve ser determinística baseada nas relações de causa e efeito, sempre que o pesquisador procura explicar as razões e as fontes dos eventos; c) Suas amostras são realizadas para se entender a população maior na qual a

amostra foi inicialmente selecionada; d) Seus achados replicam subgrupos diferentes (por sexo, idade, escolaridade, etc.), fortalecendo a certeza de que ele representa um fenômeno geral na sociedade; e) Sua compreensão atinge níveis máximos com a utilização de poucas variáveis; e por último, f) Sua conceituação e medição de variáveis estão no âmago da prática científica.

Com base nestas características, que confirmam a possibilidade de se obter através de sua aplicação, dados quantitativos, escolheu-se o tipo de pesquisa *Survey* - imagem tradicional - como o mais adequado à complexidade do *corpus*, pois, dessa forma, é possível desenvolver análises explicativas sobre o comportamento humano, e satisfazer os objetivos dessa investigação. A aplicação dessa ferramenta, conforme a seguir se comprova, qualificou a coleta e a interpretação dos dados (pág.79) e sua participação no grupo de ferramentas utilizadas através da metodologia do Design Estratégico.

2.3.1.2.1 Aplicação da pesquisa *Survey*

1) Recuperou-se a teoria: A base dessa construção está descrita na fundamentação teórico-metodológica.

2) Derivou-se para as hipóteses teóricas. Com base na construção teórica que se realizava, nos dados obtidos e nas observações feitas quando da utilização das outras ferramentas, definiram-se as seguintes hipóteses a serem testadas:

- a. O bairro possui uma identidade?
- b. Terá força esse espaço de construir um imaginário capaz de identificar seus moradores e circulantes (ou frequentadores)?
- c. Existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro?
- d. Os frequentadores percebem uma identidade para o bairro Moinhos de Vento?
- e. Percebem seus moradores em que escala a sua contribuição para a preservação do bairro?
- f. Seu crescimento atual poderá transformá-lo em um bairro não residencial?
- g. Sua tradição aristocrática ainda representa seu maior valor de atratividade?

3) Operacionalizaram-se os conceitos com a especificação de indicadores empíricos e com a definição dos representantes dos conceitos referenciais. Os indicadores são

específicos, enquanto que os conceitos são abstratos. A operacionalização é a especificação desses conceitos na pesquisa, ou seja: proceder à conversão da hipótese teórica em empírica.

4) Coletaram-se os dados empíricos: a coleta de dados relacionados aos indicadores empíricos foi realizada a partir da elaboração e aplicação de um questionário utilizando a ferramenta quantitativa: *Country Image Scale* apresentada no *Marketing Measuring a Multi-Dimensional Construct: Country Image by Elsevier Science*, 1993, encontrada no livro *Handbook of Marketing Scales* (MARTIN and EROGLU, 1993) que possibilita verificar a imagem de países.

A *Country Image Scale* mensura esta percepção de imagem de países a partir da escolha por parte dos entrevistados do grau de percepção em uma escala de 1 a 7, sobre 14 fatores. Estes fatores são subdivididos e descritos, cada um deles, com mensurações antagônicas.

Como o objeto de pesquisa é o Bairro Moinhos de Vento, adaptaram-se alguns dos fatores originais, mas se manteve o número em 14. A manutenção desse número levou em conta, o alto grau de confiabilidade conquistado quando de sua aferição e sua validade para um universo de 200 pessoas “*Coefficient alpha was reported to be 950 for the entire 14-item country image scale*” (MARTIN and EROGLU, 1993, p.60). No Anexo B, são apresentados o questionário da pesquisa, assim como, os resultados, dados e tabelas resultantes de sua aplicação. Quando da realização das entrevistas em profundidade, desenvolvidas no experimento do ensaio etnográfico, o questionário foi testado com sucesso, com alguns dos frequentadores do bairro.

5) Realizaram-se teste empírico de hipóteses e teste estatístico da hipótese para averiguar se há correlação entre as variáveis e, assim, confirmar ou não a hipótese empírica e, por conseguinte, saber se a hipótese teórica é aceita ou rejeitada.

A hipótese na imagem tradicional é representada pela função $Y = f(x)$, onde os valores de Y são determinados (causados) pelos valores de X. A hipótese teórica é aceita como uma proposição geral se for confirmada por todos os testes empíricos específicos. Essa intercambialidade de índices, cujas associações podem ser paradoxais, favorece a uma compreensão mais abrangente da natureza da associação. Muda-se a perspectiva da pergunta: em vez de perguntar se as variáveis estão associadas, pergunta-se *como* estão associadas.

A partir destas considerações, o questionário foi aplicado em universo de 245 pessoas, representantes dos diversos segmentos de frequentadores do Bairro Moinhos de

Vento, conforme as especificações dos mesmos, presentes no Anexo A. O erro amostral previsto é de 6%, com um nível de confiança de 95%. Para a tabulação dos questionários, utilizou-se o software *Sphink*.

Destaca-se como limitação da pesquisa, o fato de não haver possibilidade de segmentar a amostra, pois não se tem dados estatísticos do universo de cada um desses públicos, com exceção do total de seus moradores: 8067 pessoas (ANEXO A).

Os dados quantitativos obtidos a partir da *Survey* interagiram com os dados e observações das demais ferramentas qualitativas já descritas, complementando um novo formato de construção da fase metaprojetual da metodologia do Design Estratégico, conforme proposta inicial desse trabalho e resultando na interpretação e análise dos dados a seguir apresentada.

2.4 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os fundamentos teóricos em conjunto com os dados coletados pela aplicação das ferramentas metodológicas - ensaio etnográfico, pesquisa *Blue Sky* e planejamento de cenários, permitiram uma primeira análise do contexto e uma projeção futura para o bairro Moinhos de Vento. A partir da aplicação da *Survey* a 245 frequentadores do Bairro, acrescentam-se aos conhecimentos já elaborados dados quantitativos que são apresentados em tabelas e gráficos (ANEXO B), e que, agora conjuntamente analisados, possibilitarão uma melhor compreensão do objeto em investigação - “A identidade do bairro: interação entre frequentadores: moradores e não moradores” - a ser aprofundada a partir da seguinte problematização: Existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Como operam os fatores aparentemente insignificantes? E, ainda: Como se realizam as interfaces entre eles e quais os seus efeitos? Durante toda a investigação esses e outros questionamentos serviram para retroalimentar seus diversos momentos: de coleta, reflexão e interpretação, quais sejam: levantamento de dados, entrevistas, visitas, formulações teóricas, observações e análise dos dados.

No momento da formulação do questionário da *Survey*, as indagações acima auxiliaram na formulação das hipóteses que agora são apresentadas com as respectivas médias definidas pelas respostas dos entrevistados, com a ressalva de que se utilizou, na aplicação dos questionários, uma imagem de escala com notação de um (1) a sete (7).

h. O bairro possui uma identidade? Média: 6,10

- i. Terá força esse espaço de construir um imaginário capaz de identificar seus moradores e circulantes (ou frequentadores)? Média: 5,71
- j. Existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Tradição aristocrática, Média: 5,5 / moderno, Média: 5,81
- k. Os frequentadores percebem uma identidade para o bairro Moinhos de Vento? Média: 6,10
- l. Percebem seus moradores em que escala a sua contribuição para a preservação do bairro? Média: 5,12
- m. Seu crescimento atual poderá transformá-lo em um bairro não residencial? Média: 4,35
- n. Sua tradição aristocrática ainda representa seu maior valor de atratividade? Média: 5,51

É possível constatar, por essas hipóteses e por novas indagações que orientam o estudo, diversas possibilidades de alimentar a análise dos dados e de comprovar a complexidade do *corpus*, e o seu pertencimento a um sistema social autopoietico, auto-referencial e operacionalmente fechado. São elas: As modificações provocadas nos comportamentos individuais afetam em que formato e intensidade o sistema global do bairro? Podem-se identificar os protagonistas dessas modificações? Seus frequentadores atuais, não aristocratas, resignificam a partir de novos hábitos burgueses os valores aristocráticos? Na dimensão dos frequentadores (moradores/não moradores) pergunta-se: Deixarão eles se afetarem por essas diversidades? Em que grau?

Na análise do *corpus*, apresentada no Anexo A, pode-se verificar que em sua formação atual, o bairro Moinhos de Vento possui edificações e equipamentos urbanos²¹ definitivos e de grande valor ambiental. Essa característica leva a projetar uma pequena perspectiva de modificações estruturais e físicas no bairro na próxima década; mas diferentes disso, outras modificações poderão vir a acontecer. Essas modificações pensa-se, serão definidas por vários fatores: pelas características dos frequentadores do território - moradores, não moradores, sistemáticos, não sistemáticos (e outras apresentadas na questão simples aberta 1.1 no ANEXO B); pelos comportamentos, representações e relações desses frequentadores (cuja produção pode ser autopoieticas); e por outros

²¹ Equipamentos urbanos: segundo a norma brasileira NBR 9284, é um termo que designa todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinado à prestação de serviços necessários ao funcionamento das cidades. Enciclopédia Britânica.

fenômenos relacionados ao desenvolvimento dos centros urbanos: acoplamentos estruturais, ordem a partir da flutuação e emergência.

Sabe-se que as representações são produzidas nas relações sociais, nos conflitos e nos encontros. Assim, como as representações que são explicadas desde o plano das ideias, as relações sociais se contextualizam em um sentido mais humano e político, como produto de um choque social. As construções sociais, as construções simbólicas e mesmo as relações na sociedade estão circunscritas pela vontade de poder (ideias de NIETZSCHE, retomada por FOUCAULT, 1987). Dessa forma, se as relações sociais em termos discursivos são vistas em termos de antagonismos e luta, e se as representações não são outras coisas que a produção desses choques, pode-se afirmar que toda representação ganha um sentido político que emerge de uma relação de forças.

Assim compreendidas as representações, chama-se a atenção para as características dos frequentadores destacadas nas especificações do bairro, Anexo A, e na identificação dos entrevistados: 28% da amostragem são de moradores que somados aos 22% dos frequentadores não moradores constituem o público frequentador sistemático. A outra metade dos entrevistados são os frequentadores não sistemáticos representados por não moradores do bairro e da cidade de Porto Alegre, demonstrando assim, a grande atratividade do bairro, inclusive para o turismo. Como a coleta foi realizada em dias úteis e final de semana (sexta-feira, sábado, domingo e segunda-feira), nos três turnos : manhã, tarde e noite, constata-se a diversidade de fatores de atração. Tem-se aqui um ponto de atenção já referido na análise das cidades (pág.24). A busca pelo lugar utópico, ideal, e o reconhecimento no tempo- processo natural ao bairro, se contrapõem ao reconhecimento do espaço, que é o produto do fascínio pelo turismo. Esta convivência pode alimentar a diversidade ou desfigurá-la. Na questão aberta acima referida, também fica constatado o quanto são diversos os frequentadores do Moinhos de Vento.

Tenho um restaurante e bar em outro local da cidade, na Nilo Peçanha. É diferente daqui, lá são frequentadores iguais, aqui na Padre Chagas temos todos os tipos de público como já falei, variando nos horários e nos dias da semana. O público de sábado a noite é bem diferente, são pessoas de outros bairros da cidade, que vêm colocar no corpo o status do Moinhos..Já se percebe ônibus de turistas estacionados nas proximidades da Pe. Chagas. (Jorge, empresário, proprietário da Dublin [casa noturna] e vice-presidente da Associação Comercial do Bairro Moinhos de Vento – entrevista em profundidade da etnografia - ANEXO C).

Concordando com Jane Jacobs (2007), há quatro condições indispensáveis para gerar tal diversidade, entendida como a possibilidade de irritar, fazer com que aconteça a socialização. A primeira delas é que, sem dúvida, o espaço urbano tenha o maior número possível de segmentos que o compõe. Deve atender a mais de uma função principal; de preferência, a mais de duas. Essas funções devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas que sejam capazes de utilizar boa parte da infra-estrutura do local. O bairro Moinhos de Vento tem atraído para um bairro de característica residencial uma diversificação de negócios: cafés, lojas de *grife*, restaurantes, conjuntos comerciais e *shopping centers*. Serviços de grande variedade, conjugados a equipamentos públicos de grande valor ambiental - o Parque Moinhos de Vento, o morro Ricaldone, o Parque Tenístico José Montauray e o Parque da Hidráulica Moinhos de Vento, contribuem ao mesmo tempo para incentivar essa diversidade e atender a diversas funções sociais de moradia, trabalho, lazer e conveniências.

Um bairro com características únicas. Há uma mistura de todo tipo de gente principalmente nos finais de semana, charmoso, palco de vários eventos, um lugar onde os visitantes que não são de Porto Alegre, já no primeiro contato se apaixonam (Mário Pucci – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

Não moraria em nenhum outro lugar de Porto Alegre, comprovo isso com as minhas idas e vindas do exterior. Adoro o bairro, pela suas conveniências: faço tudo a pé: clubes, shopping (saliento que é um grande diferencial do bairro na relação com o passado quando eu era adolescente), padaria, supermercado, escola dos filhos, calçadas e cafés (Lonise Gerstner – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

Escolhi o bairro para meu negócio pois o mesmo tem a maioria de meus clientes e acredito que é o melhor bairro de Porto Alegre para quem como eu trabalha com serviços: Aqui tem tudo: acesso fácil, estacionamento, conveniência e pessoas com tradição: políticos como os parentes do Brizola , Tarso Genro.... aqui tu podes cobrar o serviço com valor pois o bairro passa esta sensação para as pessoas : tudo aqui é melhor: restaurantes, cafés, serviços... (Mari – podóloga, entrevista em profundidade na etnografia – ANEXO C).

A segunda das condições destacada pela autora é a que deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais foram seus propósitos. Isso inclui alta

concentração de público cujo propósito é morar no bairro. Dessa forma, analisam-se além das características já apresentadas – relacionadas ao formato de moradia e frequência, algumas outras observações que nos auxiliam a explicar os comportamentos e as representações que atualmente são constatados nas observações etnográficas realizadas no bairro.

Os moradores do Moinhos de Vento do início do século eram grandes empresários e figuras políticas de destaque, essa observação que pode ser ilustrada por alguns de seus sobrenomes: Renner, Millender, Livonius, Kessler, Bopp, Gerdau, Goulart e Brizola. Apesar de origens distintas, os moradores que fundaram o bairro possuíam alto poder aquisitivo, condição que lhes possibilitava o acesso a bens culturais, opções de lazer e itens de consumo extremamente sofisticados. Como esses políticos, grandes industriais, famosos comerciantes e fazendeiros possuíam um estilo de vida inacessível à maior parte da população da cidade, sua presença conjunta no lugar consolidou uma mística aristocrática, ainda reconhecida para o bairro (ANEXO B, TABELA 9). Pensa-se como Sennet (1988) que o surgimento de padrões de interação social dá-se a partir das elites. Essa visão é compartilhada por alguns depoimentos de associados da Associação do Bairro: Moinhos Vive:

Os empresários se “utilizam” da identidade do bairro: aristocrático. Utilizam-se desta característica, pois a mesma agrega valor a seus produtos e serviços. Quando Marco (associado) fala desta identidade, utiliza a expressão “tem algo diferente no ar”, não sei explicar, já a associada Tânia Maria é mais explícita: credita à tradição aristocrática este estado da arte do bairro (Marco e Tânia Maria, entrevista em profundidade na etnografia – ANEXO C).

Da mesma forma que pela característica aristocrática, o bairro Moinhos de Vento é reconhecido também como um bairro moderno por seus frequentadores – 83% dos entrevistados conferem ao bairro o conceito de ser moderno (ANEXO B, TABELA 10). Além disso, pode-se salientar a importância cultural que o bairro representa para a cidade, constatado na repercussão de fatos a ele relacionados, com a sua presença constante nas diversas veiculações midiáticas da cidade, com a valorização de seus imóveis e com a recomendação que se repassa aos visitantes da cidade para que visitem o bairro, como forma de melhor conhecerem a cidade de Porto Alegre.

A nobreza do Moinhos de Vento, relatada por Bissón (2008), em livro sobre o bairro, tem raízes históricas que consolidaram uma tradição, a primeira das duas palavras-

chave para o entendimento da mística aristocrática do bairro. A segunda palavra é modernidade. Modernas, e maiores responsáveis pelo sucesso da região, são suas atrações mais populares. Elas são reconhecidas por todos e, pelo menos uma vez, são visitadas por esse público. O Parque Moinhos de Vento (Parcão), os cafés da Rua Padre Chagas, o Shopping Moinhos e o conjunto de bares e restaurantes da Fernando Gomes, trecho sugestivamente chamado de Calçada da Fama, são pontos de referência.

As observações do ensaio etnográfico permitem também constatar pelos movimentos dos moradores e pela forma positiva com que o território interage com suas diversidades, que o bairro Moinhos de Vento agrega peculiaridades que lhe permitem uma resistência – talvez não percebida e não coordenada por ninguém, capaz de não fazê-lo perder essa atratividade e de se descaracterizar, como aconteceu a outros bairros tradicionais da cidade, como os altos da Duque de Caxias e do Bairro Independência. Esses exemplos eram no passado territórios com as características atuais do Moinhos de Vento. Em um período de tempo menor de reinado, perderam grande parte de seus tradicionais moradores, de sua característica residencial e de sua referencialidade de bairros modernos da cidade, cada um em sua época.

Além da influência nos costumes da cidade, por seu nível cultural e por sua importância política, os moradores que se foram fixando no Moinhos de Vento forjaram na rede de relações do lugar, algumas características que podem explicar sua tendência à autogestão. Essas redes são de um valor social urbano insubstituível, e estabelecem as raízes dos comportamentos e representações hoje identificadas nos eventos relativos ao bairro, os quais foram relacionados quando da elaboração da técnica do *iceberg*, utilizada na ferramenta do Planejamento de Cenários (pág.60).

Outra condição, a terceira apontada por Jane Jacobs, descreve que a maioria das quadras deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes. Durante a realização do Ensaio Etnográfico se constatou que ao percorrer as diversas ruas do bairro, que a existência das quadras curtas, principalmente nas redondezas da Rua Padre Chagas – conforme mapa da página 108 e na simulação de cenários: www.moinhosdofuturo.com.br, traziam este incentivo de virar a esquina e se encontrar com uma nova possibilidade de contato. Esses contatos criam interfaces amigáveis e involuntárias de corpos, energias e informação. Há ambientes que facilitam a inteligência de nível superior e outros que a suprimem, diz Steven Johnson (2003) ao descrever o fenômeno da emergência. O ambiente que se imagina nas ruas do Moinhos de Vento, conforme seus frequentadores, lembram aqueles que facilitam a sociabilidade, a

modernidade, comprovados na análise da *Survey* (ANEXO B, TABELAS 4 e 10) e conseqüentemente a inteligência.

A última das condições apontadas para determinar a diversidade diferenciada de um espaço público é que o território em estudo deve ter uma combinação de edifícios com propriedades de estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos – representados no Moinhos de Vento pelos antigos casarões que abrigavam as tradicionais famílias de Porto Alegre e atualmente servem para gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta e assim parece se verificar no estudo do bairro. Essa ocupação coletiva e heterogênea estimulada por uma mistura de habitantes, além das implicações cotidianamente discutidas, também traz um trânsito de diversas formas de comunicação que nele interferem e podem caracterizá-lo como um sistema societal.

Essa coletividade do bairro Moinhos de Vento pode ser descrita como o encontro de pessoas que, sem serem absolutamente anônimas, pelo fato da proximidade, não estão tampouco absolutamente integradas na rede de relações humanas preferenciais (amizades, família). Não estão longe demais e nem demasiadamente perto. Já os laços e vínculos se estabelecem na prática do bairro como uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível para todos os usuários através de códigos de linguagem e dos seus comportamentos. Esses códigos de linguagens promovem os acoplamentos estruturais entre os indivíduos (quando da construção de suas identidades) e o ambiente, e, entre a comunicação e a consciência individual.

Em Nova York, exemplo mundial citado por Caiafa (2007), é visível a produção da heterogeneidade urbana, onde a alteridade é um componente dos processos de subjetivação. As cidades se definem em grande parte pelos processos subjetivos que deflagram. Essa subjetividade não deve ser entendida aqui como uma interioridade individual, mas como tendo sua formação no social.

Deve-se ainda acrescentar que também o poder público tem papel importante e crucial, pois produz espaços coletivos que desatam o nó que vincula a cidade à empresa e a uma característica de negócio. Assim como sua atuação no transporte coletivo e na circulação, o poder público é componente importante na identidade dos centros urbanos. A circulação no bairro Moinhos de Vento é intensa. O bairro é bem servido pelo transporte coletivo e a circulação dos pedestres é estimulada por calçadas planas e por paisagens variadas. Suas ruas, apesar de serem não exclusivas aos automóveis (meio de transporte

mais utilizado) são curtas e com diferentes relevos. Também a mobilidade urbana, em diferentes cenários, pode ser constatada no www.moinhosdofuturo.com.br.

Retornando à análise dos equipamentos urbanos presentes nesse território, verifica-se uma presença significativa de parques públicos, caracterizando o desenlace do lugar com o negócio e trazendo também uma relação do bairro com a questão ambiental.

Como em todo mundo contemporâneo, comunidades locais e suas respectivas organizações têm alimentado as bases de um movimento ambiental influente e amplamente difundido, principalmente em áreas ocupadas pela classe média (Os moradores atuais do bairro não representam mais a aristocracia de Porto Alegre - como no início da formação do bairro. Hoje a renda média do chefe de domicílio dos moradores do Moinhos de Vento ocupa a terceira posição na cidade, atrás do bairro Bela Vista e do bairro Três Figueiras). No Moinhos de Vento, esses movimentos se confirmam e apresentam uma natureza defensiva e reativa, preocupando-se exclusivamente com a conservação de seu próprio espaço e ambiente imediato. A associação dos moradores do bairro chamada de Moinhos Vive mobilizou sua comunidade e conquistou o tombamento de sete trechos de rua que se tornaram patrimônios naturais e ecológicos (ANEXO F). Além dessa atitude pontual, impetrou ação no Ministério Público para impedir uma edificação em substituição a prédios de valor histórico. Esse mesmo tipo de movimento vem se observando no Estado do Rio Grande do Sul, como na atitude do Não em Meu Quintal, em que comunidades locais rejeitam a construção de prisões próximas as suas residências.

Os movimentos aqui apresentados se distinguem daqueles que, a partir da questão ambiental, realizam de forma mais ampla, manifestações de conscientização pela preservação da natureza e do planeta para futuras gerações, numa perspectiva de longo prazo, rejeitando o aspecto imediatista.

Para o estudo que esta investigação objetiva é relevante destacar que as identidades que surgem a partir de ambas as perspectivas são bastante diferentes, pois os espaços defensivos levam ao individualismo coletivo, e o controle do tempo, ofensivo, abre a possibilidade de reconciliação entre cultura e natureza, apresentando uma nova filosofia de vida holística. Quando da análise dos dados relativos ao questionamento sobre a identidade do bairro Moinhos de Vento, poder-se-á verificar de que forma essas perspectivas se realizam naquele espaço. Parece que os movimentos realizados no bairro caracterizam uma identidade, chamada por Castells de identidade defensiva, comentada quando da análise das identidades da sociedade contemporânea (pág. 37).

Acredito que o bairro pulou para um ícone de qualidade de vida, lazer e negócios devido a nossa associação “Moinhos Vive”, com sua incansável defesa do meio ambiente, tombamento dos túneis verdes, do projeto Recicla Moinhos, da luta para manter as áreas culturais (Mário Pucci – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

A questão ambiental que se exterioriza neste território, amparada pelos diversos equipamentos verdes existentes, é outra mostra do porquê dos lugares manterem as suas formas. Alguns elementos da vida urbana passam de geração a geração porque são associados a uma estrutura física que tem sua própria durabilidade. Assim, como exemplifica Steven Johnson, as catedrais e as universidades são os exemplos desse fenômeno, fomentando durante milênios comunidades religiosas e estudantes a sua volta que nos lembram o desenvolvimento urbano junto à Universidade de Sorbonne em Paris e da Basílica do Vaticano, na Itália.

Um território define-se em grande parte pelas possibilidades de ocupação de seus lugares e pelo acesso a eles. A aventura dos territórios só vinga se é possível produzir o coletivo. A experiência da alteridade não sobrevive apenas nos meios privatizados, controlados e orientados pelo comércio. Garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferenciação, é condição fundamental para constituir esse espaço de contágio e de alteridade. Um bairro atrai antes de conter; desenvolve-se de forma horizontal. Ao se analisarem os dados referentes ao bairro Moinhos de Vento (ANEXO B, TABELAS 4 e 5), especialmente para testar sua capacidade de facilitar a sociabilidade das pessoas e a participação de seus moradores na preservação do bairro, verifica-se um ambiente favorável à experiência da alteridade, a favor da socialização dos frequentadores e de sua conseqüente mobilização para a preservação do bairro. Essa mobilização, essa mistura e essa ampliação são chamadas de funções urbanas especiais por Caiafa, em suas investigações sobre as cidades. Capturando atrativamente uma exterioridade, o bairro reúne os nômades (não moradores) e, no mesmo movimento, oferece um novo tipo de nomadismo aos que estão em casa. “Devir é uma comunicação transversal com um heterogêneo. O devir não diz respeito ao ser, à identidade, mas a um tornar-se, uma experiência de alteridade e transformação” já nos ensina Deleuze e Guattari (2007).

Constata-se nessas relações a figura do outrem, ou seja, de um operador de diferenciação que faz o indivíduo conviver com um mundo que ele não vê. A exposição à diversidade pode levar o homem até a borda de si mesmo, momento em que se volta para

si e se conecta com o outro (acoplamento estrutural). Essa interação é estimulada pela mistura urbana, pelos diversos fluxos que atravessam um bairro ou uma cidade, onde o poder central se dá pelo estabelecimento de hábitos.

Um dos motivos de esvaziamento de um centro urbano é quando o vínculo que nos liga a ele é só de negócios. Os vínculos subjetivos de pertencimento são provocados pela confluência de fatores provocados pelo convívio de diferentes, esses sim desejantes. Muitos que ficaram e ficam por um tempo são atraídos pela possibilidade de criação de vínculos. Na realização do ensaio etnográfico no bairro Moinhos de Vento, observou-se a possibilidade desse vínculo que pode dar conta da experiência urbana. A simpatia que se tem pelos lugares do bairro está relacionada a uma sensível percepção de valor. Há uma função subjetiva das cidades, como aponta Guattari: “As vicissitudes dos processos de subjetivação no campo urbano são uma perspectiva importante para entender cada território”.

A importância da alteridade e sua continuidade no bairro vinculada a uma característica e controle não exclusiva dos negócios, foi uma das hipóteses testadas, e a análise das respostas (ANEXO B, TABELAS 2 e 6), em conjunto com os dados da pesquisa Etnográfica, reforça essa percepção como uma das incertezas críticas definidas para a construção de cenários: ser residencial ou ser comercial (um espaço caracterizado pelos negócios). Os cenários construídos por essa incerteza desenharão as estratégias criativas e modelarão o espaço para o futuro, e são apresentados posteriormente, em www.moinhosdofuturo.com.br.

Outro fator comum ao grupo é o descrédito no poder executivo municipal, encontrando no ministério público uma referência e uma melhor forma de pressionar o executivo e os empresários que a seu ver têm interesses contrários aos da Associação e dos moradores: manter o bairro o mais residencial possível e a lutar pela preservação ambiental (Raul Agostinni: presidente da associação Moinhos Vive – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

Acredito que o bairro no futuro seja ainda mais um bairro de negócios, com poucas casas e a parte residencial será representada por grandes edificações. Ninguém impede o progresso (Saulo Duarte, presidente do G.N. União, – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

As atuais reformas e projetos da sede Moinhos de Vento do Grêmio Náutico União expressam o cenário que seu presidente, na citação acima, projeta para o bairro. Eliminando algumas áreas de convívio e prática esportiva da sede em troca de áreas de estacionamento para automóveis de associados e não associados, o clube estabelece um conceito para parte de seu espaço. A prática de suprir o espaço público vivo – lugar de convívio, contém uma idéia ainda mais perversa: a de fazer desse espaço, agora um espaço refém do movimento. A idéia do espaço público como derivação do movimento corresponde exatamente às relações entre espaço e movimento produzido pelo automóvel particular. Nos estudos apresentados por Sennet (1988), a tecnologia da movimentação moderna substitui o fato de estar na rua por um desejo de eliminar as coerções da geografia. Os novos estacionamentos agora projetados pelo clube servirão aos possíveis novos negócios do bairro. Talvez os dirigentes tenham esquecido os finais de semana e feriados em que os negócios não se realizam e suas antigas áreas de convívio e lazer, agora transformadas em estacionamentos, estarão vazias, assim como as próprias instalações do Grêmio Náutico União, um clube que, por princípio, deveria ser um espaço de lazer e contágio. O fato adquire ainda maior relevância por tratar-se de uma instituição que em seu passado foi fiel a esses princípios, e auxiliou na formação de várias lideranças para o Estado.

No episódio de aprovação desse projeto do Grêmio Náutico União junto aos órgãos municipais, a associação do bairro (Moinhos Vive) teve novamente uma atuação fiscalizadora, ao questionar as perdas ambientais que o projeto traria ao bairro, fazendo com que o projeto se adequasse e o clube se comprometesse com a manutenção periódica de uma praça pública na rua Coronel Bordini e com o plantio de um significativo número de árvores na rua Quintino Bocaiúva, compensando dessa forma, os impactos ambientais do projeto original.

Essa ação, da mesma forma que o tombamento das ruas, são alguns exemplos de iniciativas dos moradores em questões relacionadas ao bairro. Suas participações têm se evidenciado a partir do Moinhos Vive, assim como, só que de forma mais tímida, os empresários se organizam pela Associação Comercial do Bairro Moinhos de Vento. A hipótese relacionada à participação dos moradores foi testada em dois questionamentos: o primeiro, pergunta se o bairro incentiva a participação democrática (ANEXO B, TABELA 3), e o segundo, testa o grau de atuação dos moradores na associação do bairro (ANEXO B, TABELA 7).

Ambos os questionamentos e a conseqüente análise das respostas dos entrevistados reforçam outra das incertezas críticas definidas para a construção de cenários: imobilismo ou representatividade, referentes à forma de atuação dos moradores do bairro. A importância da participação dos moradores é salientada por todos, da mesma forma, entendem, em sua maioria, que o espaço incentiva a participação democrática, mas a escolha da Associação de Moradores do Bairro Moinhos de Vento como o espaço para representá-los não é consenso. Ao relacionar essa controvérsia como o fenômeno da emergência referido por Steven Johnson (2003), pode-se projetar a possibilidade de emergir, nesse contexto, um novo formato de representatividade e participação.

Como sei que não se freia desenvolvimento, deveriam incentivar os serviços atuais para qualificá-los para o turismo. É o negócio de futuro para o bairro. Estas conquistas só serão obtidas com a participação dos moradores em mobilizações que façam com que o poder público atue de forma honesta e dentro da lei (Lonise – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

Outra coisa que acho legal no bairro é a Associação dos moradores, apesar de ir contra os interesses do comércio e dos negócios, eles é que estão conservando o bairro, que não é mais residencial, mas ainda mantém uma certa tradição de modernidade e aristocracia (Mari – podóloga, entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

Nesses termos, a imprevisibilidade dos movimentos dos moradores poderá estar dependente de movimentos não controláveis, com protagonismos diversos. Ao investigar esses movimentos, acrescenta-se ao que já foi referido com destaque – as características dos frequentadores, e os eventos a ele relacionados - o entendimento que Johnson nos traz sobre um centro urbano: um espaço que se desenvolve como um sistema emergente e como padrão no tempo, ou seja, a cristalização de um fenômeno *bottom-up*. Outro aspecto salientado pelo autor, é que o bairro como um sistema emergente é capaz de aprender, quer dizer, ela vai ficando mais inteligente com o tempo. O bairro, portanto, se torna mais esperto, mais útil para seus habitantes. E aqui, outra vez, a coisa mais extraordinária é que esse aprendizado emerge sem que ninguém tenha consciência dele. O *feedback* intenso entre os moradores, assim com as formigas em seu coletivo, é que permite que o comportamento complexo ocupe o lugar do caos sem sentido. É ele que vai determinar a evolução do sistema para um nível superior de organização, uma nova ordem a partir da

flutuação. A possibilidade de um círculo de *feedback* ocorrer está diretamente relacionada à interconexão geral do sistema. Esse fenômeno aparentemente invisível, que se está chamando de emergência aplicada, poderá estar transformando nossa relação objetiva e subjetiva com a mídia e nossas tradicionais noções de mundo público e privado.

O que importa é como extrair o máximo da inteligência coletiva existente nos movimentos de representatividade, mesmo sabendo que o modelo-mental tipo *top-down* é o predominante. Porém, como diz Johnson, quando se trata de um sistema emergente é preciso desistir de controlar. É preciso deixar o sistema governar a si mesmo tanto quanto possível, deixá-lo aprender a partir de passos básicos.

O bairro Moinhos de Vento, por exemplo, é um momento, um ponto de articulação ou convergência, um ponto de atração onde os circuitos se reúnem momentaneamente e essa convergência se produz precisamente por aí. É como se redes de poder se alastrassem por infinitas simulações de si próprias, reproduzindo uma espécie de ponto sem origem, virtual e indeciso. Atesta-se que os poderes que se liquefazem, passam do sistema para a sociedade, da política para as políticas da vida. O poder, que por vezes não se percebe, controla, e em conjunto com a cultura, poderão ser os bens mais raros da nova sociedade (BAUDRILLARD, 2007). A era que se vivencia produz, num mesmo movimento, a ordem e a desordem.

Pode-se trazer assim um indicativo de formato de participação dos moradores. Mas ainda que a gestão democrática do território seja o caminho da efetiva democratização da gestão pública e do avanço de sua responsabilidade social, são muitas as dificuldades existentes. Talvez se tenha de mudar a cultura de cidadão-contribuinte que espera passivamente a retribuição dos serviços prestados pelo Estado.

Ao mesmo tempo em que se vivem esses espaços de contradição e superação de modelos culturais na relação do público com o privado, os cidadãos se mostram preocupados com já vimos, com a questão ambiental, perplexos com a intolerância, assombrados com as desigualdades, afugentados pela insegurança, inseguros pela interdependência dos mercados, e descobrem-se seres humanos conscientes de seus direitos e interessados “em resgatar suas identidades através da vida em comunidade. A globalização, como já foi citado, dialeticamente, acabou por fortalecer as localidades, remetendo as pessoas a concentrarem o foco em suas identidades” (GIDDENS, apud BUSATTO, 2006, p. 161). Com isso, o desenvolvimento do lugar passou a ganhar novas dimensões.

O Bairro atualmente está explodindo, deveria permanecer nesta situação atual.: conveniências e residências em números ideais, segurança e conforto. Sei que não se controla o desenvolvimento. Deveria participar da associação que me parece um movimento que poderá preservar esta riqueza e tradição do bairro. O poder público, planos diretores, não são suficientes... (Ênio Dexmeimer, – entrevista em profundidade da etnografia – ANEXO C).

No caso das sociedades democráticas contemporâneas, a pluralidade de espaços políticos produzidos não prescinde de que, no interior de cada um deles, a fronteira dual se construa. O que ocorre é que a oposição resultante dessa demarcação de terrenos não recobre toda a superfície do social, nem extingue a capacidade identificatória dos agentes sociais envolvidos. O antagonismo, conforme Laclau (1990) - condição de possibilidade de constituição de toda identidade - exige essa tal divisão, embora o objeto antagonico não possa corresponder a um simples referente empírico, podendo ocupar mais de uma posição.

Os moradores do Moinhos organizam-se por eventos, atestam um individualismo coletivo quando utilizam o Ministério Público para agirem como agentes fiscalizadores, da mesma forma que legitimam o Plano Diretor de Porto Alegre, representação do sistema *top-down*, quando lhes convém. Buscam a ordem estabelecida, mas obtém sucesso de suas proposições pela desordem típica de um sistema *bottom-up* incipiente. Contestam o poder, mas dele querem usufruir.

Como se vê, a intenção desta investigação é considerar não apenas os aspectos materiais, mas também os aspectos imaginários que envolvem o território em estudo; é aprofundar os estudos de outras influências atuantes no espaço e na sua identidade. As análises e observações já referidas permitem que se aborde a identidade do bairro Moinhos de Vento a partir dos fundamentos epistemológicos já descritos e com a complexidade que o *corpus* exige.

Antes de iniciar a análise objetiva das respostas aos questionamentos que envolvem a identidade do bairro, reitera-se a importância do conceito de imaginabilidade de Lynch (pág.40), que reconhece o efeito da identidade e da estruturação notável nas imagens públicas que organizam e orientam um território. Normalmente, nas análises realizadas por urbanistas, a imagem dos ambientes públicos ou de espaços, limita-se aos efeitos físicos que possam determinar.

Figuras de destaque nesse contexto, os centros urbanos podem ser definidos como um conjunto de edificações e elementos que a conformam. Mas elas são mais do que isso, são o palco do cenário que se escolhe para viver e experimentar a vida. E essa experiência é diferente para cada pessoa, pois cada uma traz na bagagem a memória através das representações e das imagens que coleciona. Sendo assim, imagens são a interface do homem com o mundo que ele quer codificar e transpor das experiências compreendidas no seu imaginário, sejam para superfícies planas, ou para expressar a imagem do seu universo, seu próprio cenário. Assim, mais que observadores, os frequentadores atribuem valores e novos elementos a esse organismo vivo por todos modificado.

Também é pertinente ressaltar que não significa necessariamente que as imagens no território sejam fixas, precisas e claramente ordenadas, e é Kotler (2006) que salienta: “a imagem de um lugar é identificável e muda ao longo do tempo”. Sem dúvida, características visíveis aos olhos são marcantes e orientadoras. Tais características são para muitos mais evidentes; porém outros sentidos ou até mesmo ocasiões reforçam imagens não menos importantes. Os odores, os sons, as pessoas também conformam imagens significativas para os territórios.

A construção de uma identidade exige, antes, a passagem pela identificação daquilo que lhe é exterior, que a antagoniza, que é símbolo do seu não-ser. Em dadas condições, essa representação simbólica do outro (que de modo algum significa que não haja um referente do antagonismo, mas sim que nem a identidade antagonizada nem a antagonizante são puramente positivas) pode ser partilhada por outras diferenças.

Sob a luz destas considerações analisam-se as respostas à seguinte questão: O bairro Moinhos de Vento possui uma identidade? A totalidade dos frequentadores do bairro Moinhos de Vento - quase 90% - afirma que o bairro tem uma identidade (ANEXO B, TABELA e GRÁFICO 8). A pesquisa *Survey*, além de trazer esta certeza, complementa como já foi anteriormente apresentado, que a tradição aristocrática e o ser moderno são fatores que a determinam.

Apesar dessas certezas, os estudos teóricos realizados durante a investigação e os dados obtidos nas experimentações das outras ferramentas utilizadas fizeram com que se formulasse uma hipótese relacionada não ao substantivo identidade, mas ao verbo identificar-se. O questionamento apresentado para também testar esta possibilidade foi: O bairro Moinhos de Vento tem força de promover a identificação de seus frequentadores? Na análise das respostas, 85% do público identifica no bairro a possibilidade de também

identificar seus frequentadores (ANEXO B, TABELA e GRÁFICO 11). Essa constatação permite algumas considerações.

Em um primeiro momento, considerando que o espaço físico deve compartilhar seu território espacial com esse outro espaço da comunicação e do tempo e que essa característica marca os ambientes, amplia-se o fenômeno de subúrbios e de metropolização dos territórios. Foi o que, justamente, começou a denominar-se por Silva (2008): urbanismo sem cidade, pois o espaço físico não mais é o unicamente percebido.

Desses novos fenômenos de invisibilidade urbana, desponta a cidade imaginada, com uma característica especial: o urbanismo cidadão: sem lugar, sem cidade, sem subúrbios, mas com suas próprias representações e, assim, sua própria urbanização. Por isso, a cidade imaginada corresponde em sentido real a um renovado urbanismo cidadão contemporâneo. Diferente da condição do *urbis* do Renascimento e do *urbanus* do século XVIII, o urbanismo cidadão vai emergindo na mesma proporção em que emergem novos formatos de poder nas sociedades dessa nova era chamada de informacionalismo. Assim, nos urbanizamos independentemente de viver em um casco citadino. Vive-se então, em um espaço de contágio, em um espaço de diferenciação.

Em um segundo momento, na medida em que se aceita que o urbano da cidade não se vê, e se permite avançar sobre a temporalização de seus espaços, percebe-se a existência de outras práticas que contribuem para a definição de outras experiências urbanizadoras de hoje, tais como a arte pública, os meios e as tecnologias, três dos mais importantes co-gerentes nessa emancipação do urbano ante a cidade. Avança-se, assim, para a construção de outro lugar não necessariamente espacial, o *situs*, lugar ou paragem que pode ser ocupado, o que nos permite justamente situar-nos, ou seja, colocar em um lugar, as vivências urbanas cidadãs.

Essas práticas do público das cidades imaginadas fixam-se em dois grandes eixos: o urbanismo sem cidade e o urbanismo cidadão. O primeiro caracteriza-se por três aspectos: o da cidade liberal descentrada da natureza (subúrbios de grandes metrópoles), o do referido ao menor uso da cidade ante uma maior urbanização (usa-se parte da cidade que já satisfaz todos os interesses); observação adequada ao bairro Moinhos de Vento, e o da desterritorialização da cidade como conseqüência de deslocamentos cidadãos (nações imaginadas de caráter extraterritorial, como, por exemplo, os imigrantes concentrados em grandes centros urbanos). Já o urbanismo cidadão vive as cidades segundo as percepções que os habitantes fazem dela, onde os olhares dos grupos produzem os novos desenhos cidadãos, e a partir dos quais se podem pensar em conquistas sociais baseadas em desejos

subversores dos habitantes de cada cidade, e na luta para impor outros imaginários aos hegemônicos. O processo de se identificar é uma espiral que se alimenta constantemente de espaços do bairro, de interações das alteridades que são atraídas por ele e das diferenciações consequentes das comparações com as estruturas internas desse sistema.

Um novo urbanismo cidadão irá ou deverá exigir que novos fenômenos sociais se materializem em outras construções e outras materializações de seus ambientes. Esse é o valor dos imaginários urbanos como representação do futuro. As relações do imaginário com o simbólico na cidade dão-se como princípio fundamental na sua percepção: o imaginário utiliza o simbólico para manifestar-se e, quando a fantasia cidadã faz efeito em um simbolismo concreto (rumor, piadas, comentários sobre segurança, trabalho...), então o urbano se faz presente como a imagem de uma forma de ser.

Ao renunciar à anarquia de pulsões individuais, o frequentador do bairro contribui com sua cota para a vida coletiva, com o objetivo de retirar dali benefícios simbólicos necessariamente protelados. Assim, por saber ser conveniente, o frequentador se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. Como nos ensina De Certeau (2000), prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente. Prático é também a fixidez do habitat dos frequentadores e os processos de reconhecimento – de identificação, de acoplamento – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano.

Na análise desse contexto, em conjunto com as características que se percebem no bairro Moinhos de Vento, seus frequentadores parecem recriar novas identidades a partir de pontos nodais particulares de articulação. A cada interação com um ponto nodal, modificam-se o sujeito-frequentador e o próprio ponto de articulação. Apesar de se viver em tempo de globalização é paradoxal constatar que, simultaneamente, esse movimento provoca uma necessidade de pertencimento a uma cultura local, cultura essa formada pelo conjunto de pontos nodais modificados a cada interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como preocupação central a compreensão do processo de construção de identidades do bairro Moinhos de Vento como um conjunto urbano constituído por segmentos diferenciados em uma dada ordem de interações sociais cuja densidade permite a identificação de uma dada forma de resistência e de sociabilidades significativas, para a compreensão das emergências, das representações e das projeções que o constituem. Este estudo de natureza exploratória abre perspectivas de estudos teóricos sobre o pensamento sistêmico, de reconfiguração das metodologias e, conseqüentemente, de ampliação do potencial explicativo desses aportes. As expectativas são de que sua contribuição se dê no âmbito dos espaços acadêmicos de investigação e de gestão de espaços urbanos. Foi possível já vislumbrar potencial de estudos futuros sobre o tema e o instigante debate que poderá gerar.

A abordagem escolhida pode ser considerada positiva para que os objetivos fossem alcançados. Retomados os principais fundamentos do pensamento sistêmico, temas como sociedade, cidade, bairro, identidade, imagem e gestão, entre outros, permitiram a sistematização do olhar sobre o bairro Moinhos de Vento. Nesse quesito, o *corpus*, espaço urbano plural, mas fisicamente delimitado, foi favorável à complexidade que a compreensão do bairro exigia fosse contemplada e que a proposta de sistema social autopoiético, auto-referencial e operacionalmente fechado possibilitou apreender.

A escolha metodológica do Design Estratégico mostrou-se acertada pela contribuição transdisciplinar que ela aporta, ampliando o olhar investigativo e a indicação de relevâncias, responsáveis pelo respeito à complexidade dos objetos, no caso, o bairro. Essas iniciativas resultaram em aprendizagens e estímulos a reformulações metodológicas. Diversidade, problematizações e desafio foram as condições de construção de um espaço favorável às eventuais trocas produtivas por este trabalho produzidas. Portanto, há o reconhecimento das limitações desta investigação, mas também do expressivo conjunto de questões que ela traz para discussão e para estudos futuros.

Em resposta à problematização da pesquisa, o estudo permitiu identificar os fatores determinantes e outros aparentemente insignificantes que compõem a identidade do bairro Moinhos de Vento. Entre os fatores determinantes destacam-se: a tradição aristocrática do bairro - mística marcante de sua identidade, assim como a modernidade - traços de contemporaneidade cosmopolita e a diversidade - configurada pelos segmentos que o compõe, pela alta densidade de pessoas, pelos seus equipamentos urbanos e pela pequena

extensão de suas ruas e quadras, todas elas fatores de construção de identidade. Essa diversidade provoca uma grande possibilidade de alteridade, e, a partir dela, do surgimento dos fatores aparentemente insignificantes, como, por exemplo, os destacados acoplamentos estruturais provocados pelo trânsito de diversas formas de comunicação que nele interferem e o caracterizam como um sistema societal. Na necessidade dos frequentadores de pertencerem a esse sistema e a uma cultura local, formada pelo conjunto de pontos nodais modificados a cada interação, as diferenciações se multiplicam e o fenômeno da emergência parece acontecer. Como resultado dessas operações, identifica-se nas relações entre moradores e não moradores a capacidade do bairro de facilitar a sociabilidade das pessoas.

Os dados referentes à capacidade do bairro de favorecer a sociabilidade das pessoas e a participação de seus moradores na sua preservação ou ressignificação desenham um ambiente favorável ao exercício da alteridade e da mobilização. Seu formato urbanístico, com muitas áreas verdes e parques aliado às raízes culturais conferem aos seus moradores um perfil de auto-gestores, e explicam alguns de seus movimentos de identidade defensiva e de resistência às modificações que produzam características que possam ferir suas mais caras tradições ou que modifiquem seus atributos atuais.

O bairro Moinhos de Vento possui edificações e equipamentos urbanos definitivos e de maior ou menor valor ambiental, em que se destacam positivamente os parques públicos, caracterizando os enlaces do lugar com os negócios e dele a questão ambiental. Mas há outros lugares que não necessariamente espaciais como *situs*, lugar ou paragem que pode ser ocupado. O processo de se identificar ou de se identificando é uma espiral que se alimenta constantemente de espaços do bairro, de interações das alteridades e de diferenciações consequentes das operações nas estruturas internas desse sistema. Essas operações são códigos de linguagens que promovem os acoplamentos estruturais entre os indivíduos (quando da construção de suas identidades) e o ambiente, e entre a comunicação e a consciência individual. São eles da ordem da flutuação e da emergência e da ordem da construção dos imaginários e simbólicos. Nesse sentido, ao renunciar à anarquia de pulsões individuais, o frequentador do bairro contribui com sua cota para a vida coletiva, com o objetivo de retirar dali benefícios simbólicos necessariamente protelados.

Com as descobertas desses fatores e de suas relações, contemplou-se outro objetivo do estudo, que era o de perceber o bairro não como um objeto bem delimitado e estático, mas como uma realidade a ser trabalhada na dinâmica dos processos e sempre em

contexto. Assim, ficou reforçada uma das intenções iniciais do estudo - a de trabalhar a identidade não

apenas como um substantivo, mas também como um verbo, no conceito de ação nos significados temporais do identificar-se e do identificando-se. É essa dinâmica que o título do trabalho “Bairro Moinhos de Vento: construindo identidades” quer referir e que os fundamentos sistêmicos e as metodologias usadas permitem organizar e interpretar.

Apesar de existirem diversos estudos sobre bairros - inclusive alguns sobre o bairro Moinhos de Vento, acredita-se que os resultados podem motivar a realização de estudos em outros ambientes e estimular a proposição de um conjunto de produtos ou serviços. Um produto, dentre os possíveis, aqui proposto, é o site www.moinhosdofuturo.com.br, que permite a identificação dos modelos mentais subjacentes à aplicação da ferramenta Planejamento de cenários. No cenário das possibilidades de estudos futuros, é possível organizá-los em três níveis: o nível teórico, de retomada do pensamento sistêmico; o nível metodológico, de aprimoramento sobre o potencial do Design Estratégico, identificação do potencial das ferramentas e conseqüentes reformulações; e o nível interpretativo, síntese da práxis investigativa.

As controvérsias ou desconformidades que este trabalho possa gerar devem instaurar um benéfica turbulência que é, por sua vez, responsável pela sinalizações de estudos futuros que, já se sabe, respondem positivamente aos desafios da diversidade, do movimento, da pluralidade, da ciência e das metodologias. Mesmo atento ao ideal do rigor científico recomendado e ainda que tenha alcançado os objetivos propostos no projeto, este estudo possui algumas limitações que poderão trazer uma melhor compreensão das condições de sua produção e das implicações nos resultados.

A limitação que inicialmente se apresenta refere-se à própria natureza do trabalho, estudo de caráter empírico indutivo, que exigiria novos exercícios de aplicação em diferentes ambientes, de modo a validar as generalizações e a formular rigorosas hipóteses. Na sequência, a aplicação conjunta de diversas ferramentas, embora se reconheça que trouxeram acréscimos relevantes pela interação entre si, mostrou que a ampliação de espectro de aplicação para outros ambientes, como no caso da *Blue Sky*, traria mais informações com maior potencial heurístico. Operacionalmente, o fato de a pesquisa ser realizada em bairro de vinculação afetiva do pesquisador pode apresentar algum tipo de viés mais subjetivo, o que se procurou evitar através do rigoroso emprego da metodologia e de suas ferramentas.

Por fim, espera-se que este trabalho estimule acadêmicos e profissionais ao aprofundamento do tema proposto, a novas problemáticas ou descobertas sobre configuração e gestão dos espaços urbanos, e à oferta de produtos e serviços por eles sugeridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER. **M. Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

ADORNO, T.W. **Teoria Estética**. Lisboa, Portugal: 70, 1970.

ANDRADE, A...[ET al.]. **Pensamento sistêmico - Caderno de Campo - O desafio da Mudança Sustentada nas Organizações e na Sociedade**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Lisboa: 70, 2007.

BAUMAN, Z. **Globalização e Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BERTOLA, P. **O Design no Pensamento Científico: verso uma fenomenologia de design**. Milano: Polidesign, 2003.

BEST. **Design Management**. Lausanne:AVA, 2006.

BISSÓN, C. **Moinhos de Vento: Histórias de um Bairro de Elite de Porto Alegre**. Porto Alegre: SMC – IEL, 2008.

BORJA DE MOZOTA, B. **Design Management**. New York: Allwort, 2003.

BÜRDEK, B. **Design: História, Teoria e Prática do Design de Produto**. São Paulo: E. Blücher, 2006.

BUSATTO, C. **A Era dos Vagalumes: o Florescer de uma Nova Cultura Política**. Canoas: ULBRA, 2006.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades - ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARNEIRO, M. **Moinhos de lembranças**. Porto Alegre: Palotti, 2003.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAUTELA, C. **Strumenti di Design Management**. Milão: Tipomonza, 2007.

CELASCHI, F.; DESSERTI, A. **Design e Innovazione. Strumenti e Pratiche per la Ricerca Applicata**. Roma: Carocci, 2007.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FLOOD,R. ; JACKSON,M. **Critical Systems Thinking**. New York: Wiley, 1991.

FLUSSER, Vilém. **O mundo Codificado**. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____;GUATTARI, Félix. **7000 a.C Aparelho de captura**. Mil platôs. v.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____;GROYS, Boris. **A Cidade na Era de sua Reprodutibilidade Turística**. Cidades: Etnografias Metropolitanas 25ª Bienal de São Paulo - Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: 2002.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEIJDEN, K. **Planejamento de cenários: a arte da conversação estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOHNSON, S. **Emergência: a dinâmica de redes em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

KIDDER, L & JUDD, C.M. **Research Methods in Social Relations**. 5.ed. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1986.

KOTLER, P et al. **Marketing de Lugares - Como conquistar crescimento de longo prazo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Prentice Hall, 2006.

LACLAU,E. **New Reflexions on the Resolutions of our Time**.Londres: Verso,1990.

LUHMANN, N. **A Nova Teoria dos Sistemas/ org. Clarissa Eckert Baeta Neves e Eva Machado Barbosa Santos**. Porto Alegre: UFRGS, Goethe-Institut, ICBA,1997.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1997.

MACEDO, F. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1973.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing : uma orientação aplicada**. 3.ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.

McGREW, A. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

ROZANO, M. **Jockey Club. Histórias de Porto Alegre**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

SÁNCHEZ, F. **A Reinvenção das Cidades para um Mercado Mundial**. Chapecó: UnoChapécó- Argos -Editora Universitária, 2000.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, Semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

SENNET, R. **O declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, A., NETO, A.F, GOMES, P.G. **Mediatização e Processos Sociais na América Latina-Cidade Imaginada como Modelo Encarnado: Arte, Meios e Tecnologias.** São Paulo: Paulus, 2008.

Suplementos do Bairro Moinhos de Vento. Porto Alegre, Jornal Zero Hora, edições: 57, 58,62,63,68,69,70,74,76,80,81,82,83,84,85,86, ano IV, 2008.

ULRICH, W. **Critical Heuristics of social Systems Design.** European Journal of Operation Research, 31 p 276. 1987.

VASCONCELLOS, M. **Pensamento Sistêmico – O Novo Paradigma da Ciência.** Campinas: Papirus, 2002.

xxxxxx. **Handbook of Marketing Scales.** Scales Related to Country Image and Affiliation - Country Image Scale. (Martin and Eroglu, 1993: 193)- SILVA, 2008.

BIBLIOGRAFIA

ATKINSON, Paul. **_Etnografia: Métodos de Investigación.** Capítulo 2 - El Diseño de La investigación. Barcelona: Paídos Ibérica, 2001.

AUGÉ, M. **El disenõ desde punto de vista Del antropólogo.** Barcelona: Gedisa, 2006.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisa Survey.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BARBIERI, J. **Organizações Inovadoras.** São Paulo: FGV, 2007.

CARDOSO, R, **Uma Introdução a História do Design.** São Paulo: E. Blücher, 2004.

DELANHESI, Y. **Ceci N' Est Pás Une Fenêtre.** São Leopoldo: Unisinos, 2007. Trabalho de Conclusão.

FLUSSER,V. **Filosofia da caixa Preta: Ensaios para uma Futura Filosofia da Fotografia.** Rio de Janeiro: Reluma Dumará, 2002.

FLUSSER,V. **Filosofia del Diseño.** Madrid: Sintesis, 1999.

FOCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GARZÓN, Maria Angélica. **El lugar como política y las políticas de lugar.** Revista Signo y Pensamiento, nº 53. Bogotá, Colômbia: Dez, 2008.

JIMENEZ, M. **O que é Estética.** São Leopoldo: Unisinos, 1989.

KASPER, H. **O processo de pensamento sistêmico: um estudo das principais abordagens a partir de um quadro de referência proposto.** Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

KILPP, Suzana. **Ethicidades televisivas: Molduras e Emoldurações.** Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos. v-4,n.2, p.209-218. São Leopoldo: Dez, 2002.

KIM, D. **The link between individual and organizational learning.** Sloan Management Review, Fall 1993.

KOLB, David A. **A gestão e o processo de aprendizagem.** In: STARKEY, K. (org.) Como as organizações aprendem - relatos do sucesso das grandes empresas. São Paulo: Futura, 1997.

LAPLANTINE, F. **A Descrição Etnográfica.** São Paulo: Terceira Imagem, 2004.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** 2.ed. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGNOLI, D. **Geografia.** Rio de Janeiro: Moderna, 2002.

MORAES, D. **Metaprojeto: o design do design**. In Anais do 7o Congresso Brasileiro de pesquisa e Desenvolvimento em Design. Curitiba: UFPR, 2006.

NELSON, R; KIM, L. **Tecnologia, Aprendizado e Inovação: As experiências das economias de industrialização recente**. São Paulo: UNICAMP, 2006.

NONAKA, I. **A empresa criadora de conhecimento**. In: STARKEY, K. Como as organizações aprendem. São Paulo: Futura, 1999.

OSTERMANN, R. **Até a Pé Nós Iremos**. Porto Alegre: LPM ,2000.

ROCHA, E; BARROS, C. **Cultura, Mercado e Bens Simbólicos: Notas para uma interpretação antropológica do consumo**. In TRAVANCAS, Isabel; Farias. Antropologia e Comunicação. p.181-208. Rio de Janeiro: Gramond, 2003.

RONCA, P. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Edesplan, 2001.

SCALETSKI, C. **Construção de mapas Conceituais como estratégia de projeto**. SIGraDi, 2007. México DF: Universidad La Salle, 2007.

SCHOEMAKER, Paul J. H. **Scenario Planning: A tool for strategic thinking**. Sloan Management Review/Winter. Fall, 1995.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SENGE, P.; KLEINER, A.; ROBERTS, C.; ROSS, R.; SMITH, B.J. **A quinta disciplina : caderno de campo**. São Paulo: Qualitymark, 1995.

STANGOS, N. (Org.). **Conceitos da Arte Moderna**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2000.

UTTERBACK, J. **Design-Inpired Innovation**. Massachusets: MIT, 2006.

WILLIAMS, R. **Culture and Society 1780-1950**. A.Pelican Book, 1961.

WINKIN, Y. **A Nova Comunicação: Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

YIN, R. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**, Porto Alegre: Bookmann, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Análise do *Corpus*

1) Histórico, seus dados, sua problematização

O Bairro Moinhos de Vento - *corpus* desse projeto - originou-se em função dos moinhos trazidos por famílias açorianas que plantavam e moíam trigo. O Bairro Moinhos de Vento situa-se na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil (vide zoneamento, item **b**). O espaço delimitado para essa investigação possui uma população de 8067 moradores, 3469 homens e 4598 mulheres conforme censo de 2000. Área de 82 ha, densidade de 98 hab./ha, com taxa de crescimento: -0,2%aa, 3187 domicílios, taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais: 99,31% e rendimento médio mensal dos responsáveis pelos domicílios de 29,664 salários mínimos²².

Ao se tomar contato com informações históricas do bairro (BISSÓN, 2008), pode-se verificar que seu crescimento foi marcado por alguns fatos, já citados anteriormente:

1. Implantação da linha de bonde da Independência (1893).
2. Abertura do Prado Independência (1894).
3. Construção da hidráulica (1904).
4. Inauguração do Hospital Moinhos de Vento (1927).
5. Inauguração do Parque Moinhos de Vento: Parcão (1966).
6. Construção do Shopping Moinhos (2002).

Entendendo que o poder público tem papel importante e crucial, pois produz espaços coletivos que desatam o nó que vincula o território à empresa e a uma característica de negócio, tem-se acima descritos, alguns exemplos da iniciativa do Estado e outros da iniciativa privada (possivelmente aliados a outros movimentos não perceptíveis), que auxiliaram ou foram decisivos para o atual estágio de desenvolvimento do bairro. Assim como na atuação, no transporte coletivo e na circulação (exemplo abaixo descrito), o poder público sempre será componente importante na identidade dos centros urbanos e por isso, se faz tão presente nessa investigação. Ilustrando essa observação, descreve-se a seguir citação de Rozano em livro que narra a história do Jockey Clube de Porto Alegre:

²²Conforme GEURB- Arquitetura UFRGS.

O transporte coletivo fez mudar o modo de vida dos Porto-Alegrenses. Os bondes puxados a burro, introduzido pela Companhia Carris Porto-alegrense em 1873, começaram a alterar a geografia e os hábitos citadinos. É verdade que nos primeiros vinte anos de vida da Companhia, eles só rodavam para os bairros do menino Deus (...). Foi de 1894 o Prado Independência, nascido logo após a implantação da linha de bondes da Carris Urbanos. Significativamente, a imprensa registrava, no dia de sua inauguração que se achava “colocado em ótimo lugar, junto à estação da Companhia Carris Urbanos”. A linha de bondes e o Prado exerceram ação simultânea para o nascimento e crescimento do bairro Moinhos de Vento. Na década de 1890, ele era quase nada. A estatística predial de 1892 arrolou 9 casas na Estrada do Moinhos (atual 24 de outubro), 23 prédios na Rua Mostardeiro e 6 na Marquês do Herval(.....) Em 1916, 24 anos mais tarde, a Mostardeiro possuía 39 edificações, a Rua Moinhos de Vento 101, a Coronel Bordini, 65, a Hilário Ribeiro, 25, a Fernando Gomes e a Luciana de Abreu, 12 cada uma, e a Dona Laura, 11. A meia dúzia de casa da Marquês do Herval passara a 65. Um bairro novo havia nascido (ROZANO, 2005, p. 19 e 20).

O crescimento e desenvolvimento da cidade de Porto Alegre têm apresentando ao longo de sua história uma migração das famílias aristocráticas e de maior poder aquisitivo pelos bairros da cidade. O centro da cidade, principalmente, os altos da Rua Duque de Caxias e o bairro Independência, outrora abrigaram estas famílias. Suas moradias foram substituídas por novas edificações ou por pontos comerciais. Os bairros citados perderam essa característica e modificaram o perfil de sua população, tanto o de moradores como o de circulantes, ocupados atualmente por classes mais populares. O mesmo fenômeno parece estar ocorrendo com o Bairro Moinhos de Vento.

A existência ainda de referenciais da tradição aristocrática - prédios, ruas, pontos comerciais, bares, cafés, restaurantes, comportamentos e valores- fizeram com que se pesquisasse a possibilidade de estar ocorrendo um movimento (talvez inconsciente) de resistência a essa migração ocorrida nos outros bairros referidos.

Quando do exercício de responder as hipóteses da pesquisa (pág.77) e formulando novas indagações durante a investigação, verificaram-se diversas possibilidades de alimentar o espectro da análise e auxiliar na análise da complexidade do *corpus*. São elas: As modificações provocadas nos comportamentos individuais afetaram em que formato e intensidade o sistema global do bairro? Identificam-se os protagonistas dessas modificações? Seus frequentadores atuais, não aristocráticos, resignificam a partir de novos hábitos burgueses os valores aristocráticos? Na dimensão dos frequentadores: moradores/não moradores, pergunta-se: Deixarão eles se afetarem por essas diversidades? Em que grau?

Quando da apresentação do estudo de cenários, pode-se verificar que em sua formação atual, o bairro Moinhos de Vento possui edificações e equipamentos urbanos

3) Equipamentos urbanos

LUGARES SIGNIFICATIVOS	População	Observações	SERVIÇO
Parque Moinhos de Vento	Moradores do bairro, visitantes, funcionários, turistas, circulantes	Definitivo* e público. RESERVA AMBIENTAL. Local de grande atratividade.	Lazer
Hidráulica	Funcionários, visitantes, moradores	Definitivo* e público	Serviço Público
Parque José Montauray	Funcionários, visitantes, moradores	Definitivo* e Público	Lazer
Morro Ricaldone	Funcionários, visitantes, moradores	Definitivo* e público. RESERVA AMBIENTAL	Lazer
Lojas	Funcionários, clientes moradores e clientes de outros bairros, empresários	Transitórias*** (clusters configurados: bares e cafés, agências bancárias, móveis e decoração)	Comércio e Serviços
Residências	Moradores, visitantes	Transitórias***	Moradia
Escritórios	Funcionários, clientes moradores e clientes de outros bairros, empresários	Transitórias***	Serviços
Shopping Moinhos de Vento	Funcionários, clientes moradores e clientes de outros bairros, empresários, turistas	Definitivo*	Comércio
Ruas	Moradores, visitantes, circulantes, funcionários, empresários	Definitivas*	Circulação de pessoas e meios de transporte
Calçadas	Moradores, visitantes, circulantes, funcionários, empresários	Definitivas*	Circulação de frequentadores

*Definitivo: apresenta pouquíssima probabilidade de mudança de local, considerando: sua característica, poder decisório e tradição.

**Semi-definitivo: apresenta pouca possibilidade de mudança de local, considerando tempo de permanência

***Transitório: apresenta grande possibilidade de mudança de local.

****Desativado: apresenta possibilidade de ocupação por outra atividade diferente da sua significação.

4) Instituições

LUGARES SIGNIFICATIVOS	População	Observações	SERVIÇO
Grêmio Náutico União	Moradores do bairro, associados de outros bairros, funcionários, visitantes, dirigentes	Definitivo*, amplia seus serviços para atendimento ao bairro (EX.: estacionamento)	Lazer
Leopoldina Juvenil	Moradores do bairro, associados de outros bairros, funcionários, visitantes, dirigentes	Definitivo*, ampliou recentemente suas instalações	Lazer
Caixeiros Viajantes	Moradores do bairro, associados de outros bairros, funcionários, visitantes, dirigentes	Definitivo*	Lazer
Colégio Uruguai	Alunos, funcionários, professores, visitantes	Definitivo*	Ensino
Instituto Goethe	Funcionários, alunos e visitantes	Definitivo*	Cultura
Hospital Moinhos de Vento	Pacientes, visitantes, médicos, funcionários, dirigentes	Definitivo*	Saúde
Hospital Fêmina	Pacientes, visitantes, médicos, funcionários, dirigentes	Definitivo*	Saúde
Pronto Socorro Cruz Azul	Pacientes, visitantes, médicos, funcionários, dirigentes	Semi-definitivo**	Saúde
Cine Coral	Moradores, visitantes, circulantes, funcionários, empresários	Desativado****	Lazer

*Definitivo: apresenta pouquíssima probabilidade de mudança de local, considerando: sua característica, poder decisório e tradição.

**Semi-definitivo: apresenta pouca possibilidade de mudança de local, considerando tempo de permanência

***Transitório: apresenta grande possibilidade de mudança de local.

****Desativado: apresenta possibilidade de ocupação por outra atividade diferente da sua significação.

Tipo Morador	Característica	Densidade	Frequência	Classe Econômica	Poder decisório sobre questões do bairro
Moradores Proprietário do imóvel	Residentes do bairro	Grande	diária	A, B	Sim*
Moradores não Proprietário do imóvel	Residentes do bairro	Grande	diária	A, B,C	Sim*

5) Frequentadores

*Sim: a partir de sua representatividade

Tipo Não Morador	Característica	Densidade	Frequência	Observações	Poder decisório sobre questões do bairro
Trabalhadores	Atividade laboral no bairro	Grande	diária	B,C,D	Não
Turistas	Visitantes de outras cidades	Baixa	anual	A,B, C	Não
Empresários	Decisão sobre ampliações e transferências	Baixa	diária	A,B	Sim*
Funcionários Municipais	Atividade laboral no bairro	Baixa	diária	B,C,D	Sim**
Funcionários Estaduais e Federais	Moradores, visitantes, circulantes, funcionários, empresários,	Baixa	diárias	B,C,D	Sim**
Circulantes	Transitam pelo bairro	Média	variável	A,B,C,D	Não
Dirigentes das instituições	Poder decisório sobre as instituições	Baixa	mensais	A,B,C	Sim*

*Sim: a partir de sua representatividade.

**Sim: a partir do cargo que ocupam em suas instituições que mantém vínculo empregatício.

Fonte dos dados: ensaio etnográfico e GEURB- Arquitetura UFRGS

6) Eventos

- a) **Históricos:** implantação da linha de bonde da Independência (1893); abertura do Prado Independência (1894); construção da hidráulica (1904); inauguração do Hospital Moinhos de Vento (1927); inauguração do Parque Moinhos de Vento: Parcão (1966); construção do Shopping Moinhos (2002).

- b) **Atuais:** Datas comemorativas (Natal, Dia da criança, Dia do trabalhador...), aniversário do Parcão, comemorações relativas aos calendários das Instituições citadas no Anexo 3 (aniversário de fundação, debutantes, carnaval), eventos esportivos e culturais tradicionais, realizados nos equipamentos urbanos. Uma melhor descrição dos eventos do bairro Moinhos de Vento pode ser encontrada no resumo das matérias relativas aos encartes do jornal Zero Hora, relacionados ao bairro (ANEXO F).

ANEXO B – Survey

1) Questionário aplicado aos entrevistados – Imagem de Escala

Responda as questões, preenchendo a melhor escala (expressa por números de 1 a 7), que reflete sua opinião sobre uma série de atributos do Bairro Moinhos de Vento, na cidade de Porto Alegre. Não existem respostas certas ou erradas. A pesquisa tem por objetivo somente saber como tu percebes o bairro.

1	Permite o bem-estar de seus moradores	7 6 5 4 3 2 1	Não permite o bem-estar de seus moradores
2	Possui um bom sistema de transporte coletivo	7 6 5 4 3 2 1	Não possui um bom sistema de transporte coletivo
3	É um bairro que facilita os negócios	7 6 5 4 3 2 1	É um bairro que não facilita os negócios
4	Incentiva a participação democrática	7 6 5 4 3 2 1	Não incentiva a participação democrática
5	Facilita a sociabilidade das pessoas	7 6 5 4 3 2 1	Dificulta a sociabilidade das pessoas
6	Seus frequentadores auxiliam na preservação do meio-ambiente	7 6 5 4 3 2 1	Seus frequentadores auxiliam na preservação do meio-ambiente
7	Seus moradores percebem a sua contribuição para a preservação do bairro?	7 6 5 4 3 2 1	Seus moradores não percebem a sua contribuição para a preservação do bairro?
8	Seu crescimento atual poderá transformá-lo em um bairro não residencial?	7 6 5 4 3 2 1	Seu crescimento atual não poderá transformá-lo em um bairro não residencial?
9	O bairro Moinhos de Vento possui uma Associação de Moradores atuante	7 6 5 4 3 2 1	O bairro Moinhos de Vento não possui uma Associação de Moradores atuante
10	O bairro Moinhos de Vento possui uma identidade	7 6 5 4 3 2 1	O bairro Moinhos de Vento não possui uma identidade
11	A tradição aristocrática é fator determinante pra a identidade do bairro?	7 6 5 4 3 2 1	A tradição aristocrática não é fator determinante pra a identidade do bairro?
12	O bairro Moinhos de Vento é identificado como um bairro moderno?	7 6 5 4 3 2 1	O bairro Moinhos de Vento não é identificado como um bairro moderno?
13	O bairro Moinhos de Vento é identificado como ponto turístico da cidade	7 6 5 4 3 2 1	O bairro Moinhos de Vento não é identificado como ponto turístico da cidade
14	O bairro Moinhos de Vento tem força de promover a identificação de seus frequentadores (moradores e não moradores)	7 6 5 4 3 2 1	O bairro Moinhos de Vento não tem força de promover a identificação de seus frequentadores (moradores e não moradores)

2) Pesquisa Acadêmica

Esta pesquisa tem por objetivo coletar dados referentes a Imagem do Bairro Moinhos de Vento. Os dados coletados, a partir de sua participação, serão utilizados exclusivamente para os objetivos da pesquisa, observados os critérios de sigilo. O questionário contém 14 perguntas, que serão respondidas da forma objetiva, conforme a Metodologia: “Measuring a Multi-Dimensional Construct: Country Image” by Elsevier Science, 1993, e serão utilizados para um trabalho acadêmico.

Dados Pessoais:

Idade: () 18 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 60 anos () acima de 60 anos

Cidade:

Bairro:

Endereço:

Preencha conforme seu local de residência e forma de frequência:

- () morador, tradicional*, proprietário, associado da Moinhos Vive**
- () morador, não tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive
- () morador, não proprietário, não associado da Moinhos Vive
- () morador, não proprietário, associado da Moinhos Vive
- () não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho
- () não morador, frequentador sistemático, dirigente de instituição
- () não morador, frequentador sistemático, empresário de negócio no local
- () não morador, frequentador sistemático para obtenção de renda em atividade informal
- () não morador, frequentador eventual, residente de Porto Alegre
- () não morador, frequentador eventual, não residente de Porto Alegre
- () outros :

*Tradicional: morador descendente direto de proprietário ou morador do bairro da década de 1930.

**A Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Moinhos de Vento – Moinhos Vive.

Escolaridade:

() Superior completo () Superior incompleto () ensino médio completo () ensino médio incompleto

Valor da Conta de luz residencial:

() até R\$ 20,00 () entre R\$ 21,00 e R\$ 50,00
() entre R\$ 51,00 e R\$ 100,00 () entre R\$ 101,00 e R\$ 150,00 () acima de R\$ 150,00.

3) Apresentação dos dados da Survey

Tabela e Gráficos Simples

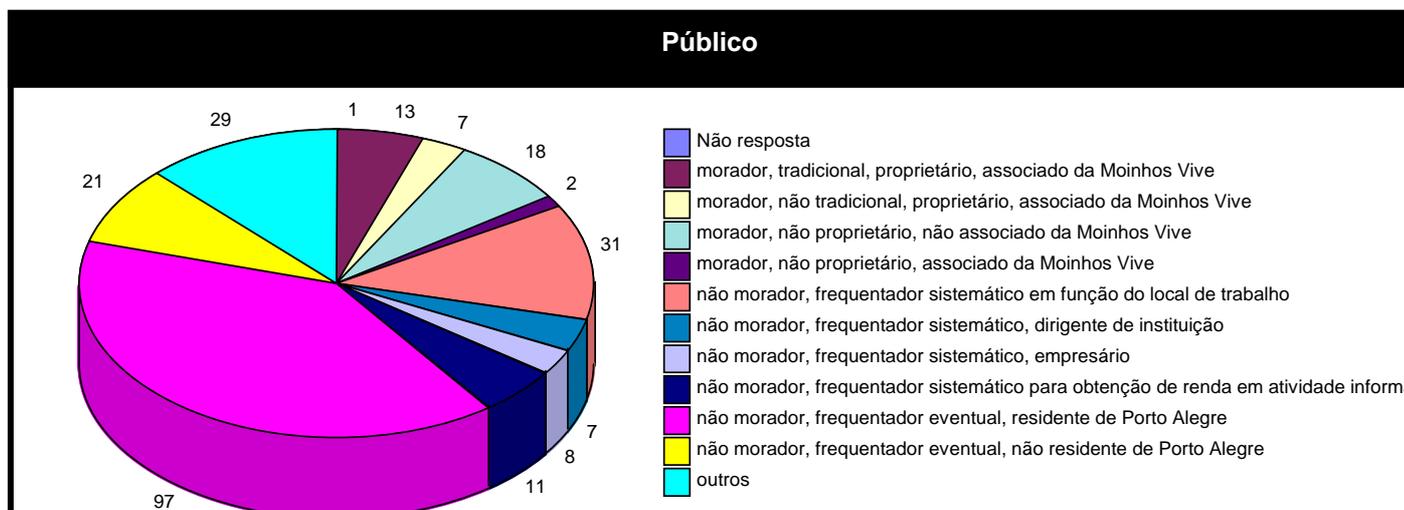
1 QUESTÃO SIMPLES:

Local de residência e forma de frequência

Tabela 1

Público	Freq	%
Não resposta	1	0,4%
morador, tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive	13	5,3%
morador, não tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive	7	2,9%
morador, não proprietário, não associado da Moinhos Vive	18	7,3%
morador, não proprietário, associado da Moinhos Vive	2	0,8%
não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho	31	12,7%
não morador, frequentador sistemático, dirigente de instituição	7	2,9%
não morador, frequentador sistemático, empresário	8	3,3%
não morador, frequentador sistemático para obtenção de renda em atividade informa	11	4,5%
não morador, frequentador eventual, residente de Porto Alegre	97	39,6%
não morador, frequentador eventual, não residente de Porto Alegre	21	8,6%
outros	29	11,8%
TOTAL OBS.	245	100%

Gráfico de Setores 1



1.1 QUESTÃO SIMPLES ABERTA:**Público 'Outros', define-se:**

- 12: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 72: morador proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 81: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 91: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 92: morador, não proprietário - mora com uma família no bairro está em intercâmbio (país de origem Bélgica)
- 99: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 122: morador, não tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 123: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 140: morador, não tradicional, proprietário e não associado da moinhos Vive. (Mora no bairro há 25 anos e é presidente da Liga Esportes Moinhos de Vento)
- 141: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos vive
- 149: morador, não tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 151: morador, não tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 153: morador, tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 158: morador, não tradicional, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 160: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 172: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 175: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 176: moradora e empresária do local
- 184: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 189: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 196: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 198: morador, proprietário e não associado da Moinhos Vive
- 202: não morador, frequentador sistemático, para lazer
- 207: não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho; frequentador eventual, residente em Porto Alegre; lazer
- 229: morador, não tradicional, proprietário, não associado da Moinhos Vive
- 240: não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho; não morador, frequentador eventual, residente de Porto Alegre
- 243: morador, proprietário, não associado da Moinhos Vive
- 244: morador, proprietário, não associado da Moinhos Vive
- 245: morador, proprietário, não associado da Moinhos Vive

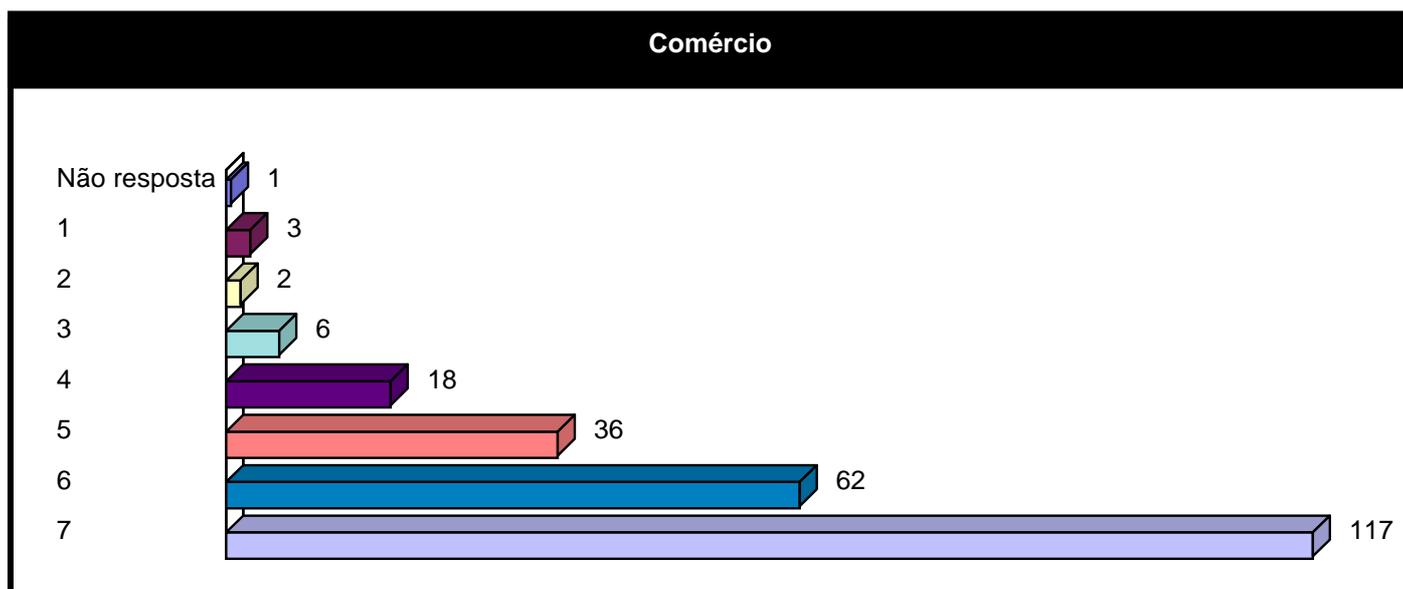
2 QUESTÃO SIMPLES:**É um bairro que facilita os negócios**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 2

Comércio	Freq	%
Não resposta	1	0,4%
1	3	1,2%
2	2	0,8%
3	6	2,4%
4	18	7,3%
5	36	14,7%
6	62	25,3%
7	117	47,8%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 6,02 Desvio-padrão = 1,26

Gráfico de Barras 2

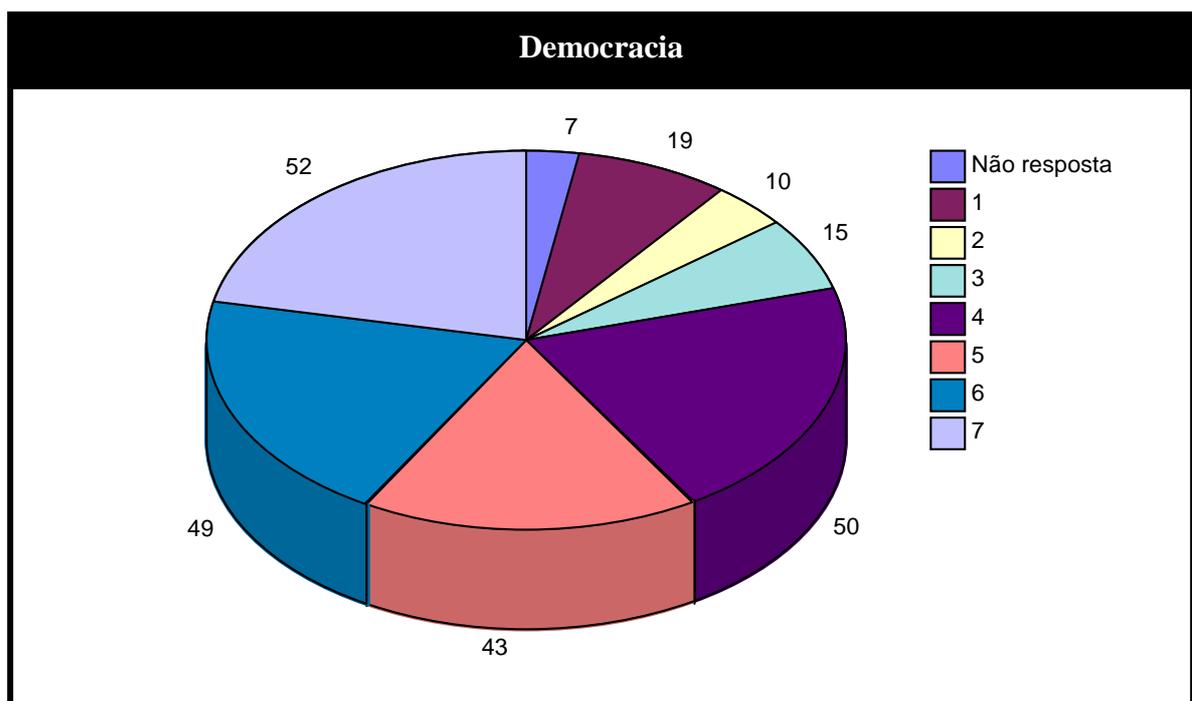
3 QUESTÃO SIMPLES:**Incentiva a participação democrática**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 3

Democr.	Freq	%
Não resposta	7	2,9%
1	19	7,8%
2	10	4,1%
3	15	6,1%
4	50	20,4%
5	43	17,6%
6	49	20,0%
7	52	21,2%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 4,86 Desvio-padrão = 1,79

Gráfico de Setores 3

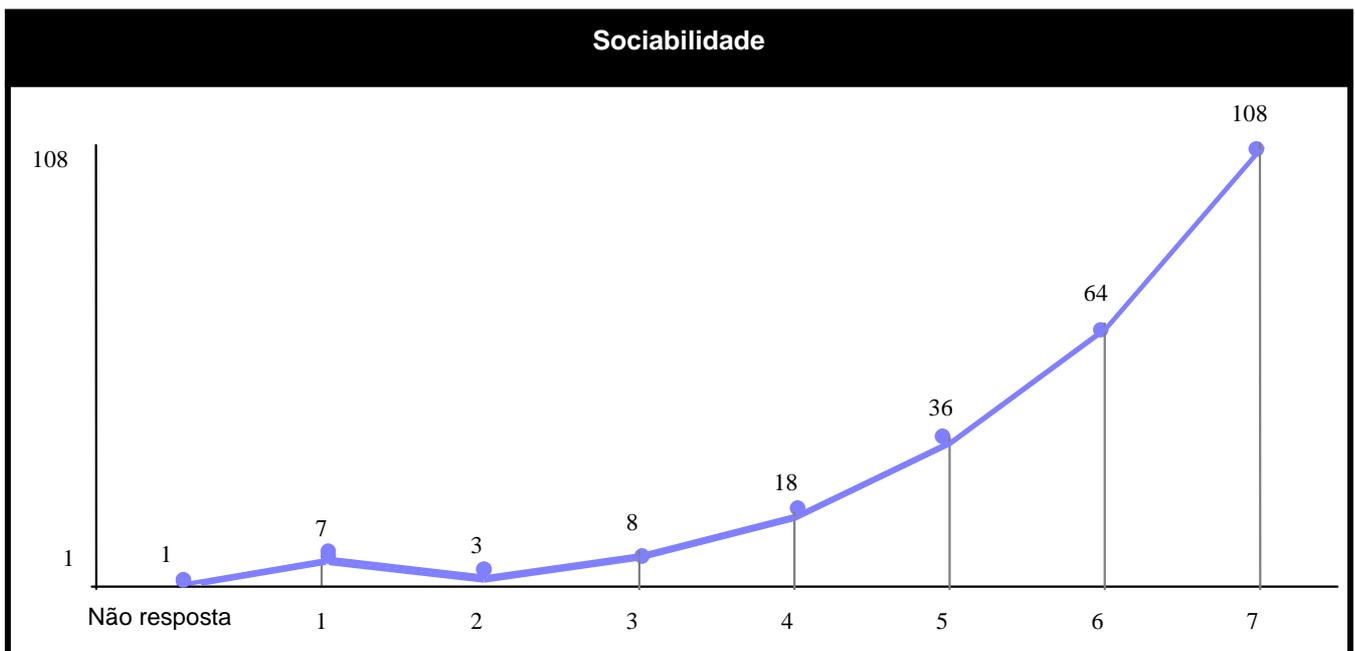
4 QUESTÃO SIMPLES:**Facilita a sociabilidade das pessoas**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 4

Sociab.	Freq	%
Não resposta	1	0,4%
1	7	2,9%
2	3	1,2%
3	8	3,3%
4	18	7,3%
5	36	14,7%
6	64	26,1%
7	108	44,1%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 5,86 Desvio-padrão = 1,44

Gráfico de Perfis 4

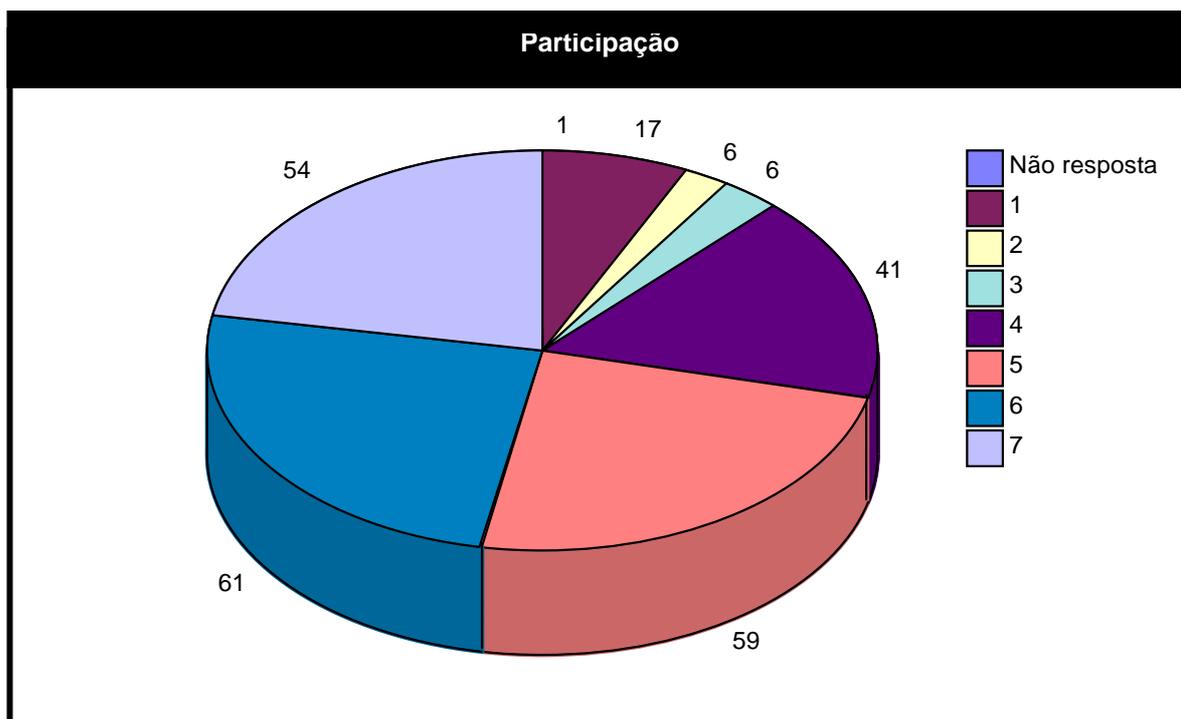
5 QUESTÃO SIMPLES:**Seus moradores percebem a contribuição para a preservação do bairro**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 5

Participação	Freq	%
Não resposta	1	0,4%
1	17	6,9%
2	6	2,4%
3	6	2,4%
4	41	16,7%
5	59	24,1%
6	61	24,9%
7	54	22,0%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 5,12 Desvio-padrão = 1,65

Gráfico de Setores 5

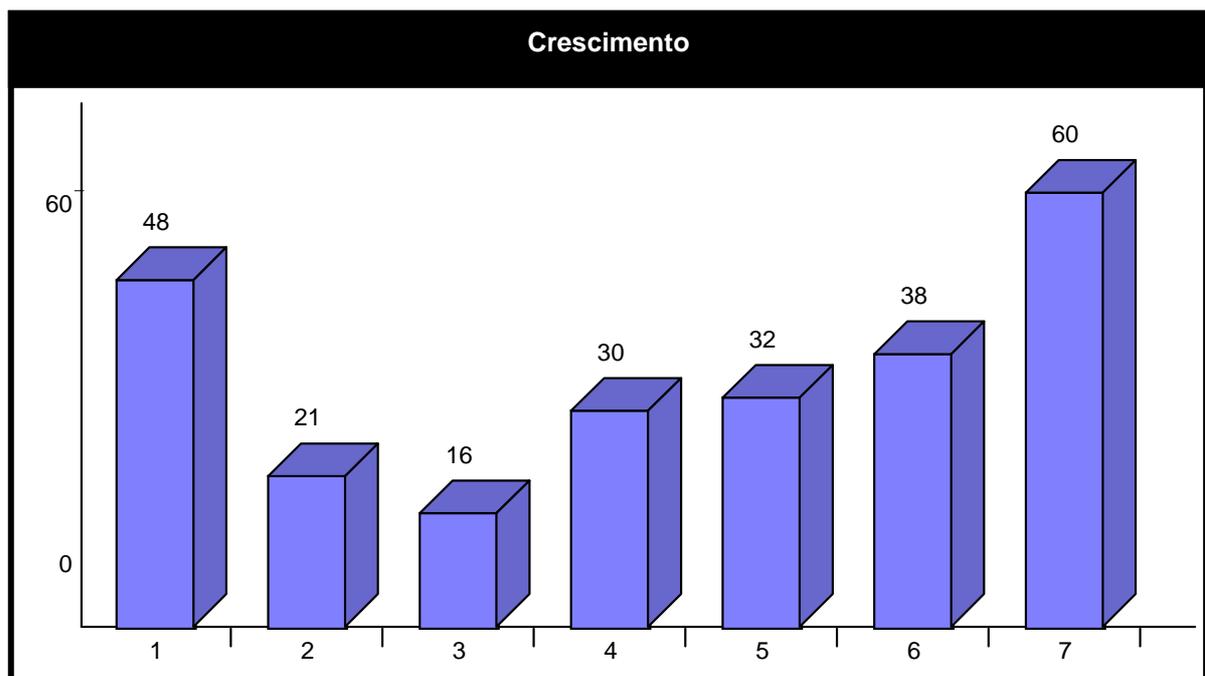
6 QUESTÃO SIMPLES:**Seu crescimento atual poderá transformá-lo em um bairro não residencial**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 6

Crescimento	Freq	%
1	48	19,6%
2	21	8,6%
3	16	6,5%
4	30	12,2%
5	32	13,1%
6	38	15,5%
7	60	24,5%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 4,35 Desvio-padrão = 2,24

Gráfico de Histogramas 6

7 QUESTÃO SIMPLES:

O bairro Moinhos de Vento possui uma associação de moradores atuante

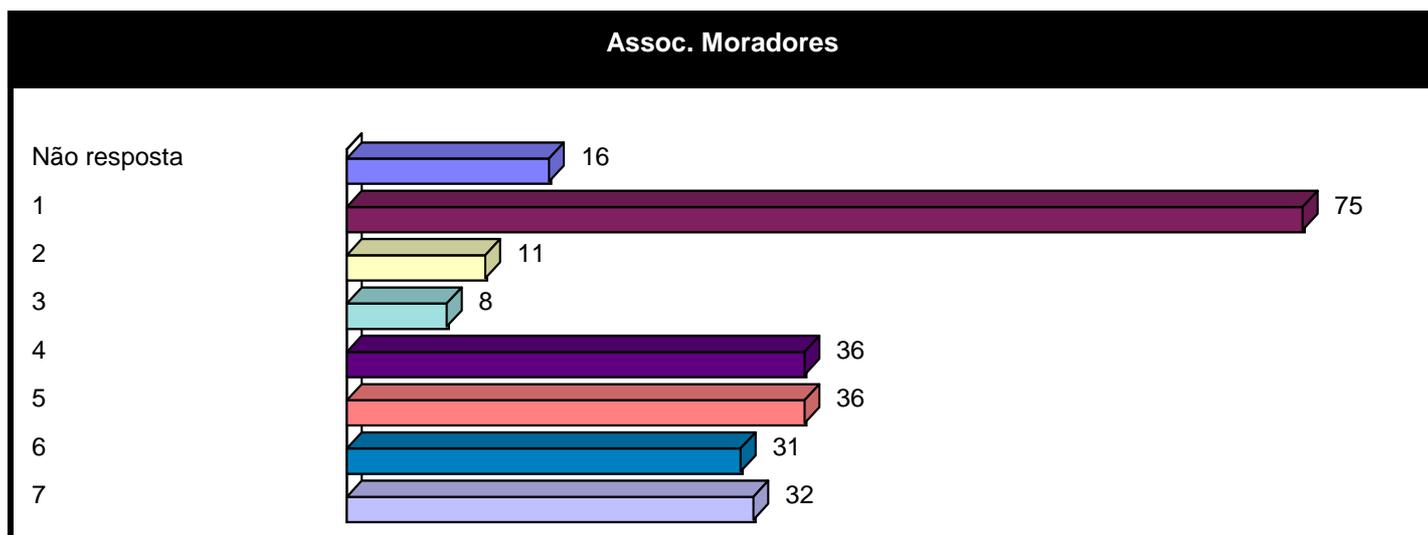
A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 7

Assoc. Moradores	Freq	%
Não resposta	16	6,5%
1	75	30,6%
2	11	4,5%
3	8	3,3%
4	36	14,7%
5	36	14,7%
6	31	12,7%
7	32	13,1%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 3,73 Desvio-padrão = 2,25

Gráfico de Barras 7



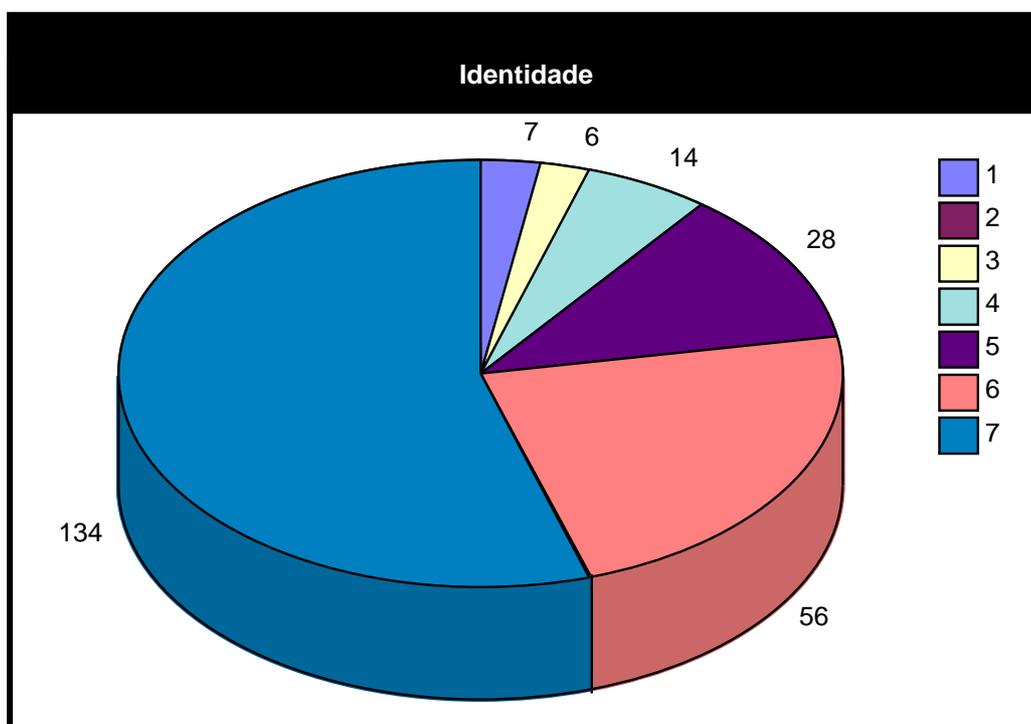
8 QUESTÃO SIMPLES:**O bairro Moinhos de Vento possui uma identidade**

A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 8

Identidade	Freq	%
1	7	2,9%
2	0	0,0%
3	6	2,4%
4	14	5,7%
5	28	11,4%
6	56	22,9%
7	134	54,7%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 6,10 Desvio-padrão = 1,35

Gráfico de Setores 8

9 QUESTÃO SIMPLES:**A tradição aristocrática é fator determinante para identidade do bairro**

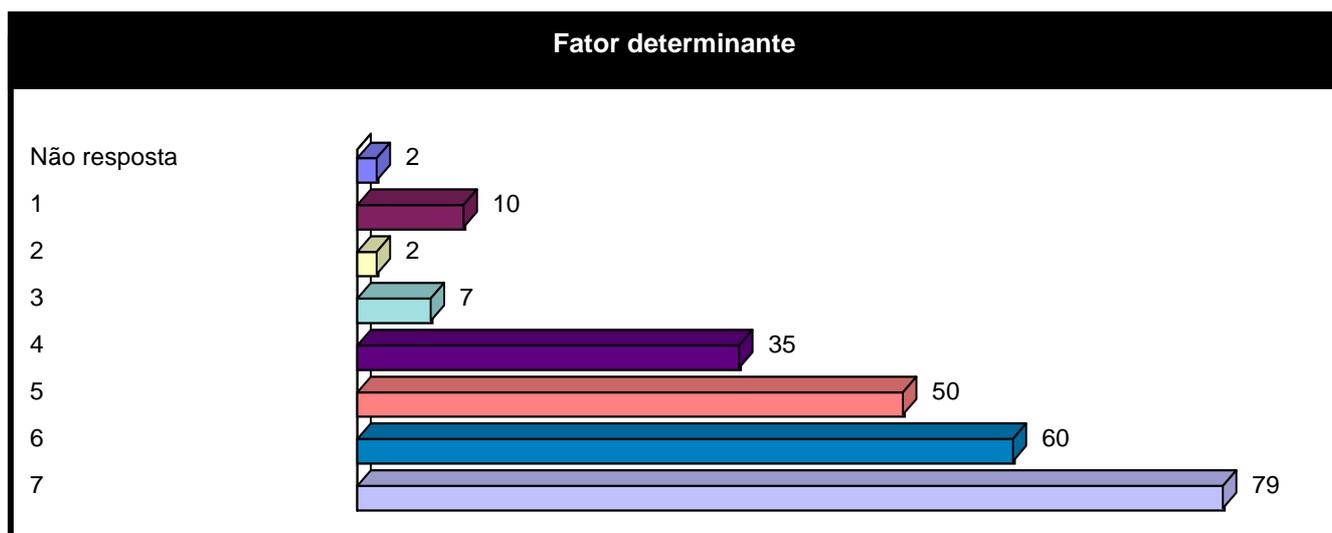
A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 9

Fator determinante	Freq	%
Não resposta	2	0,8%
1	10	4,1%
2	2	0,8%
3	7	2,9%
4	35	14,3%
5	50	20,4%
6	60	24,5%
7	79	32,2%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 5,51 Desvio-padrão = 1,51

Gráfico de Barras 9



10 QUESTÃO SIMPLES:

O bairro Moinhos de Vento é identificado como um bairro moderno

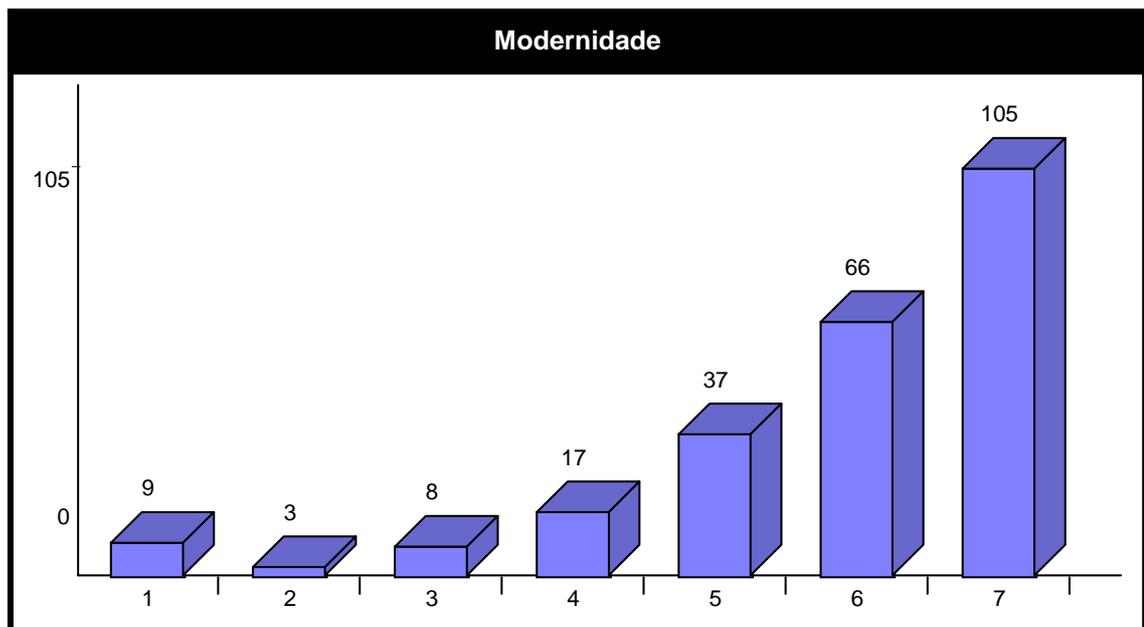
A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 10

Modernid.	Freq	%
1	9	3,7%
2	3	1,2%
3	8	3,3%
4	17	6,9%
5	37	15,1%
6	66	26,9%
7	105	42,9%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 5,81 Desvio-padrão = 1,50

Gráfico de Histogramas 10



11 QUESTÃO SIMPLES:

O bairro Moinhos de Vento tem força de promover a identificação de seus frequentadores (moradores e não moradores)

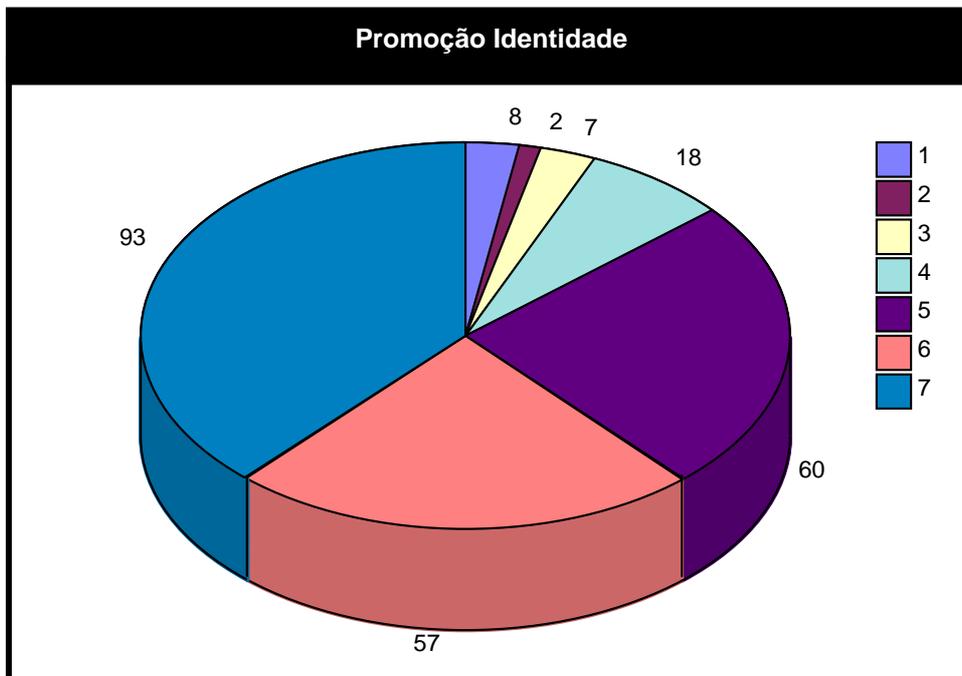
A questão é de resposta única sobre uma escala. Os parâmetros são estabelecidos sob uma notação de um (1) a sete (7).

Tabela 11

Prom. Ident.	Freq	%
1	8	3,3%
2	2	0,8%
3	7	2,9%
4	18	7,3%
5	60	24,5%
6	57	23,3%
7	93	38,0%
TOTAL OBS.	245	100%

Média = 5,71 Desvio-padrão = 1,43

Gráfico de Setores 11



1 QUESTÃO CRUZADA:

Local de residência e forma de frequência X Escolaridade

Tabela

Público	Escolaridade					TOTAL
	Não resp.	Superior Comp.	Superior Incomp.	Ensino Médio Comp.	Ens. Médio Incomp.	
não resposta	1	0	0	0	0	1
morador, tradicional, proprietário, associado do Moinhos Vive	0	10	0	1	2	13
morador, não tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive	0	4	1	1	1	7
morador, não proprietário, não associado da Moinhos Vive	0	8	5	4	1	18
morador, não proprietário, associado da Moinhos Vive	0	0	1	0	1	2
não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho	0	11	12	6	2	31
não morador, frequentador sistemático, dirigente de instituição	0	3	2	2	0	7
não morador, frequentador sistemático, empresário	0	2	2	4	0	8
não morador, frequentador sistemático para obtenção de renda em atividade informal	1	1	0	1	8	11
não morador, frequentador eventual, residente de Porto Alegre	0	47	24	18	8	97
não morador, frequentador eventual, não residente de Porto Alegre	0	4	9	7	1	21
Outros	0	21	5	0	3	29
TOTAL	2	111	61	44	27	245

Os valores da tabela são as quantidades de citações de cada dupla de categorias.

2 QUESTÃO CRUZADA:**Local de residência e forma de frequência X Valor da conta de luz residencial****Tabela**

Classe Social	Não resp.	Até R\$ 20,00	Entre R\$ 21,00 e R\$ 50,00	Entre R\$ 51,00 e R\$ 100,00	Entre R\$ 101,00 e R\$ 150,00	Acima de R\$ 150	TOTAL
Público							
não resposta	1	0	0	0	0	0	1
morador, tradicional, proprietário, associado do Moinhos Vive	0	0	3	1	2	7	13
morador, não tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive	0	0	2	1	3	1	7
morador, não proprietário, não associado da Moinhos Vive	0	0	2	3	9	4	18
morador, não proprietário, associado da Moinhos Vive	0	1	0	0	1	0	2
não morador, frequentador sistemático em função do local de trabalho	0	1	6	18	2	4	31
não morador, frequentador sistemático, dirigente de instituição	0	1	1	1	1	3	7
não morador, frequentador sistemático, empresário	0	0	1	2	1	4	8
não morador, frequentador sistemático para obtenção de renda em atividade informal	1	1	3	4	2	0	11
não morador, frequentador eventual, residente de Porto Alegre	1	1	7	32	34	22	97
não morador, frequentador eventual, não residente de Porto Alegre	0	1	3	5	6	6	21
Outros	0	0	0	7	10	12	29
TOTAL	3	6	28	74	71	63	245

3 QUESTÃO CRUZADA:

Incentiva a participação democrática X seus moradores percebem a contribuição para a preservação do bairro

Tabela

Participação ativa Democracia	Não resp.	1	2	3	4	5	6	7	TOTAL
não resposta	0	0	0	0	1	2	3	1	7
1	0	4	0	0	1	5	5	4	19
2	0	0	0	0	5	2	2	1	10
3	0	1	1	1	6	4	1	1	15
4	0	1	2	4	12	13	9	9	50
5	0	4	0	1	7	11	15	5	43
6	1	3	2	0	3	14	15	11	49
7	0	4	1	0	6	8	11	22	52
TOTAL	1	17	6	6	41	59	61	54	245

ANEXO C: Ensaio Etnográfico

1) Roteiro para entrevistas em profundidade realizadas durante o ensaio etnográfico

INTRODUÇÃO:

Este estudo se referencia ao tema escolhido do projeto de pesquisa: “Identidade do bairro: interação (acidental) entre frequentadores: moradores e não moradores”, a ser aprofundado a partir da seguinte problematização: existem fatores determinantes que compõem a identidade do bairro? Como operam os fatores aparentemente insignificantes? E, ainda: como se realizam as interfaces entre eles e quais os seus efeitos?

Complementando as indagações acima citadas, pode-se ainda perguntar: as modificações ocorridas nos comportamentos individuais afetaram em que formato e intensidade o sistema global do bairro? Podemos identificar os protagonistas destas modificações? Seus moradores percebem em que escala, a sua contribuição para a preservação do bairro? Seu crescimento atual poderá transformá-lo em um bairro não residencial? Sua tradição aristocrática ainda representa seu maior valor de atratividade? Seus frequentadores atuais, não aristocráticos, resignificam a partir de novos hábitos burgueses os valores aristocráticos?

CONCEITOS REFERENCIAIS

Sociedade, Identidade, Imagem da cidade, Imagem e percepção, Cidade, Bairro, Público/privado, Emergência, Identidade e Gestão dos Espaços Urbanos.

ROTEIRO

Filtros: relativo à especificação da amostra (acima descrita), além dos dados: nome, estado civil, idade...

EMOCIONAL: Como iniciou a sua história com o bairro: objetiva atrair o entrevistado para o tema e motivá-lo para o encontro: vinculação com o bairro, aspectos familiares, relato de experiência de vida relacionada com territórios: moradia, turismo, atratividade... nessa fase se identifica o perfil do entrevistado, assim como os modelos mentais que o caracterizam...

PADRÕES DE COMPORTAMENTO: como se dão as relações, como ele percebe: moradores, empresários, não moradores, poder público... Atribuições, direitos e deveres. Ao se constatar alguma dificuldade do entrevistado em abordar um tema, exemplifica-se para tornar mais claro o que se está aprofundando naquele momento. Ex.: Como tu percebes a imagem do bairro? O que é público, o que é privado? O que é do governo...

ASPECTOS DO PRESENTE: fatos, eventos, como ele vê e “sente” o bairro atualmente...

CENÁRIO FUTURO: projeção do entrevistado para o bairro, as incertezas críticas em relação ao seu futuro e os padrões que acredita que o Bairro conseguirá manter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: comentários espontâneos do entrevistado, aprofundamento de questões relevantes trazidas pelo entrevistado que não faziam parte do roteiro.

2) Relatos das entrevistas em profundidade e principais observações retiradas dos relato de campo, citados na análise dos dados

Noite do dia 26 de janeiro de 2009 – Entrevista com moradores associados da Moinhos Vive: Local: sala da Associação Leopoldina Juvenil

Participantes: Presidente atual: Raul Agostini, Paulo Vencatto, Lucielle Comunello, Flavio Masinas, Fernando Trois Guaspari, Marco Pucci e Tânia Maria Sfoggia.

Após uma breve explanação do meu objetivo na noite e do objeto e problema de pesquisa, combinamos uma conversa de 60 minutos e a posterior entrevista individual através do e-mail.

Paulo comentou que seu envolvimento com o bairro e diretamente com a Associação se deu quando o projeto do Conduto da Álvaro Chaves provocaria a derrubada das árvores da Rua Marquês do Pombal. Credita **como principais adversários da Associação os empresários do setor da construção civil e os legisladores públicos**. Sua motivação de participar da Associação se dá pela prática da cidadania motivada pela invasão de sua privacidade e do seu bem-estar. É característica do grupo esta motivação, com exceção de Lucielle que justifica sua participação por um conceito de vida relacionado ao bem social, muito relacionado com sua formação de psicóloga e sua vivência como professora de Yoga. Lucielle é mestrande de Psicologia e participa da associação como ativista, possivelmente utilizando a metodologia de pesquisa-ação.

Outro fator comum ao grupo é o descrédito no poder executivo municipal, encontrando no ministério público uma referência e uma melhor forma de pressionar o executivo e os empresários que a seu ver têm interesses contrários aos seus: **manter o bairro o mais residencial possível e a preservação ambiental**. Na visão do grupo os empresários se “utilizam” **da identidade aristocrática do bairro e de grande agregação de valor que isto resulta para seus produtos e serviços**. Quando Marco fala desta identidade utiliza a expressão “**tem algo diferente no ar**”, não sabe explicar, Tânia Maria credita à **tradição aristocrática** este estado da arte do bairro.

Colocam como prioridades da Associação: modificação do Estatuto (transformar a presidência em Colegiado), Morro Ricaldone (não identificam o que desejam para este lugar significativo, citam a existência de uma associação do Morro Ricaldone, que como disse o presidente Miguel: “felizmente desfaleceu”) e os casarios das Ruas Luciana de Abreu, Barão de Santo Ângelo e àqueles junto a Hidráulica do Moinhos de Vento.

Demonstram **preocupações com o meio ambiente**, citam as vitórias nos tombamentos das ruas e conquistaram a oficialização das áreas especiais de interesse cultural (Hidráulica, Praça Maurício Cardoso, Morro Ricaldone) que freou o movimento da especulação imobiliária. Um caso emblemático ocorrido em 2003, que motivou a formação da Associação foi a mobilização de seis mil assinaturas que inviabilizou através do ministério Público a demolição das casas geminadas da Luciana de Abreu, onde seriam construídas duas torres verticais pela construtora Goldstein.

Separam de forma clara o “mundo” em moradores e os demais (visitantes, empresários, comerciantes, legisladores).

Relembrem constantemente eventos do passado: festa de São João, rua de lazer onde a utilização das ruas era privilégio dos moradores e este conceito é das pessoas ali presentes, com exceção de Lucielle que expressa o cenário futuro como: “um bairro que privilegia o bem-estar de moradores e não moradores que evolui em função de uma negociação entre todos os atores (moradores, não moradores, legisladores, empresários)”.

Três dos participantes foram delegados no orçamento participativo que recriam por seu partidarismo e apóiam o sistema de governança solidária. Citaram o projeto Recicla Moinhos que mobilizou o bairro para o tratamento de resíduos sólidos.

Dia 28/01/2009

Entrevistada: Lonise Gerstner, formada em psicologia, pós-graduada em governança digital, casada, dois filhos, nasceu no Bairro, morou Canadá, Europa e EUA e retornou ao Bairro. Dois filhos. Residente na Santo Ignácio no apartamento

de seu avô materno adquirido por ele para moradia em 1940. Moradora tradicional não associada do Moinhos Vive.

Ligação muito grande com o bairro: “Não moraria em nenhum outro lugar de Porto Alegre, comprovo isso com as minhas idas e vindas do exterior” **“adoro o bairro, pela suas conveniências:** faço tudo a pé: clubes, shopping (saliento que é um grande diferencial do bairro na relação com o passado quando eu era adolescente), padaria, supermercado, escola dos filhos, calçadas e cafés”.

“No cenário futuro gostaria que o bairro ficasse como está agora, especulação imobiliária estancada e negócios parando por aí. Como sei que não se freia desenvolvimento, deveriam incentivar os serviços atuais para qualificá-los para o turismo. É o negócio de futuro para o bairro. Estas conquistas só serão obtidas com a participação dos moradores em associações e mobilizações que façam com que o poder público atue de forma honesta e dentro da lei”.

“O que me incomoda dos não moradores, são os flanelinhas que se multiplicaram junto com os negócios. **Mais negócios, mais circulação, mais carros,** menos estacionamentos para nós e Flanelinhas. Além de cobrarem para eu estacionar na frente do meu prédio, fazem piadinhas para minha filha e me sinto ameaçada”.

“Acredito que os moradores tenham um padrão de comportamento de quem faz parte de determinada classe cultural. Não conheço ninguém que é tradicional no bairro (amigos de infância que vieram morar aqui ou retornaram depois de viagens ou casamentos e separações) e saiu para morar em outro bairro de Porto Alegre”.

Entrevistado: **Marco Pucci**, 52 anos, numerólogo, morador da Rua Padre Chagas 51/601, morador, não tradicional, proprietário, associado da Moinhos Vive.

Já conhecia o bairro antes de se tornar um ponto turístico e sempre me senti bem em Porto Alegre e principalmente no Moinhos. Sofri uma série de assaltos na minha residência em São Roque – SP e como meu escritório era na Avenida Paulista, e não é e nunca foi meu ideal de vida morar ou trabalhar numa cidade como São Paulo, resolvi aceitar um convite para trabalhar como apresentador de TV em Cuiabá – MT. Após três anos morando lá, não suportei o calor e apesar de continuar viajando para gravar, resolvi colocar como prioridade a **qualidade de vida e aí está o motivo de morar no Moinhos de Vento.** Infelizmente, **durante os cinco anos que estou aqui, pude observar a rapidez da queda na qualidade de vida, os prédios que não possuíam grades, agora tem grades e cercas elétricas, enfim, uma repetição do que aconteceu nas últimas décadas em São Paulo.**

Em São Roque participei de um grupo “Amigos da Cidade” onde nos reuníamos semanalmente com o mesmo intuito da Moinhos Vive. Conseguimos várias vitórias extremamente benéficas para a cidade, então acredito que uma andorinha faz verão sim! **Aqui no Bairro fazemos um trabalho de conscientização que mesmo “de certa forma tímido”, tem levantado questões cruciais para a sociedade e dessa forma, respingando em outros bairros, o que tem sido muito compensador.**

Um bairro com características únicas. **Há uma mistura de todo tipo de gente principalmente nos finais de semana, charmoso, palco de várias eventos, um lugar onde os visitantes que não são de Porto Alegre, já no primeiro contato se apaixonam.** Devido a “Moinhos Vive” com a incansável defesa do meio ambiente, tombamento dos túneis verdes, do projeto Recicla Moinhos, da luta para manter as áreas culturais, etc, com toda humildade, **acredito que o bairro pulou para um ícone de qualidade de vida, lazer e negócios.**

Os freqüentadores infelizmente têm uma relação bem superficial com o bairro, apesar de que isso é característica de um povo que não consegue ter uma relação mais íntima com a cidade ou mesmo com o prédio onde mora.

Os moradores infelizmente, também como bons brasileiros, querem reclamar de tudo sem participar e muito menos colocar a mão no bolso. **Viram vespas quando algo acontece pontualmente, na sua rua, na esquina do seu prédio ou num estabelecimento comercial que está atrapalhando, daí aparecem e atuam até o problema ser resolvido.**

Os empresários, com exceções, querem sugar o bairro, sem contribuir de forma real para a qualidade de vida da região. **A Associação dos Comerciantes apenas age em seu próprio benefício, isso quando resolve aparecer. Mas há alguns comerciantes e profissionais liberais bem conscientes e que tem uma visão ampla da importância de poder trabalhar num bairro como o Moinhos e defendê-lo.**

O poder público é bom nem falar. Não assimilou que o bairro que era residencial e virou área de comércio. Faz vistas grossas à necessidade de ter policiamento, faixas pintadas, semáforos para pedestres, coleta de lixo (conseguimos melhorar) eficiente, alvarás honestos e não da forma escandalosa que vem acontecendo. A verdade é que não temos o PODER PÚBLICO, apenas temos uma imagem irreal e bem turva do que deveria ser esse poder. **O Ministério Público sim é um grande aliado.**

Bem, o momento é de total atenção para as áreas de interesse cultural, principalmente porque há boatos de uma mudança de leitura da Prefeitura em relação ao

patrimônio que está listado como de interesse cultural, tornando esse patrimônio disponível.

O que sinto no bairro é uma escalada rápida para o aumento de pedintes, muitas crianças pedindo e vendendo objetos, sujeira, barulho excessivo de madrugada, assaltos constantes inclusive durante o dia. **Preocupo-me em contribuir para que o bairro mantenha suas características, pois como existem vários interesses particulares, surgem pequenas associações de comerciantes que atuam em determinada rua ou local e sem pensar no bairro como um todo, se colocam a querer alterar iluminação, postes, calçadas e etc. Isso é um perigo.**

Projeto para esse espaço: **Um bairro único, volto a dizer, que consiga manter suas características de valor, onde haja qualidade de vida, charme e bons negócios como a grande bandeira do bairro. Para isso temos de continuar a conscientização que de qualquer forma já é moda hoje em dia, que é a defesa do meio ambiente.**

Dia 29/01/2009

Entrevistada: **Mari**, podóloga, pequena empresária, proprietária da Podologia Moinhos.

Trabalha no bairro desde 1993, primeiro como funcionária do Dr. Scholl e posteriormente montando seu próprio negócio há 4 anos.

Escolheu o bairro para seu negócio, pois o mesmo tem a maioria de seus clientes e **acredita que é o melhor bairro de Porto Alegre para QUEM COMO ELA TRABALHA COM SERVIÇOS**: “Aqui tem tudo: acesso fácil, estacionamento, conveniência e pessoas com tradição”, aqui tu podes cobrar o serviço com valor, pois o bairro passa esta sensação para as pessoas : tudo aqui é melhor: restaurantes, cafés, serviços...”.

“Tive contato com a associação comercial do bairro, vieram me procurar pois o nome do minha podologia leva a marca Moinhos, depois desapareceram.”

“Outra coisa que acho legal no bairro é a Associação dos moradores, apesar de ir contra os interesses do comércio e dos negócios, eles é que estão conservando o bairro, que não é mais residencial, mas ainda mantém certa tradição”

“Esta tradição, esta marca, acho que é pelas pessoas que moraram ou ainda moram aqui, tem o Tarso Genro que mora em cima da clínica, a filha do João Goulart e seu Ênio meu cliente que foi alto funcionário da Wallig e Riocel. Seria uma boa pessoa para tu

entrevistar. Mora há muito tempo no bairro, em um condomínio na Hilário Ribeiro que ninguém conhece...”

“O que acho mais legal no Moinhos, que frequento inclusive em dias e horários que não estou trabalhando, é a Padre Chagas, sua segurança e acesso PARA TODOS. Percebo grupos de amigos nos cafés, e o fato deles estarem nas calçadas é que dá o verdadeiro charme, parece coisa de amigos.”

Ao ser perguntada sobre a segurança, respondeu **“Não vejo guarda, nem segurança particular, mas me sinto segura, sempre tem muita gente e em grupos, pessoas legais, de vários tipos. Os moradores identifico pela idade, são moradores antigos”**.

Dia 30/01/2009

Entrevistado: **Saulo Duarte** presidente do GN União.

Histórico da sua relação com o bairro e com o clube, morou na Doutor Timóteo quando veio de Lages, almoçava no clube e lembra moradores tradicionais do bairro, muito saudosista **“o bairro era residencial, agora é comercial”**.

Sobre a Associação do bairro trouxe várias restrições, **“eles fizeram com que o projeto do clube na sede Moinhos de Vento, atrasasse um ano e gastássemos mais um milhão:** adotaremos uma praça na Bordini e teremos de arborizar a rua Quintino e a Bordini, tudo pela fiscalização destes frustrados profissionais e de um dirigente do clube que plantou várias seringueiras nas fachadas do clube. O Evaldo, presidente anterior conseguiu tirar as árvores da fachada sem que ninguém visse, agora com a divulgação do projeto, o pessoal da Associação ficou atento...”

“O projeto vai privilegiar o estacionamento, *“no park, no business”* e a reformulação das instalações esportivas como ginásios e piscinas, além de possibilitar que se tenha uma escola infantil com projeto adequado a legislação da Secretaria da Educação”.

“Acredito que o bairro no futuro seja ainda mais um bairro de negócios, com poucas casas e o residencial será formado por grande edificações. Ninguém impede o progresso”.

Dia 03/02/2009

Entrevistado: **Ênio Dexmeimer**, piloto da Varig, aposentado, atual morador do bairro, Rua Felix da Cunha, não frequenta a Associação.

Ênio, em sua infância lembra do bairro como o bairro dos aristocratas, e possui com o Bairro uma vinculação muito forte, por três motivos: Leopoldina Juvenil (prática de esportes, festas de quinze anos), Hipódromo e a Baixada (estádio do Grêmio). Ênio inclusive trouxe livros referentes às três instituições. Destes livros históricos registro os seguintes trechos que são oportunos: **“Não foi por nada que o Grêmio levou cinquenta anos para sair da Baixada, no Moinhos de Vento, seu primeiro estádio, romântico, que se desfez do Pombal, seu primeiro e enfeitado pavilhão de madeira, para aumentar o tamanho do campo e que, mesmo assim , era precário” (OSTERMANN, 2000:33).**

“O transporte coletivo fez mudar o modo de vida dos Porto-Alegrenses. Os bondes puxados a burro, introduzidos pela Companhia Carris Porto-Alegrense em 1873, começaram a alterar a geografia e os hábitos citadinos. É verdade que nos primeiros vinte anos de vida da Companhia, eles só rodavam para os bairros do menino Deus (...) Foi de 1894 o Prado Independência, nascido logo após a implantação da linha de bondes da Carris Urbanos. Significativamente, a imprensa registrava, no dia de sua inauguração que se achava “colocado em ótimo lugar, junto à estação da Companhia Carris Urbanos”.

A linha de bondes e o Prado exerceram ação simultânea para o nascimento e crescimento do bairro Moinhos de Vento. Na década de 1890, ele era quase nada. A estatística predial de 1892 arrolou 9 casas na Estrada do Moinhos (atual 24 de outubro), 23 prédios na Rua Mostardeiro e 6 na Marquês do Herval (...) Em 1916, 24 anos mais tarde, a Mostardeiro possuía 39 edificações, a Rua Moinhos de Vento 101, a Coronel Bordini, 65, a Hilário Ribeiro, 25, a Fernando Gomes e a Luciana de Abreu, 12 cada uma, e a Dona Laura, 11. A meia dúzia de casa da Marquês da Herval passara a 65. Um bairro novo havia nascido (ROZANO, 2005:19-20).

“Conhecendo vários lugares do mundo, em função de minha profissão, sempre que possível frequentei o Bairro Moinhos de Vento ou como agora vim morar aqui. Sua tradição e identidade me fazem sentir bem. Tomar um café, fumar um charuto, comprar um jornal em uma banca tradicional... Ver pessoas bonitas e amigas”

“O Bairro atualmente está explodindo, deveria permanecer nesta situação atual:. conveniências e residências em números ideais, segurança e conforto. Sei que não se controla o desenvolvimento. Deveria participar da associação que me parece um movimento que poderá preservar esta riqueza e tradição do bairro. O poder público, planos diretores, não são suficientes...”

“Minha atual esposa é moradora de São Paulo, fico lá parte do tempo. Comparo o Bairro Moinhos de Vento com os Jardins de São Paulo. **Aqui tudo é chique e tem valor agregado... até quando? Não sei. Não gostaria que o Moinhos tivesse o futuro que teve os altos da Duque e a Independência**”.

Dia 04/02/2008

Entrevistados: **Luis Augusto** (bombeiro do posto de gasolina da 24 de Outubro com Fernando Gomes há 25 anos e **Telmo** caseiro na rua Fernando Gomes há 35 anos).

“**Antes o bairro era só residencial**, com casas baixinhas, este edifício: Maximus era o único daqui. Trabalhamos por aqui, mas não uso as coisas do bairro, pois são muito caras”.

“Quando vim para cá não tinham os barzinhos, só o mercado do Alemão (há 60 anos no bairro)”.

“Peguei o tempo dos travestis aqui onde hoje é a calçada da fama, saíram daqui por causa dos moradores. **Agora tem muito mais moradores organizados nas Associações**”

O que reparei nos dois funcionários como referência das modificações sofridas pelo bairro, diz respeito a altura dos prédios, Quanto aos moradores, acham os mesmos simpáticos e atenciosos.

“Contam tudo para nós, suas viagens e casos”.

“**O bairro está melhor, por causa dos bares e dos edifícios altos**”.

“O bairro tem fama de classe nobre, mas nem todos que moram aqui são nobres como o doutor Plínio?”

Os entrevistados têm conhecimento do livro do Bissón sobre o bairro e da repercussão que os fatos do bairro têm na cidade.

Dia 05/02/2009

Entrevistado: **Jorge**, empresário, proprietário da Dublin (casa noturna) e vice-presidente da Associação comercial do bairro Moinhos de Vento.

“O projeto da Dublin começou em 1998, queríamos fazer um bar para nós e para todas as pessoas independente de ocupação, faixa etária. **O bairro não é só dos moradores: é do visitante, do empresário, do trabalhador e do turista.** Tem gente que vem de tênis da corrida do Parcão, de gravata saindo do Banco ou do escritório e os moradores que podem estar recebendo amigos ou chegando para uma paquerada...”

“Sou morador e participo das duas associações: Moinhos Vive e sou vice-presidente da Associação Comercial do bairro Moinhos de Vento. Assim acredito que possamos ter um local que acrescente para todos. Segurança, limpeza e bem-estar é desejo de todos”

“A Moinhos Vive tem um papel muito importante como fiscalizadora e demonstrou para os empresários da construção civil e Prefeitura que este espaço tem representatividade. Acho que deveriam concentrar seus esforços em projetos para o futuro e não apenas fiscalizar... O cine Coral é um bom exemplo”

Comentou a possibilidade dos bares e serviços do bairro se aperfeiçoarem para um melhor atendimento ao turista internacional:

“E todos os locais do mundo, a parte da frente dos hotéis Sheraton são locais desenvolvidos e multiculturais, não é por acaso que eles estão aqui, podemos qualificar algo que já traz um charme especial do Moinhos de Vento. Tenho aqui no Dublin uma caçaria especial para os turistas internacionais e um garçom chileno bilingüe”

“No tempo do PT nossa relação com a prefeitura era mais difícil, agora está melhor. Acho muito justo as preocupações com o barulho dos bares noturnos e as providências exigidas de isolamento acústico”

“Tenho um restaurante e bar em outro local da cidade, na Nilo Peçanha. É diferente daqui, lá são freqüentadores iguais, **aqui na Padre Chagas temos todos os tipos de público como já falei, variando nos horários e nos dias da semana.** O público de sábado a noite é bem diferente, **são pessoas de outros bairros da cidade, que vêm colocar no corpo o status do Moinhos...**”

“Desejo para o futuro do Bairro um melhor entendimento entre as Associações e delas com a Prefeitura da cidade”

“Também projetaria para o futuro, que todo novo negócio, antes de se instalar, não só contribuísse para o condomínio da Associação Comercial mas também utilizasse o nosso conhecimento e entendimento para o sucesso do empreendimento”.

Entrevistada: **Mozara**, arquiteta, moradora tradicional, não associada a Moinhos Vive.

“Em se tratando do item Emocional, vou procurar fazer um relato com linguagem coloquial, o que acredito irá me reportar de forma mais genuína àquela época de minha vida. Antecipo que tenho 52 anos.

Minha história no bairro Moinhos de Vento iniciou com a mudança da minha família para a Rua Comendador Caminha, em 1969. Até então, morávamos na Floresta, bairro imediatamente vizinho. Havíamos vivido lá desde que eu tinha uns três anos de idade. Eu estudava em um colégio de freiras, - como se chamava na época. Esta escola ficava atrás da Igreja São Pedro, justamente no quarteirão que fazia o limite entre a Floresta e o Moinhos de Vento.

Estudei neste colégio do Jardim de Infância até terminar o Ginásio. Nas aulas de educação física, - que eram no terraço -, eu gostava de olhar para o Morro Ricaldone, com sua vegetação densa; cenário tão diferente das ruas que costumava andar no meu caminho de casa para a escola; para a pracinha ou para o Cinema Colombo, onde meus irmãos e eu assistíamos, nos domingos de manhã, o Festival Tom & Jerry.

Ouvia meu pai falar que tínhamos comprado um apartamento “na planta” e que seria entregue em dois anos. De vez em quando íamos passear de carro e ele passava pela frente do terreno e fazia comentários sobre o andamento da obra. Eu adorava este programa. Pensando bem, talvez tenha influenciado minha decisão de ser arquiteta.

Não tinha noção de onde ficava aquela rua na frente de um terreno tão grande e baldio. Era um lugar feio e abandonado onde, no meio daquele mato, moravam umas pessoas bem pobres.

Um dia, o meu pai comentou que aquela área tinha sido o Prado, lugar onde tinham corridas de cavalos e as pessoas faziam apostas. Deixou bem claro que apostar em cavalos não era um bom hábito: que as pessoas perdiam dinheiro e ficavam viciadas. Ele também comentava que esta área seria um grande parque como o Parque da Redenção e que o nosso apartamento iria valorizar; que era um bom negócio.

Finalmente, nos mudamos para o Moinhos de Vento em outubro de 1969. O edifício era moderno: todo revestido com pastilhas; nove andares; dois elevadores e garagem no subsolo, - salientava meu pai. Estava sendo uma fase de muitos acontecimentos.

Era o ano da Copa do Mundo! O Correio do Povo, a revista Manchete... só falavam nisso. Nosso vizinho de porta comprou uma televisão colorida! Lembro a primeira imagem que vi: a abertura da série Havaí 5.0 com aquela onda enorme, azul!

Esta imagem continua gravada na minha retina.

Era uma aventura. Estava conquistando uma autonomia que nunca havia experimentado. Pedi aos meus para estudar inglês. Fui matriculada no Cultural. Só tinha a sede da Riachuelo. Ia sozinha, duas tardes por semana. Não havia bondes como na Cristovão Colombo. Eu pegava ônibus novos, bonitos, com assentos de plástico colorido. Notei que eram da “Carris”. Lembro que pensei: “Por que será que deixaram o mesmo nome da companhia de bondes...?”

A única rua movimentada era a 24 de outubro. As outras eram calmas silenciosas. Da Ramiro Barcelos à Feliz da Cunha; da 24 de Outubro à Marques do Pombal: **existia uma “abóboda”; uma aura de serenidade, de segurança. Eu notava muitas diferenças entre a Floresta e o Moinhos de Vento.**

Aqui era tudo mais bonito. As pessoas eram mais educadas, mais bem vestidas. Eram poucos os pedestres. As calçadas eram muito limpas; as casas bem cuidadas; pintadas; com jardins bonitos. Tudo era distinto, elegante. Percebia que os adultos se cumprimentavam. Eu entendia que não eram amigos já que não paravam para conversar. Achava aquela atitude muito nobre.

Nunca tinha visto pessoas passeando com cachorros na coleira. Era uma cena interessante para mim. **Tinha afeto; respeito mútuo.**

Não havia crianças brincando na rua. Apenas bebês passeando em carrinhos conduzidos por babás uniformizadas. **Tudo inspirava organização.**

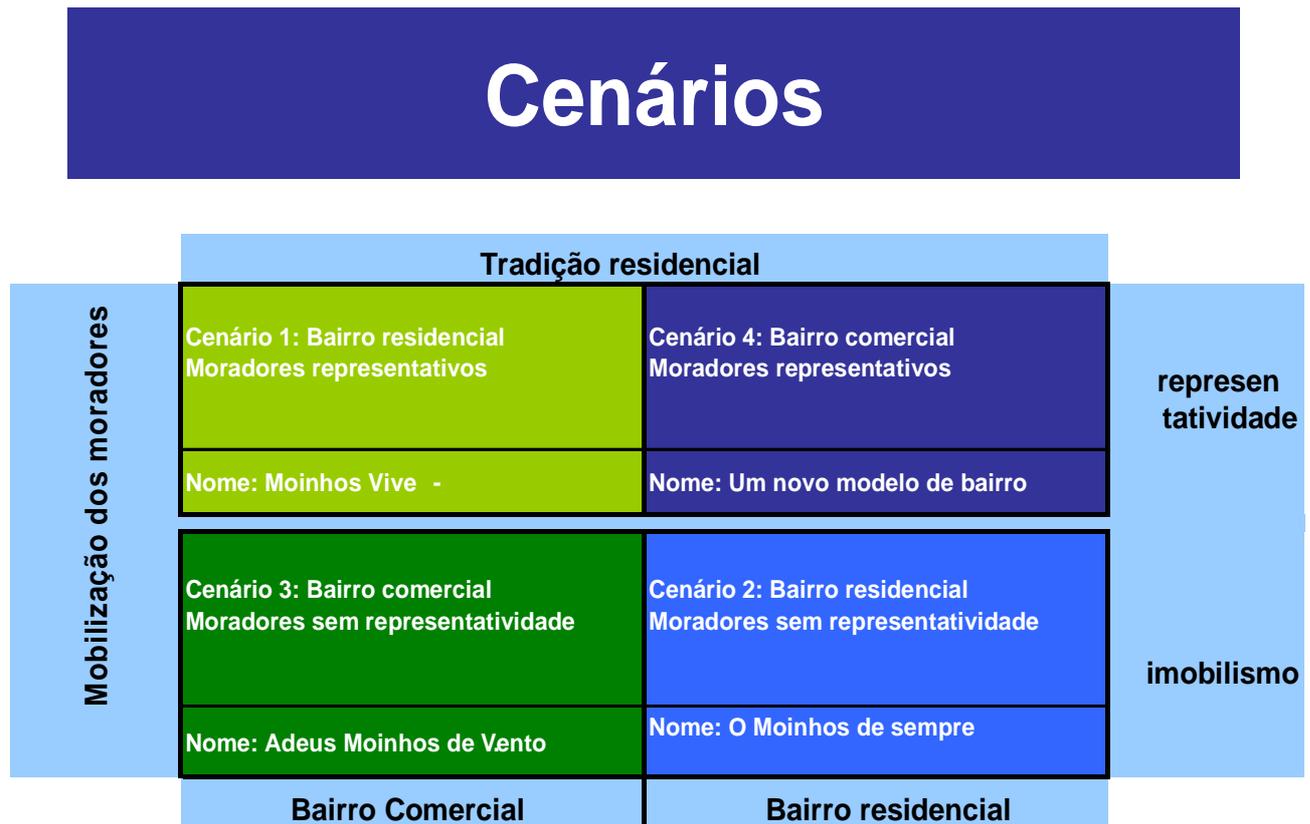
2) Tabela Comparativa dos Principais Temas conforme: avaliação, posição e valorização dos entrevistados no Ensaio Etnográfico

Entrevista / Temas	Diretoria: Moinhos Vive	Moradora tradicional não associada	Morador não tradicional associado	Empresária	Dirigente de Instituição	Frequentedor sistemático	Funcionário	Empresário Dirigente* e morador
Negócios	Inimigos	Necessários	Sugadores	Desarticulados	Fundamentais	Necessários	Fundamentais	Fundamentais
Poder Municipal	Desacreditado	Parte interessada	Desacreditado	Parte interessada	Desacreditado	Fundamental	Desacreditado	Moderador
Negociação: stakeholders	Necessária	Fundamental	Necessária	Importante	"Custosa"	Fundamental	Importante	Fundamental
Moradores	Representantes	Saudosistas	"Vespas"	Dão valor para o bairro	"Estão saindo..."	Representantes	Referências	Parte interessada
Frequentedores não moradores	Alienados	Essenciais	Superficiais	Fundamentais	Essenciais	Essenciais	Importantes	Importantes e variados
Associação de moradores	Fundamental	Importante	Fundamental	Fundamental	"Fiscais e frustados"	Importante	"Mandantes"	Importante
Valor percebido do Bairro	Meio Ambiente	Tradição e Conveniências	Qualidade de vida e alteridade	Tradição e Conveniências	Tradição	Tradição e "Identidade"	Tradição e "Bairro Chique"	Alteridade e Tradição
Cenário Futuro Ideal	Coordenação do Moinhos Vive	Serviços orientados para o turismo	Áreas de interesse cultural preservadas	Maior diversidade dos frequentadores	Mais Negócios	"Assim como está atualmente"	Mais Negócios	Serviços orientados para o turismo
Cenário futuro previsto	Maior mobilização dos moradores	Maior mobilização dos moradores	Maior mobilização dos moradores	Mais Negócios	Mais Negócios	Mais Negócios	Mais Negócios	Mais Negócios

Legenda das Cores: VALORIZAÇÃO, AVALIAÇÃO, POSIÇÃO, "EXPRESSÃO PESSOAL"

ANEXO D: Planejamento de Cenários

1) Características dos cenários desenvolvidos e estratégias robustas



Caracterização Cenário 1

Moradores representativos e o bairro com característica residencial

- Tombamento de ruas, preservação de seus parques (Parcão e José Moutary) e áreas verdes: Morro Ricaldone;
- Moradores se organizam para se sentirem representados formando associações que atuam na forma de fiscalizadoras;
- Fluxo de frequentadores se mantém constante;
- Bairro referencial para a cidade de Porto Alegre;
- Ampliam-se as ciclovias nas cidades e a integração entre os parques;
- Articulação com poder público.

Estratégias Robustas C1

- A preservação ambiental utilizando a legislação dos bens culturais;
- Aprovação de novos negócios e empreendimentos passa pelo **conselho de moradores**.

Caracterização Cenário 2

Imobilismo dos moradores e o bairro com característica residencial

- Individualismo coletivo;
- Os parques públicos, apesar de bem frequentados continuam apresentando problemas de limpeza e infra-estrutura;
- Não articulação com poder público;
- Insegurança.

Estratégias Robustas C2

- Prioridade para a segurança e patrimonial com instalação de câmeras e serviço particular.
- Campanha para eleger vereador do bairro

Características Cenário 3

Imobilismo dos moradores e o bairro com característica comercial

- Emigração de moradores tradicionais para outros bairros;
- Sem identidade;
- Influência política dos gestores dos shopping centers;
- Engarrafamentos durante a semana;
- Ruas e parques em abandono e insegurança nos finais de semana;
- Segurança privatizada.

Estratégias Robustas C3

- Estacionamentos ocupando o espaço de antigas áreas verdes e de lazer;
- Valorização dos shopping centers.

Caracterização Cenário 4

Moradores representativos e o bairro com característica comercial

- Poder público na coordenação dos interesses públicos e dos interesses da iniciativa privada;
- Os novos investimentos realizados em comum acordo;
- Concretização de parcerias, Cine Coral: Centro Criativo Moinhos de Vento;
- As associações de moradores atuam como órgão consultor da Prefeitura Municipal;
- O índice de prédios residenciais diminui de forma proporcional ao crescimento de áreas de convivência;
- O bairro mantém sua diversidade e atratividade.

Estratégias Robustas C4

- **Os Seminários Temáticos:** realizam-se anualmente e tratam de planejar o futuro do bairro e os novos negócios;
- **Centro Criativo Moinhos de Vento.**

Análise entre Estratégias e Cenários

Estratégias	Seminários Temáticos	Conselho de Moradores	Câmaras de vigilância	Vereador do bairro	Estacionamentos ocupando o espaço de antigas áreas verdes e de lazer	Valorização dos <i>shopping centers</i>	Centro Criativo Moinhos de Vento
Cenários							
Cenário 1							
Cenário 2							
Cenário 3							
Cenário 4							

ANEXO E: Design Estratégico como grade heurística: testando a metodologia

1) Relato da construção:

Quando da descrição da metodologia do Design Estratégico (pág.47), foi explicitado o porquê da sua escolha para essa investigação, para posteriormente se descrever seus métodos e ferramentas. Verificou-se que algumas modificações foram acrescentadas ao esquema original (Fig.2, pág. 53). As modificações implementadas durante a investigação foram testadas de forma heurística, antes e durante a própria experimentação. Esse exercício, suas intenções, propostas e histórico, serão abaixo descritos.

A aplicação da metodologia do Design Estratégico foi animada pela interação de suas ferramentas com o objeto de pesquisa. Essa animação pareceu trazer vida à metodologia. Este processo de troca constante entre metodologia, ferramentas e *corpus*, trouxe de forma sistêmica - aprendizados e reflexões teóricas, importantes para os objetivos da investigação. Ilustrar-se-á mais adiante no item: Diagrama Síntese, desenvolvido a partir das premissas acima citadas, a síntese final desse exercício, explicitando-se logo abaixo, as etapas de construção desse diagrama e a sua evolução, a partir do Esquema sistêmico de desenvolvimento do processo metaprojetual diagrama básico do Design Estratégico (DESSERTI, 2007), (pág.53).

A partir da definição do esquema de desenvolvimento da pesquisa (pág.47), descrevendo os passos e as ferramentas que seriam utilizadas, deu-se o início realização da grade heurística a partir da aplicação das ferramentas escolhidas e da interação de seus métodos de aplicação com o *corpus*.

O primeiro passo desse exercício foi a construção de um diagrama desenvolvido por um grupo de alunos do Mestrado de Design Estratégico da Unisinos²³, modificando o esquema sistêmico de desenvolvimento do processo metaprojetual (DESSERTI, 2007), com a intenção de construir uma síntese com as principais relevâncias dessa metodologia, acrescida de modificações provocadas pelo estudo conjunto, das características do *Design Management* e do design nos processos. Esse diagrama inicial, a seguir descrito, resume os aprendizados desse estudo.

²³ Ana Bender, Karen Rejane Viana Abs da Cruz, Walter Hagel, Lissandra Almeida e Rogério Delanhesi.

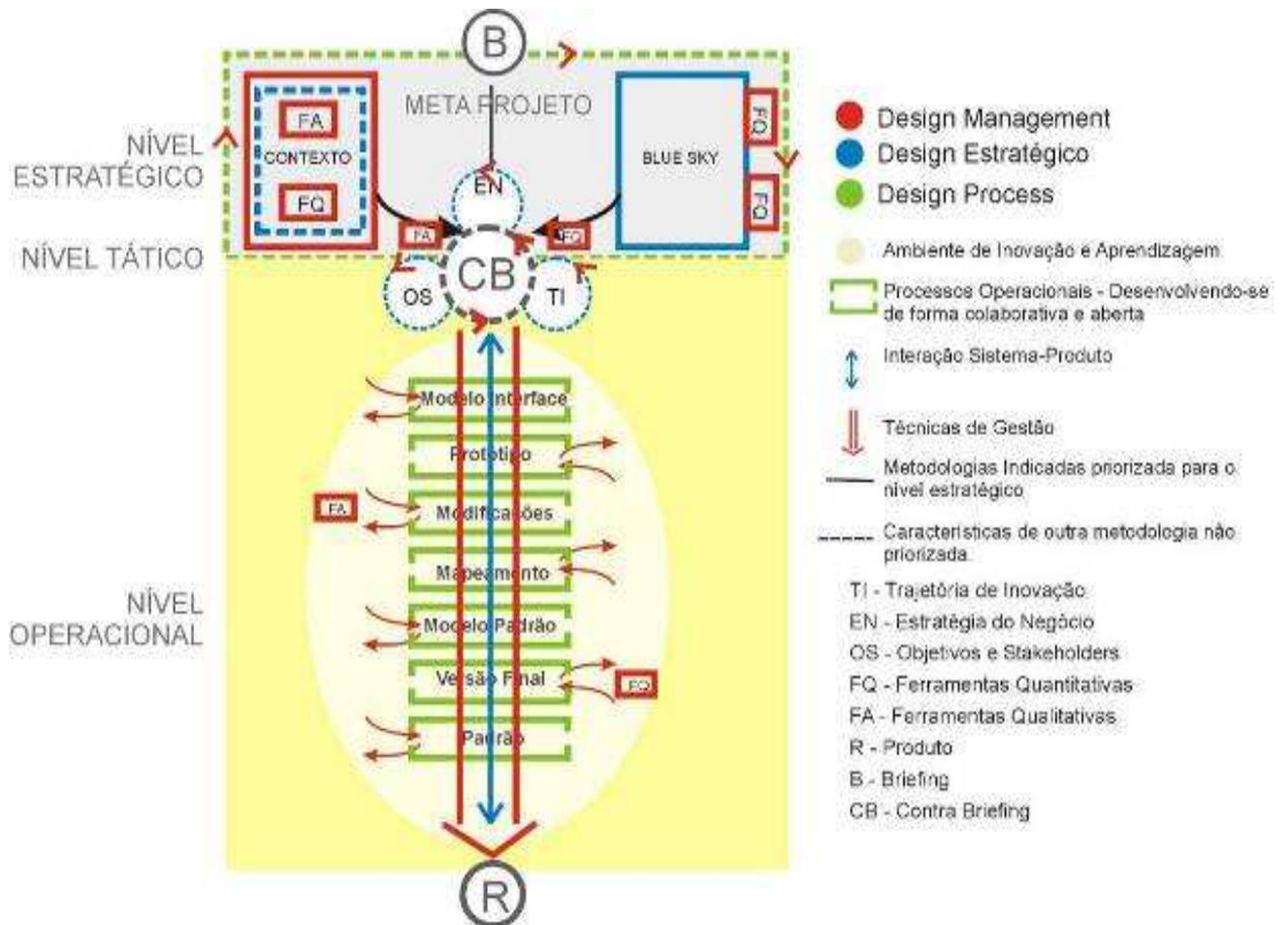


Fig.1 Diagrama inicial

O diagrama opera nos três níveis de uma organização: nível estratégico (o que fazer), nível tático (como fazer) e nível operacional (fazer).

A atuação estratégica (o que fazer) inicia na identificação de oportunidades quando são analisados os contextos e os cenários externos, comparados às circunstâncias internas da organização²⁴ (missão, posicionamento, objetivos gerais e objetivos específicos nos três níveis da organização).

²⁴ Organização: O termo é utilizado por Desserti (2007), para conceituar as diversas instituições que podem usufruir a aplicação da metodologia. No caso específico desse trabalho a organização se refere em alguns momentos ao *corpus*, em outros ao próprio trabalho.

Na interpretação das necessidades internas da organização – nível tático, essa metodologia estabelece duas abordagens de gestão para qualificar a organização. A primeira traz eficiência para os processos de produção, melhorando as operações atuais – princípios da qualidade total aplicados ao design; a segunda necessidade, também atuando no nível operacional (fazer), explora com sucesso o desenvolvimento de novos produtos através do foco em inovação.

É importante lembrar que mesmo explícito no diagrama o nível operacional²⁵ não foi foco do estudo. Como o metaprojeto foi a área da metodologia escolhida para modelar os passos da investigação do bairro Moinhos de Vento, é sobre ela que se farão as observações no exercício heurístico, assim como sobre ela é que se aprofundaram as análises, conceitos e propostas de modificações.

Para melhor identificar as metodologias e suas interações no diagrama (Fig.1), definiu-se para cada um dos conceitos uma cor: azul para Design Estratégico, vermelho para *Design Management* e verde para a utilização do design na realização dos processos. As demais linhas e observações do diagrama são de cor preta. As linhas cheias representam a metodologia indicada para cada nível da organização e a pontilhada, as características das outras metodologias que agregam valor à metodologia nas quais passam a se inserir.

O diagrama começou a ser desenhado, considerando, de modo sintético, as principais relevâncias de cada conceito: metaprojeto, pesquisa *Blue Sky* e *contrabriefing* no Design Estratégico, identificação de oportunidades (contexto), práticas de gestão e ferramentas quantitativas no *Design Management* e por último, o design atuando na qualificação dos processos.

Com a estrutura principal do diagrama definida, passou-se a verificar a relação das principais relevâncias do conjunto e as consequências de suas interações. As práticas de gestão relevantes do *Design Management* permeiam todas as relações dos três níveis da organização. Constataram-se, assim, modificações e acréscimos importantes ao diagrama inicial:

²⁵ O site www.moinhosdofuturo.com.br, resultado da aplicação de uma ferramenta (pág.60), demonstra – mesmo sem ser o objetivo final do estudo – a utilização da metodologia no nível operacional. Produto do exercício heurístico realizado, salienta características dos princípios epistemológicos do pensamento sistêmico (auto-referencialidade e *autpoiésis*), que foram aplicados durante a investigação.

- a) Práticas de gestão aliadas ao sistema-produto, transformando o contra-briefing (relevância do Design Estratégico) em elemento que modifica e torna sistêmico o nível tático, interagindo com processos operacionais e decisões estratégicas , conforme descrição na figura 2;

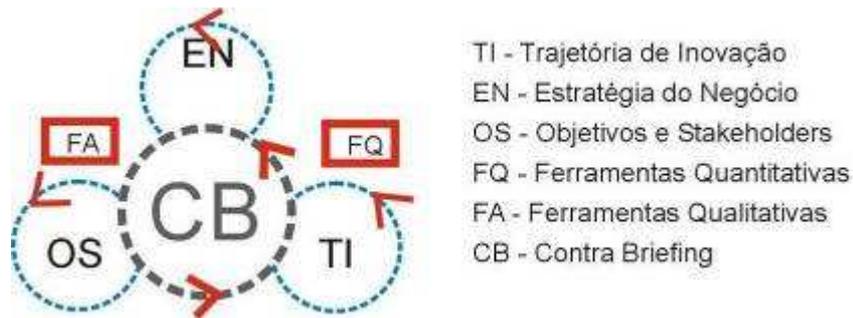


Fig.2. Contrabriefing: o mobilizador da reinvenção

- b) Ferramentas quantitativas junto à realização da pesquisa *Blue Sky*, complementando a análise de macrotendências e trazendo mais segurança à construção de cenários;
- c) Processos operacionais desenvolvendo-se de forma colaborativa e aberta, possibilitando a criação de um ambiente de aprendizagem capaz de favorecer a inovação e sistemicamente interagir com o nível tático. Desse modo, a participação de todos é valorizada, independente do nível de atuação.

2) Formulação do diagrama síntese, a partir do diagrama inicial

Estabelecida uma proposta de diagrama inicial, assim como um esquema do desenvolvimento da pesquisa, incorporaram-se a esse diagrama as ferramentas escolhidas para a investigação. Durante a realização da investigação, na aplicação das ferramentas e das suas interações, sentiu-se a necessidade de aperfeiçoar esse diagrama, fazendo ver as modificações que se estavam percebendo: a interdependências entre as ferramentas, os dados que vinham sendo coletados e a criação de um ambiente de aprendizagem formado por essa interação e pelo conceitos estudados na fundamentação teórico-metodológica.

Um novo diagrama foi construído e a seguir é apresentado, conforme figura 3:

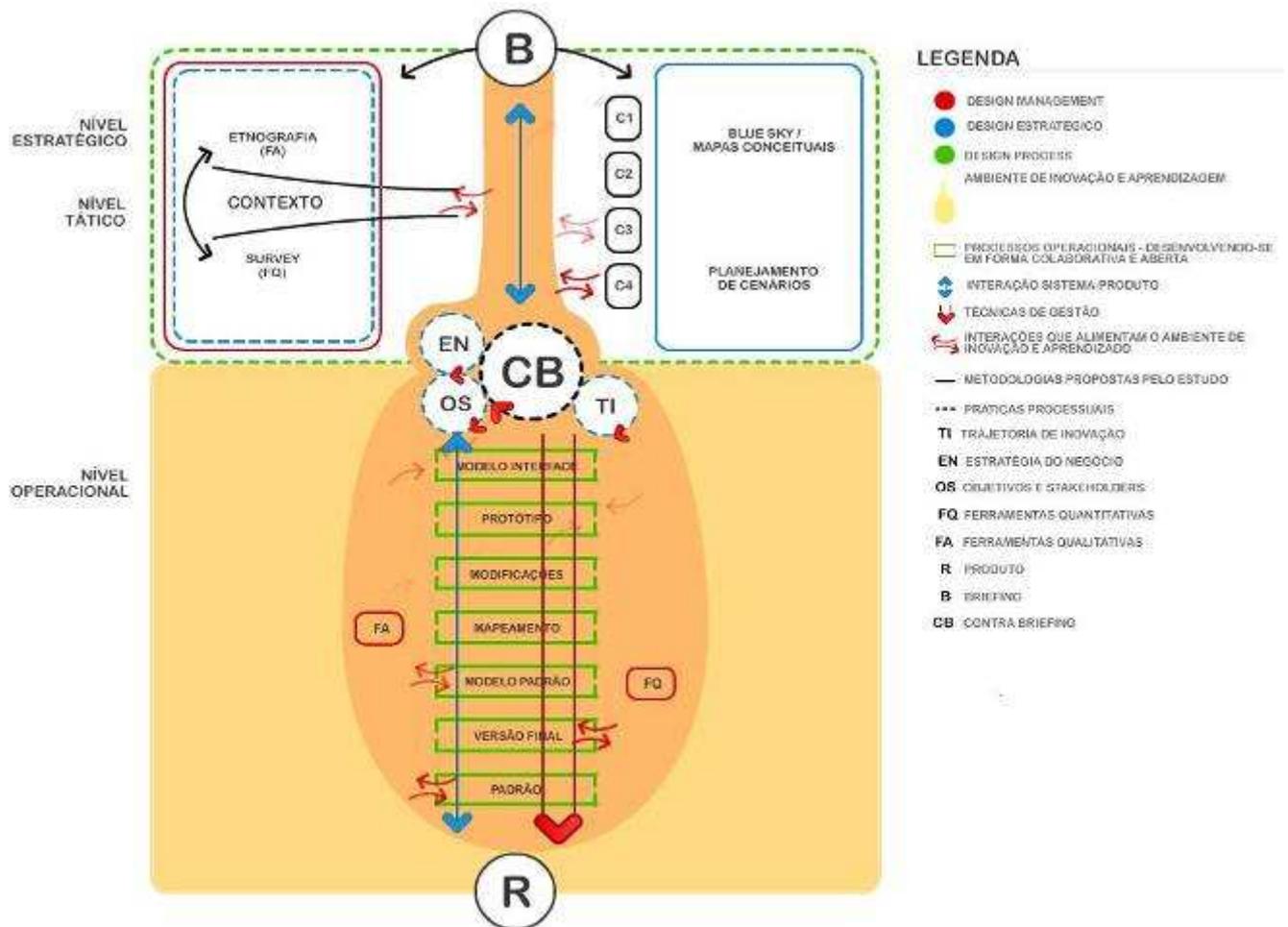


Fig.3 Novo diagrama síntese do Design Estratégico

A animação dessa metodologia, prevista no início do exercício, comprovou-se quando da utilização das ferramentas. À medida que iam sendo aplicadas, repercutiam no *corpus* e na própria investigação. Esse processo de troca constante entre metodologia, ferramentas (seus métodos e dados) e *corpus*, configurou de forma sistêmica aprendizados e reflexões teóricas. O *corpus* tornou-se o *briefing* do diagrama, exercendo fator estimulador na aplicação das ferramentas. As ferramentas se retroalimentaram simultaneamente à medida que buscavam seus objetivos: - o estudo de cenários através da pesquisa *Blue Sky* e da ferramenta de planejamento de cenários; e análise do contexto através do Estudo de Caso, alicerçado pela pesquisa etnográfica e pelos dados quantitativos da pesquisa *Survey*.

O processo, além de aprofundar o estudo das ferramentas aplicadas ao *corpus* investigado, criou na fase metaprojetual do Design Estratégico um ambiente de aprendizagem e inovação. Cenários e contexto interagiram, trazendo à tona conceitos

desenvolvidos na fundamentação teórico-metodológica, desafiando-os e confrontando-os com os dados coletados e as hipóteses formuladas. É o que se pode constatar na figura 3, e principalmente no Item 3, onde através de animação digital o novo diagrama ganha vida. O ambiente de inovação e aprendizagem é o campo sistêmico que irriga e é irrigado por todos os processos que compõem o desenvolvimento de um produto, ou como nesse estudo, de uma investigação. Além dos processos, a interação e a irrigação perpassam as áreas do conhecimento que referem a origem dos temas desenvolvidos na fundamentação teórico-metodológica os quais orientaram a investigação, assim como os métodos e ferramentas que desafiaram e foram desafiados pelo *corpus*.

A figura abaixo demonstra de forma esquemática essa interação:

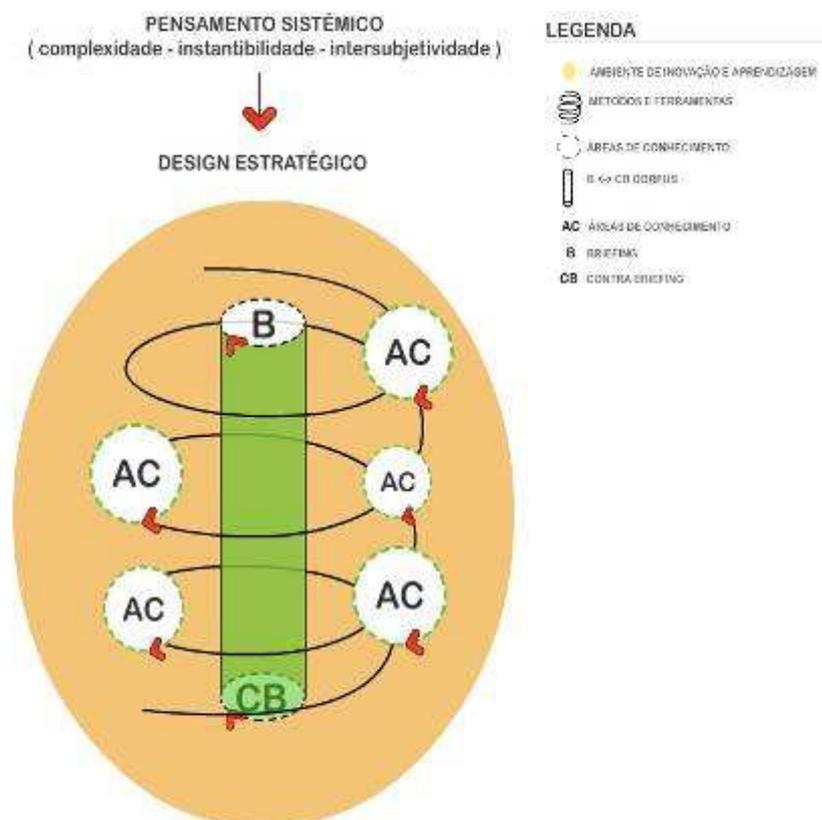


Fig. 4 Interação do *corpus*

Dessa forma, a grade heurística desenvolvida permite que se proponha uma nova forma de aplicação da metodologia do Design Estratégico, ilustrado pelo diagrama síntese. O ambiente de aprendizagem formulado nesse espaço, presente na fase metaprojetual, além de responder à problematização da investigação, possibilitou a comunicação de

instâncias separadas do conhecimento, e, como afirma Morin (1983), permitiu “Perceber um complexo significa perceber que suas partes constitutivas se comportam umas em relação às outras, de tal ou qual modo {e que} não podemos nem imaginar um objeto a não ser em conexão com outros objetos”.

A grade heurística desenvolvida permite também que de novos processos similares se projetem novas aprendizagens e novas possibilidades de construção de conhecimento, capazes até de estimular novas descobertas metodológicas.

3) Cd com diagrama síntese

Para melhor visualização do diagrama síntese, em animação digital, recomenda-se:

- a) Abrir a partir do ícone Home (pasta Animação): diagrama se constrói a partir do B (*briefing* ou *corpus*), a partir do diagrama completo, pode-se verificar a animação das ferramentas e da interação do *corpus*;
- b) Clicar na seta que liga B com CB e se verifica a interação do corpus com as áreas de conhecimento e a formação do ambiente de aprendizagem;
- c) Clicar na *Blue Sky* e se verifica os diagramas de construção da ferramenta;
- d) Clicar no Planejamento de Cenários e se verifica o formato da elaboração dos cenários a partir das incertezas críticas.

ANEXO F: Bairro na Zero Hora

Tabela com matérias do suplemento semanal do Jornal Zero Hora – Bairro Moinhos de Vento, que contribuíram para a identificação das tendências e padrões, assim como, para a priorização das incertezas críticas, etapa 5.5, página 14.

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Histórico - UM HÁBITO REFINADO SABOREADO EM GRUPO O charuto, protagonista de um refinado hábito cultural no Moinhos de Vento, mensalmente.	17	4	2008	8
Histórico - HÁ 19 ANOS NA TOCA DAS MÚSICAS Apaixonado por rock desde a infância Rogerio Cazzeta mantém loja de discos no Moinhos de vento por duas décadas.	24	4	2008	1
Histórico - LEVANDO A MISS BELA DO BAIRRO O maquiador Miguel costi realiza uma exposição fotográfica homenageando dez mulheres que fazem parte de sua história.	22	5	2008	4
Histórico - UMA RUA DO MOINHOS A avenida 24 de outubro é a mais tradicional e importante artéria do bairro Moinhos de Vento.	6	9	2008	54
Histórico - TRÊS DÉCADAS DE PARTO A enfermeira Ana Lori Schnorr trabalha há 30 anos no hospital do bairro Moinhos de Vento, e pelas contas dela já assistiu há 260 partos.	16	10	2008	8
Histórico - ELES CRESCERAM COM O PARCÃO O parcão comemora 36 anos, a homenagem terá um grande bolo e o parabéns será cantado por seus frequentadores.	6	11	2008	1
Histórico - HOMENAGEM AO PARCÃO As memórias, as recordações, o acompanhamento da evolução do Parcão.	6	11	2008	4
Histórico - DO REFÚGIO DE JANGO À PRIMEIRA PISCINA Augusto Bisson conta algumas histórias sobre a trajetória do bairro Moinhos de Vento.	6	11	2008	8
Festividade - MOINHOS DE VENTO É CENÁRIO DE CORRIDA A 10ª edição da corrida para vencer o diabetes organizada pelo Instituto da Criança com Diabetes.	1	5	2008	3

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Festividade - DO MUNDO PARA O MOINHOS Um diplomata nascido no Moinhos de Vento que ganhou o mundo e agora retornou para lançar livro e morar.	29	5	2008	12
Festividade - DO PRIMEIRO ENCONTRO AO CASAMENTO Casal que se conheceu no Moinhos de Vento e marcou o grande dia no bairro também.	5	6	2008	4
Festividade – CERIMÔNIA COMEMORA TOMBAMENTOS O Moinhos de vento sediará a cerimônia oficial de tombamento. de cinco dos seus tuneis verdes	26	7	2008	7
Festividade – PRIMEIRA PÁGINA É INAUGURADA Praça inaugurada, com a qual o médico Altair Vitello da o nome.	14	9	2008	9
Festividade – AÇÕES EM FILMES Curta metragens dos alunos do curso de Realização Audiovisual da Unisinos serão lançados no Anfiteatro Schwester Helda Sturm do Hospital Moinhos de Vento.	18	9	2008	9
Festividade – TAIJIQUAN NO PARCÃO Elio Lee, Chinês ensina arte marcial no Parque Moinhos de Vento.	2	10	2008	3
Festividade – DIFERENTES SOTAQUES NO PARCÃO Doze estudantes uruguaios participam de Intercâmbio na escola Uruguai no bairro Moinhos de Vento.	2	10	2008	1
Festividade – LIVRO CONTA HISTÓRIA DO MOINHOS DE VENTO Obra do jornalista Carlos Augusto Bisson inaugurada no dia 15 de outubro.	9	10	2008	4
Associações – MORADORES OPINAM SOBRE A ABERTURA Associação de moradores da Auxiliadora são favoráveis a uma área de lazer na rua Mata Bacelar.	3	4	2008	3
Associações – PRAÇA COM PASSAGEM OU VIA PARA CARROS Polêmica sobre a abertura da Rua Mata Bacelar, que pode se de tornar uma via com trânsito ou área de lazer.	24	4	2008	6

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Associações – QUATRO RUAS E UMA PRAÇA SÃO TOMBADAS A partir de uma mobilização dos moradores do bairro Moinhos de Vento o prefeito José Fogaça decretou o tombamento da extensão de quatro ruas e uma praça.	5	5	2008	5
Associações – UM MOSAICO DA ARTE E DA VIDA Moradora do Auxiliadora que aos 83 anos, frequenta aulas de mosaico, tapeçaria e poesia.	25	9	2008	12
Associações – DE MODELO AO BRASIL A reportagem divulgada no Jornal Nacional tomou como referência a associação do bairro Moinhos de Vento (Moinhos Vive).	9	10	2008	6
Associações – CONSENSO NA MATA BACELAR Dois grupos garantem ter chegado a um acordo: área deverá ter câmeras, guaritas e cerca.	30	10	2008	1
Equipamentos – UM CLUBE RENOVADO Reforma na Associação Leopoldina Juvenil inclui estacionamento para sócios e não sócios.	3	4	2008	1
Equipamentos – NOVO ASFALTO NA RUA A Secretaria Municipal de Obras e Viação revitalizou a rua Luciana de Abreu no bairro Moinhos de Vento.	3	4	2008	5
Equipamentos – O OUTRO LADO DO PARCÃO Foi inaugurada uma reforma que transformou a paisagem de um lado do parcão; uma quadra de futebol também foi refeita.	24	4	2008	1
Equipamentos – NOVA ADUTORA DO DMAE É ATIVADA A nova adutora de água bruta da estação de tratamento do MV chega com a promessa de estancar problemas .	24	4	2008	1
Equipamentos – BAIRRO CONQUISTA TOMBAMENTOS As árvores da praça Mauricio Cardoso ganharam proteção além da vegetação de quatro ruas do bairro Moinhos de Vento.	1	5	2008	Capa
Equipamentos – MORADORES SE QUIEXAM DA DERRUBADA DE ÁRVORES Terrenos que ocupam a rua Marquês do Herval receberam unidade de rede internacional de hotéis.	5	6	2008	6

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Prédios - - CAPITAL GANHA NOVA ÁREA DE LAZER A capital ganhará uma praça urbanizada na rua Mata Bacelar - que foi canteiro de obras por três anos.	23	6	2008	41
Prédios - O VERDE PRESERVADO Moinhos de Vento tem 14 vias protegidas que se tornaram patrimônios naturais e ecológicos.	3	7	2008	Capa
Prédios - PRAÇA GANHA FORMA NA AUXILIADORA Praça na Germano Petersen Júnior recebe os investimentos prometidos.	10	7	2008	3
Equipamentos - JARDINS DOS BONS TEMPOS Moradores da região lembram momentos na hidráulica e se preocupam com a conservação do local.	17	7	2008	1
Equipamentos - SACOS SE ACUMULAM NAS HIDRÁULICAS O abandono da Hidráulica do Moinhos de Vento ainda faz parte do cotidiano dos moradores.	31	7	2008	5
Equipamentos - RICALDONE SERÁ CERCADO Moradores comemoram instalação de grade que deverá preservar a área verde e oferecer mais segurança para o local.	28	8	2008	1
Equipamentos - UMA PROMESSA NÃO CUMPRIDA Segundo a leitora do ZH, a praça em frente ao seu prédio deveria ter sido construída há 30 anos de acordo com o prometido.	28	8	2008	3
Equipamentos - NOVO POSTO COMERCIAL Moinhos de Vento conta com um novo posto comercial do Departamento Municipal de Água e Esgoto.	18	9	2008	4
Equipamentos - ORÇAMENTO PARA GRADES Orçamento para o cercamento do Morro Ricaldone será dado por pelo menos três empresas.	18	9	2008	4
Prédios - A RUA DAS GALERIAS Na 24 de outubro, uma rota comercial para quem gosta de passear e fazer compras.	18	9	2008	6

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - MAIS OPÇÕES DE ENERGIA NO BAIRRO Obra de ampliação da rede de gás natural no Moinhos de Vento.	25	9	2008	6

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - CINE CORAL ESTÁ PARA ALUGAR Fechado desde 1994 Cine Coral na 24 de outubro, abrigará estabelecimentos como livrarias, bancos ou salão para eventos.	16	10	2008	3

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - ADOÇÃO DA ÁREA É RENOVADA POR UM ANO Foi assinado no dia 22 de Outubro a renovação da adoção do Parque Moinhos de Vento.	30	10	2008	7

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Mobilização - INDEPENDÊNCIA? PARECE QUE AINDA NÃO Esta seria a terceira reunião entre Câmara de Vereadores, secretarias municipais e moradores do bairro.	24	9	2009	6

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Mobilização - AS QUALIDADES E OS DEFEITOS DO MOINHOS Estudantes do Ensino Fundamental vêm o Moinhos como um lugar arborizado e com opções de atividades, mas também acusam a insegurança e a sujeira do local.	8	10	2009	10

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - QUEM CUIDA DO QUE É NOSSO Além de tombadas, edificações podem ser classificadas como inventariadas.	11	6	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - UM MORRO ABRAÇADO Foram iniciadas as obras para o cercamento da área verde do Morro Ricaldone, antiga reivindicação da comunidade da região.	13	8	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - MESAS E CADEIRAS DA DISCÓRDIA O prefeito José Fogaça tem até duas semanas para sancionar ou vetar o projeto de lei que amplia os horários para bares, restaurantes e lanchonetes manterem mesas e cadeiras sobre as calçadas da Capital.	28	5	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Prédios - HOTEL SEGUIRÁ ARQUITETURA ORIGINAL DA CASA No momento em que se tornou inviável manter o formoso casarão da Rua Doutor Vale, 579...	17	9	2009	4

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Transporte - MOBILIDADE URBANA É FOCO DE ASSOCIAÇÃO Além das vertentes que tem na economia e na arquitetura, a sustentabilidade também se equilibra sobre duas rodas e pedais.	3	9	2009	5

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - DE PARIS À ANDRADAS ...a Rua da Praia permitia o encontro de elite e periferia – que não se repete na passarela de hoje da Padre Chagas.	14	6	2009	9
Equipamentos - UM BAIRRO SUSTENTÁVEL É normal vermos hoje a comercialização de produtos ecologicamente corretos.	27	8	2009	1
Equipamentos - DE PORTAS ABERTAS À CORTE DO MOINHOS A atmosfera conspira a favor de um romance em um café no Moinhos.	3	9	2009	8
Equipamentos - CINE CORAL É ALUGADO Depois de 15 anos desativada, a antiga sede de um dos principais cinemas de rua de Porto Alegre – o Cine Coral – foi alugada por uma empresa de eventos que trabalha para reabri-la como um shopping de fábrica.	3	9	2009	1
Mobilização - ESTACIONAMENTO É A POLÊMICA DA VEZ NA ÁREA Depois de toda a mobilização pelo cercamento da área verde do Morro Ricaldone, a comunidade da região agora quer resolver outra pendência antiga. É a Garagem Moinhos.	17	9	2009	5
Personalidade - A PADRE CHAGAS DE SANT'ANA O colunista se propôs a lançar a moda de consultas médicas nos bares e restaurantes da rua..	24	9	2009	1
Comunidade - DA INFÂNCIA NO MOINHOS AO DOUTORADO EM PARIS O cenário do seu livro recém lançado sob o selo da Companhia das Letras, Sinuca embaixo d'Água, pode guardar semelhanças com a Zona Sul, mas foi no bairro Moinhos de Vento que a escritora Carol Bensimon...	24	9	2009	16
Comunidade - UM CASAL QUE CONSTRÓI ROMANTISMO NO BAIRRO Proprietários do Lê Bistrot e do Constantino.	11	6	2009	8
Equipamentos - DIFERENTES VISÕES DA MESMA PRAÇA ...o abandono de algumas praças e ruas do Moinhos pelo poder público, leia-se prefeitura.	28	5	2009	3
ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA

Comunidade - UM HOLANDÊS NA QUINTINO Aos 41 anos, o holandês Philippe Jacques Robert Schulman é ligado ao país por ser filho de uma brasileira.	28	5	2009	8
--	----	---	------	---

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - PARA REVIVER A INDEPENDÊNCIA Uma nova Independência. Mais segura, com boas calçadas, silêncio à noite, iluminação e câmeras nas ruas.	20	8	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - LANÇADA A REFORMA DA PARÓQUIA ...uma boa nova ressoou entre os fiéis e apoiadores da Igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada na Avenida Independência..	20	8	2009	9

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Comunidade - MOVIMENTO PARA REVIVER A INDEPENDÊNCIA Dia 4 de agosto, reuniram-se no Colégio Rosário, os moradores da Independência, o presidente da Câmara dos Vereadores, Sebastião Melo, o secretário municipal do meio ambiente, Professor Garcia...	13	8	2009	5

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - ALTO RISCO COM OS DIAS CONTADOS Deteriorado, o monumento a Castello Branco, um dos maiores símbolos do bairro, deve ser reformado em agosto.	30	7	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - SMIC FECHA BARES E BOATES NA REGIÃO N última semana, foi deflagrada a primeira ação da Operação Sossego, iniciativa da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic).	30	7	2009	8

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Segurança - UM REGIÃO (QUASE) SEM POLICIAIS Para testar o policiamento na área de cobertura do ZH Moinhos, a reportagem percorreu diversas vias em horários diferentes.	6	8	2009	1

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - PELO CERCAMENTO DO RICALDONE É com imensa satisfação que, após dois anos, informamos aos moradores do entorno do Morro Ricaldone a assinatura do contrato para o cercamento do local.	25	6	2009	3

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Personalidades - COMANDANTES DO FUTEBOL Os freqüentadores da academia ACM Fitness, do Shopping Total, têm a oportunidade de dividir os aparelhos...	25	6	2009	8

ASSUNTO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINA
Equipamentos - COMO A REGIÃO RECEBE OS TURISTAS Fortunatti vê bairro e arredores como espaço agregador na Copa.	1	10	2009	1